

The background of the cover is a deep red, textured surface. At the top, a bright, glowing cyan light source, resembling a sun or a large fireball, illuminates the scene. A vertical beam of light descends from this source, creating a path. In the center of this beam, a person in a dark suit is seen from behind, swimming or falling downwards. Below the main title, the subtitle is written in a smaller, white, sans-serif font. At the bottom of the cover, there are silhouettes of several people swimming or standing in the water, and some dark, branching shapes that look like coral or seaweed. The overall mood is mysterious and dramatic.

ALERTA VERMELHO

RED PILL, INCELS E A MISOGINIA DA MANOSFERA

JOSÉ HIGÍDIO

Trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Jornalismo

Departamento de Jornalismo e Editoração

Escola de Comunicações e Artes

Universidade de São Paulo

Orientação

Prof. Dr. Rodrigo Pelegrini Ratier

Capa e diagramação

Igor Sena

Agradecimentos

Aos meus pais, por todo o amor e todas as condições que me deram para chegar até aqui.

Mais especificamente: à minha mãe, pela revisão deste livro e por ter me ensinado a gostar de escrever; e ao meu pai, por ter me ensinado a gostar de todas as outras coisas que gosto além de escrever.

Ao meu irmão, por ser meu companheiro da vida toda.

Aos meus amigos, cuja companhia é a minha maior alegria — especialmente aqueles que chamo, com muito carinho, de família. E os agregados. E também o Pedrão.

Sendo clubista, meu especial apreço ao Danilo, que é minha maior inspiração e referência para absolutamente tudo; à Gabriela, que atura minha rabugice diariamente e tem os créditos por toda a premissa deste livro; e ao Igor, que tem os créditos pela linda capa e pela diagramação.

Por fim, ao meu orientador, por todo o apoio, pelas dicas e pela paciência.

Índice

A VERDADE	4
O BLOG, O MAU E O PRESO	35
O CARA NORMAL	66
O VIKING	81
O HOMEM CONTRA O SISTEMA	108
A REAL (PARE DE TOMAR A PÍLULA)	143



“Se você tomar a pílula azul, a história acaba. Você acorda na sua cama e acredita no que quiser acreditar. Se tomar a pílula vermelha, você fica no País das Maravilhas e eu te mostro o quão profunda é a toca do coelho.”

As frases transcritas acima remetem a uma cena clássica do filme *Matrix* (*The Matrix*, 1999). O dilema — apresentado pelo personagem Morpheus ao protagonista, Neo — também marca forte presença dentro da manosphere, que é tema deste livro.

Você, leitor(a), tem as mesmas opções que Neo. A pílula azul, neste caso, significa não ler as informações e histórias aqui contidas. Com isso, você será poupado(a) de descobrir detalhes sobre o submundo da misoginia na internet. Porém, ficará sem uma ampla noção sobre o perigo que tais comunidades virtuais representam.

Há também a opção da pílula vermelha. Se você resolver desbravar os capítulos desta publicação, entenderá melhor as nuances deste tema, que vem ganhando notoriedade nos últimos tempos. Nessa hipótese, no entanto, você descobrirá que está cercado(a) de discursos masculinistas.

“A Matrix está em todo lugar. Ela está em todo o nosso redor. Até mesmo agora, neste cômodo. Você pode vê-la quando olha pela sua janela, ou quando liga sua televisão. Você pode senti-la quando vai trabalhar, quando vai para a

igreja, quando paga seus impostos”. Na obra norte-americana de 1999, esta é a primeira explicação dada por Morpheus sobre o conceito da Matrix.

Aqui, se você optar pela pílula vermelha, entenderá melhor como os masculinistas acreditam nessa tese do filme, ainda que à sua própria maneira. Mais do que isso, você aprenderá que eles estão ao redor. Você pode ver masculinistas quando olha pela sua janela, quando liga sua televisão, no trabalho, na igreja... Mas, principalmente, na tela do dispositivo pelo qual você lê estas palavras.



Uma vasta rede de *blogs*, fóruns, canais e outros tipos de comunidades virtuais, focados em questões e interesses masculinos. Apesar da existência de controvérsias conceituais, esta é a definição mais básica possível da manosfera, com a qual os próprios membros estão de acordo. Muitos deles — conhecidos como masculinistas — enxergam a manosfera como um meio para tratar de relações de gênero sob a perspectiva do homem.

Para além disso, há um ponto importante, destacado por todos os especialistas e estudiosos do assunto, mas pouco aceito pelos masculinistas: a manosfera promove antagonismo em relação às mulheres. Por isso, está associada a assédio virtual e violência no mundo real.

O principal inimigo da manosfera é o feminismo, tido pelos masculinistas como um movimento hipócrita e opressor. Para eles, a masculinidade é constantemente atacada por forças “misândricas” (munidas de desprezo contra o sexo masculino) que “tomaram conta” do mundo moderno.

O termo “manosfera” surgiu na internet, mas foi popularizado em 2013 com a publicação de um livro de introdução ao conceito, chamado *A Manosfera: Uma Nova Esperança para a Masculinidade* (*The Manosphere: A New Hope for Masculinity*), de Ian Ironwood — pseudônimo de um autor desconhecido dos EUA que se define como um “notável blogueiro da manosfera” e “crítico de pornografia”.

A partir disso, o termo passou a ser usado pelos próprios masculinistas e pela imprensa. Ele é exatamente o que parece: a junção da palavra “*man*” (homem, em inglês) com o sufixo “*sphere*” (esfera, do grego “*sfaira*”, também usado em palavras como atmosfera e biosfera), que passa a ideia de um local onde tais homens se concentram. No Brasil, também é usada a variação “machosfera”.

A manosfera de hoje funciona dentro da internet, mas seus princípios são anteriores a ela: remontam às décadas de 1960 e 1970. A época marcou a ascensão do movimento de libertação masculina. Seus seguidores eram adeptos de uma teoria crítica aos papéis do gênero masculino, vistos como opressores dentro de uma sociedade machista. Eles eram simpáticos ao feminismo e acreditavam que o patriarcado trazia problemas tanto para as mulheres quanto para os homens.

Porém, uma corrente deste grupo passou a desvirtuar os ideais originais e encarar a questão somente a partir dos problemas gerados aos homens. Esta

ramificação criou a ideia de que o feminismo e o empoderamento das mulheres colocavam os homens em desvantagem na sociedade. Surgia, assim, o movimento dos direitos masculinos, cujos seguidores foram chamados de ativistas pelos direitos dos homens (*men's rights activists* ou MRAs).

Com o surgimento da internet e o aumento exponencial da disseminação de informação, as teorias tradicionais dos MRAs ganharam novos contornos. As ideias antifeministas tiveram novas interpretações e começaram a se espalhar de maneiras mais impactantes por todos os cantos.

Em 2016, a pesquisadora canadense Mary Lilly, em sua tese de mestrado em Ciência Política na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Ottawa, classificou a manosphere em quatro grupos: MRAs, PUAs, MGTOWs e incels.



Afundando na misoginia

Antes de mergulhar nas definições de cada grupo masculinista, explico como consegui detalhes sobre os conteúdos da manosphere. Na primeira quinzena de janeiro de 2023, monitorei, informalmente, um fórum incel da internet. O objetivo era apenas entender melhor que tipo de conteúdo é compartilhado e debatido nas partes anônimas da manosphere.

O escolhido foi o “incels.is”, cujas publicações são todas em inglês. Além do fórum, os membros também mantêm a Incel Wiki, uma “Wikipédia incel”, com informações sobre seus conceitos e comunidades.

O incels.is foi criado em 2017, em resposta ao banimento de um *subreddit* (comunidade do site Reddit) chamado “r/incels”. Segundo a Incel Wiki, ele é, atualmente, o maior fórum da “incelosfera”. A informação pode não ser verdadeira — já que é fornecida unilateralmente pelos próprios usuários do site — e não é checável — pois muitos dos fóruns estão escondidos em outras camadas da internet. Porém, é, de fato, o fórum incel mais mencionado em outros sites e mais fácil de ser encontrado.

Em meados de março de 2023, conforme dados do próprio fórum, o incels.is tinha mais de 20 mil membros cadastrados e 9,8 milhões de *posts*. A cada dia, entre 200 e 400 *threads* são iniciadas no site. A maioria ganha ao menos cem visualizações nas primeiras 24 horas, com número variado de respostas. Algumas atingem a marca de milhares de *views*. Para filtrar os principais conteúdos, minha análise informal feita em janeiro levou em conta apenas as publicações que obtiveram ao menos 500 visualizações em até três dias.

Durante meus acessos diários ao incels.is, não criei uma conta — portanto não interagi em nenhuma postagem. Atuei apenas como um *lurker* — no jargão da internet, uma pessoa que apenas observa as discussões de uma comunidade, sem participar ativamente delas.

Ao longo deste livro, já a partir deste capítulo, mostrarei exemplos de conteúdos extremos e violentos da manosphere. Alerta: eles não somente violam de forma intensa os direitos humanos (especialmente com ofensas misóginas, homofóbicas e racistas), como também tratam explicitamente de crimes hediondos, como estupro e homicídio.



Os já citados MRAs costumam focar seus debates em problemas sociais e nas instituições governamentais — que, segundo eles, promovem uma discriminação contra os homens. Dentro da sua crença de violação de direitos masculinos, os assuntos mais abordados são divórcios, guarda parental (pois se sentem usados e prejudicados pelas mulheres em questões familiares) e o alistamento militar (são contra a obrigatoriedade).

Já os PUAs formam um grupo peculiar de masculinistas que buscam se aproveitar das mulheres para satisfazer seus desejos sexuais. A sigla significa *pickup artists*; em português, artistas da sedução (ou da “pegação”).

Esta comunidade se dedica a técnicas e mentalidades destinadas a ajudar os homens a “pegar” mulheres. As estratégias envolvem, muitas vezes, a manipulação emocional ou até insultos, sempre no intuito de ludibriá-las e convencê-las a “ir para a cama”. Os PUAs muitas vezes se autodenominam *coaches* (treinadores, instrutores) de relacionamento.

Os MRAs e PUAs são comunidades mais antigas da internet. Com o passar dos anos, elas foram ofuscadas e deram espaço a novos grupos, especialmente MGTOWs e incels.

MGTOW (pronuncia-se “migtau”) é a sigla para “*men going their own way*” (homens seguindo seu próprio caminho). Os adeptos desta filosofia também acreditam que a sociedade é prejudicial aos homens. Muitos alegam já terem sido maltratados pelas mulheres. Por isso, pregam a rejeição a elas — ou até a todos os parâmetros da sociedade ocidental moderna. Na visão deles, é impossível mudar o “sistema”. A solução: seguir seu próprio caminho.

Em outras palavras, esses homens escolhem se afastar de qualquer “influência negativa” das mulheres. Muitas vezes, isso significa abrir mão de qualquer tipo de relacionamento afetivo a longo prazo com elas.

Esse é o traço pelo qual os MGTOWs são mais conhecidos. Entretanto, não é algo obrigatório dentro da sua filosofia. Como tudo se mistura dentro da manosphere, acabam surgindo híbridos. Assim, existem homens que defendem a filosofia MGTOW mas têm relacionamentos, às vezes até mesmo casamentos.

O movimento é focado nos ideais de separatismo masculino, antifeminismo e oposição ao que chamam de ginocentrismo (mulheres no centro de tudo). Os MGTOWs costumam falar sobre os perigos e os poucos benefícios do “mercado sexual” na atualidade. Outro assunto bastante popular entre os seguidores é o abandono da pornografia e da masturbação.

Por fim, existem os incels — os membros mais conhecidos da manosphere. O termo é a abreviação de “celibatários involuntários”, ou seja, homens que não conseguem ter relacionamentos com mulheres.

Na internet, os incels têm a “fama” de culpar as mulheres por sua condição celibatária. No entanto, muitos deles, preocupados com a estereotipização do conceito, negam veementemente que esta seja uma característica inerente a todos os incels.

Algo definitivamente comum aos membros das comunidades incel é a obsessão com a aparência. Eles acreditam fortemente que a beleza é o fator mais determinante para se obter um relacionamento. Por isso, entendem que sua condição é fruto de seus traços físicos — todos se consideram feios ou muito feios.

Como o celibato involuntário pressupõe uma solidão, ao menos no campo amoroso, as comunidades incel estão repletas de relatos autodepreciativos. É comum encontrar incels que cogitam ou pelo menos falam sobre suicídio durante suas atividades virtuais.

Eles também são associados a ataques misóginos na web e fora dela. O termo se tornou popular fora dos recantos da manosphere nos anos 2010, devido à ocorrência de assassinatos em massa, cometidos por homens autodeclarados incels, cansados da sociedade e de sua exclusão.

Devido a esses ataques, o termo incel já é bastante conhecido e faz parte do imaginário do usuário médio da internet, mesmo nas redes sociais *mainstream*. Até por isso, a palavra se tornou uma ofensa. Para além do seu significado

original, passou a ser usada de forma pejorativa (ou até irônica), como forma de caracterizar qualquer homem que apresente tendências misóginas e preconceituosas, ou mesmo antifeministas no geral.



Uma das atividades favoritas dos incels é discutir exaustivamente os conceitos criados por eles mesmos. Muitas vezes, isso ocorre na forma de um simples relato sobre a vida pessoal. No incels.is, me deparei, por exemplo, com a história de um usuário que, durante a adolescência, julgava ter uma aparência decente e até despertava o interesse de algumas mulheres. Ele conta que, aos 15 anos, uma garota chegou a pedir para beijá-lo, mas ele rejeitou, pois ela tinha muita acne.

“Às vezes eu me pergunto como minha vida teria sido se eu tivesse retribuído a atenção dela e talvez a beijado”, diz ele. Mais tarde, após a puberdade, o autor do *post* alega ter ficado extremamente feio. Segundo ele, ninguém nunca mais lhe deu atenção.

Já outro usuário explica que quer ter relações sexuais, mas não mais deseje ter relacionamentos amorosos com mulheres, pois não acredita que elas possam genuinamente amar um homem. A confissão veio acompanhada de uma analogia: “Uma mulher é como uma besta: se você domesticá-la e dominá-la, ela

vai trazer algo bom para sua vida. Mas se você não domesticá-la e, em vez disso, tratá-la como igual, ela vai perceber que você é fraco e te destruir”.

Em outra thread, um usuário — que tem em sua foto de perfil o Adolf Hitler do filme alemão *A Queda! As Últimas Horas de Hitler* (*Der Untergang*, 2004) — expressa repúdio aos conselhos dados por outros membros do fórum. Muitos de seus colegas dizem que os incels devem se contentar com sexo por meio de tecnologias de realidade virtual ou com garotas de programa. Na visão do Hitler incel, todos que pregam uma vida de “hedonismo” (focada no prazer) deveriam se matar.

Os conflitos entre os membros não são incomuns. Muitos incels buscam sempre ressaltar que são “mais incels” do que os outros; que sua situação é pior que a dos demais; ou que determinado usuário não deveria estar no fórum, porque não é, de fato, um incel.

Um exemplo disso é uma postagem de teor bem simples no incels.is: “A maioria de vocês são *fakecels* ou *volcels*”. No jargão das comunidades, um *fakecel* (de *fake*, “falso” em inglês) é alguém que finge ser incel ou se enxerga como um incel, apesar de ter experiências com mulheres (ainda que no passado). Já *volcel* é a abreviação de celibatário voluntário, ou seja, alguém que escolheu não ter relações afetivas.

Outro ataque contra membros da própria manosphere está presente em uma publicação na qual o autor alega que os incels presentes nas universidades não são incels verdadeiros, mas sim *volcels*. Segundo o usuário, esses rapazes po-

deriam facilmente se aproveitar de mulheres bêbadas, das quais estariam cercados.

Para exemplificar, ele mostra um *print* de outro *post*, do Reddit, no qual um homem admite ter transado com uma mulher que não queria e estava embriagada, mas alega que o ato não configurou estupro, pois foi ela quem escolheu se embebedar. É possível ler na imagem: “Eu forcei alguém a beber? Eu batizei a bebida de alguém? Não”.



Mar vermelho

Apesar de alguns estudos recentes importantes como o de Mary Lilly terem desvendado alguns aspectos da manosfera, esse ecossistema digital é muito grande e possui diversas ramificações ocultas. Ainda não há um entendimento definitivo sobre seu funcionamento, a evolução das diferentes comunidades e as interações entre elas.

Porém, é sabido que os usuários ativos da manosfera muitas vezes flutuam entre as comunidades. Um estudo multidisciplinar feito em 2020 por um grupo de pesquisadores de diversas universidades e presente em uma publicação científica de 2021 da Associação para Avanços da Inteligência Artificial (AAAI) mapeou

os movimentos internos da manosfera. Os autores ressaltaram a importância de se analisar as diferentes comunidades em conjunto, em vez de separadamente.

Conforme a pesquisa, houve um grande fluxo migratório de MRAs para subreddits de MGTOWs, o que demonstra a semelhança entre esses grupos. Além disso, muitos usuários envolvidos em comunidades PUAs passaram a frequentar subreddits ainda mais antifeministas, cujos usuários, por sua vez, migraram para o MGTOW.

Outra conclusão do estudo é a de que as comunidades mais novas, como os incels e MGTOWs, são significativamente mais tóxicas e misóginas do que as mais antigas (MRAs e PUAs), o que pode indicar uma tendência da manosfera como um todo.

Apesar das diferenças conceituais, dos recorrentes conflitos internos e das contradições, todos os conteúdos da manosfera se misturam na internet em meio ao conceito da *red pill* — a pílula vermelha.



A violência contra mulheres é algo bastante aceito, quando não louvado, pelos incels nos fóruns. Um dos membros do incels.is compartilha um vídeo em que o ex-atleta de kickboxing e influenciador britânico-americano Andrew Tate agride — com as mãos e com um cinto — uma mulher de lingerie em uma cama.

Ele a repreende verbalmente por falar em eslovaco e não obedecê-lo, profere xingamentos, desfere tapas contra ela e puxa seu cabelo.

Tate é famoso na internet e idolatrado na manosphere por expressar abertamente opiniões misóginas, racistas e homofóbicas em suas publicações nas redes sociais. Ele participou do *reality show Big Brother* britânico em 2016, mas foi expulso após vir a público o vídeo da agressão (o mesmo publicado no incels.is). Mais tarde, ele e a mulher do vídeo disseram que as ações foram consensuais.

Em dezembro de 2022, Tate foi preso na Romênia por tráfico humano e estupro. Ele é suspeito de ter enganado várias vítimas, inclusive menores de idade, com fins de exploração sexual, particularmente para a produção de filmes pornográficos. A prisão preventiva do *influencer* foi estendida duas vezes, mas a medida foi substituída por prisão domiciliar no fim de março de 2023.

O estupro, aliás, não é um tabu dentro do incels.is. Um membro é responsável por uma publicação sobre os “benefícios do estupro”. Ele zomba de diversos aspectos da prática do crime. Afirma, por exemplo, que isso pode ajudar as mulheres, pois os homens ficariam satisfeitos e não existiriam mais *youtubers* da *red pill*; diz que a maioria das mulheres têm fantasias sexuais sobre serem estupradas; e argumenta que, se mais mulheres forem vítimas de estupros, terão mais força psicológica e “finalmente vão derrotar os homens e o patriarcado”.

Este usuário usa a foto e o nome de Paul Bernardo, conhecido como o Estuprador de Scarborough — distrito de Toronto, no Canadá. Bernardo cometeu uma série de estupros e assassinatos entre 1987 e 1990.



A analogia do começo deste capítulo não foi feita por acaso. Naqueles primeiros parágrafos, o conceito das pílulas, presente em *Matrix*, foi apropriado de uma forma totalmente distorcida, para passar uma ideia sobre o que seriam a *blue* e a *red pill* dentro de um contexto determinado por este autor. É exatamente o que fazem os masculinistas quando citam essa ideia.

No filme de 1999, engolir a pílula azul (*blue pill*) significa se manter dentro do pensamento das “massas” e acreditar que não há nada de errado com o mundo ilusório ao seu redor. Tomar a *red pill*, por outro lado, implica aceitar a dura realidade daquele mundo de ficção — no qual a consciência de todos os humanos está presa em uma simulação (a Matrix), criada por máquinas inteligentes que usam os corpos das pessoas como fonte de energia.

A metáfora foi estendida a partir da sua ideia central de rejeição às falsidades populares. O conceito passou a representar uma estrutura ideológica aplicável aos mais diversos campos, como política e relacionamentos. O termo *pill* se tornou um meme e deu origem a um amplo jargão da internet, que vai muito além da mera dicotomia do filme.

Dentro da manosphere, um “redpillado” é quem “percebe” que os oprimidos e discriminados são os homens, e não as mulheres. Ou seja, dentro da sociedade, os homens seriam escravos — tal qual a humanidade conectada à Matrix.

Em uma análise mais ampla, tomar a *red pill* seria o equivalente a reconhecer que o gênero masculino é visto como descartável; que a sociedade moderna é fundamentalmente ginocêntrica (centralizada na figura da mulher); e que as mulheres buscam sempre enganar os homens.

Quando aplicada aos relacionamentos, a *red pill* da manosphere se tornou uma espécie de cartilha de comportamento, com ênfase no desenvolvimento pessoal e na confiança. Os masculinistas costumam retratar o “mercado sexual” como um perde-ganha. Assim, um homem autocentrado é visto como bem-sucedido nos relacionamentos e na vida em geral.

O mais famoso conceito derivado da *red pill*, dentre aqueles surgidos na internet, é o da *black pill*, associada aos incels. A pílula preta, negra ou escura nada mais é do que a filosofia que coloca a boa aparência como o fator mais decisivo para o sucesso nos relacionamentos.

Outros fatores secundários geralmente citados são o dinheiro, o status e a competência social. Uma definição expandida da *black pill* é a de que os relacionamentos e a qualidade de vida de um homem geralmente dependem de características determinadas pela sua genética.

As explicações foram retiradas da Incel Wiki. Conceitos mais específicos da comunidade incel também serão discutidos nos próximos capítulos, a partir de personagens.

À época de seu lançamento, *Matrix* foi assinado pelos “irmãos Wachowski”. Hoje em dia, a dupla responsável pela direção do longa é conhecida como “irmãs Wachowski”. Lana e Lilly são mulheres trans, que passaram por suas respectivas transições de gênero a partir dos anos 2000.

Em 2020, a própria Lilly afirmou que o filme de 1999 é uma metáfora sobre a experiência de ser transgênero. A esta altura, o discurso da *red pill* já estava altamente disseminado pela manosphere, onde a transfobia é bastante comum, em meio a diversas outras formas de preconceito.



Ágoras do extremismo

Apesar de toda a cultura incel se basear na falta de contato com mulheres, as discussões sobre o sexo feminino não são as mais populares no incels.is. Claro, muitos usuários gostam de ressaltar que as mulheres são vilãs e culpadas por todos os males da sociedade. Mas esses *posts* não são maioria e não figuram entre os mais vistos.

Ao que parece, a suposta perversidade das mulheres é um tópico muito elementar para aquele universo. Discussões do tipo já são “batidas” para os membros. Com isso, é mais fácil encontrar incels xingando outras minorias, especialmente raciais.



Boa parte da manosfera — ou pelo menos das suas porções mais obscuras — gira em torno de fóruns virtuais de discussão, conhecidos como chans (termo que vem de *channels*, palavra em inglês para “canais”).

Os chans são fóruns do tipo *imageboard* (quadro de imagens). Esta modalidade tem uma interface simples, baseada na publicação de imagens e textos. Nem todo *imageboard* é extremista ou faz parte da manosfera. Muitos são grandes fontes de memes populares da internet. Mas, graças ao anonimato garantido aos usuários, os chans se tornam locais propícios à concentração de conteúdos com preconceitos, discursos de ódio e ameaças.

Os frequentadores dos chans se cadastram, criam *usernames* (pseudônimos virtuais) e escolhem fotos para seus perfis. Não é preciso fornecer qualquer dado pessoal. As fotos de perfil nunca correspondem a retratos verdadeiros dos usuários; geralmente são memes, imagens de terceiros ou de obras de ficção. Não há controle ou filtragem das postagens e não é possível identificar os autores, o que dificulta medidas de responsabilização por eventuais danos.

Os chans não abrigam apenas os membros da manosfera. Mas muitos masculinistas frequentam os chans e, conseqüentemente, estão em contato com outros tipos de conteúdos preconceituosos e extremistas. Além da misoginia, é

fácil encontrar nos chans racismo, LGBTfobia, capacitismo, apologia à violência e a diversos outros crimes — incluindo terrorismo — e até mesmo neonazismo.

Alguns fóruns ficam na *surface web*, a superfície da internet, pois podem ser encontrados a partir de mecanismos de busca como o Google. Já outros chans ficam na *deep web* — porção da internet inalcançável por meio desses mecanismos de busca, cujas páginas só podem ser acessadas através de credenciais específicas — ou até na *dark web* — parcela da *deep web* que só pode ser acessada por meio de um navegador criptografado.

O fórum mais conhecido internacionalmente (já que seus *posts* são em inglês) é o 4chan, criado em 2003 e ativo até hoje na *surface web*. Outro que atingiu bastante destaque foi o 8chan, que funcionou de 2013 a 2019. No Brasil, os fóruns são mais raros e bem menos movimentados. O mais conhecido é o Dogolachan, que esteve ativo entre 2013 e 2020 — a maior parte do tempo na superfície da internet.



Entre boa parte dos incels, há uma forte crença de que brancos têm uma aparência inerentemente melhor do que outras etnias — e, portanto, mais chances de obter relacionamentos. Até mesmo incels não brancos são adeptos dessa teoria. Há, inclusive, uma corrente segundo a qual basta ser branco para conseguir uma mulher.

Um seguidor desta vertente detalha a tese em um *post* do fórum. Para ele, a maioria dos incels brancos conseguiria se relacionar com mulheres caso se esforçasse mais. Outro deles alega que incels brancos não seriam incels de verdade, mas apenas preguiçosos ou incompetentes.

Uma enquete no incels.is questiona se brancos podem deixar de ser incels caso simplesmente se mudem para a América do Sul (onde teriam “vantagem” pela sua etnia). A maioria dos votantes concorda.

A partir desta ideia de superioridade genética, a violência contra outras etnias se torna comum. É o que ocorre contra pessoas negras. Inúmeros membros da comunidade utilizam sem pudor algum a chamada “*N-word*” — o termo “*nigger*” ou “*nigga*”, considerado extremamente ofensivo quando não usado pelos próprios negros.

Um usuário compartilha a notícia de que um jovem negro foi morto no estado norte-americano do Texas por um grupo de sérvios, após uma garçonete, também sérvia, tirar uma selfie com ele. O autor diz que os assassinos são “*based*” — um termo da *manosfera* usado como elogio ou expressão de concordância, geralmente para temas impopulares.

Também circula no fórum um vídeo de um garoto negro batendo em um garoto branco. Diversos comentários atribuem o comportamento do agressor à sua etnia.

Uma publicação mostra um usuário do Reddit que impediu sua filha branca de apresentar o namorado negro para seus pais (avós da garota), por prever que eles não aceitariam uma relação inter-racial. Os comentários estão repletos de elogios aos avós.

Pessoas de origem asiática também estão entre os principais alvos dos incels. Os membros do fórum se divertem, por exemplo, com um vídeo de um homem branco xingando uma mulher amarela de “asiática estúpida”.

Um usuário denominado “Vilão da *Black Pill*” conta que foi rejeitado por uma garota amarela e, por isso, pede dicas de insultos étnicos. “Precisa ser bem racista contra a China e os chineses”, ressalta. Os colegas liberam sua criatividade ofensiva em mais de 70 comentários. O termo mais citado é “*noodlewhore*”: “*noodle*” é um prato típico da culinária de muitas culturas asiáticas, enquanto “*whore*” é o equivalente a “puta”.

Já outro usuário, que usa uma suástica como foto de perfil, diz que sente raiva quando vê algum homem amarelo com uma mulher “ariana”. Segundo ele, a mulher estaria “arruinando” a genética de seus potenciais descendentes.

Uma notícia sobre policiais canadenses flagrados em uma discussão sobre casais inter-raciais recebeu bastante atenção no incels.is. Um dos agentes alegou que os dias da raça branca estão acabando, pois os casais de hoje em dia são todos miscigenados, especialmente entre brancos e asiáticos. Um usuário ri e diz que o policial falou a verdade. Também afirma que, para as mulheres amarelas, traços genéticos brancos seriam mais importantes que dinheiro.

Os grupos étnicos do Sul da Ásia são ainda mais perseguidos. Algumas das principais vítimas dos incels são os indianos e paquistaneses (tanto nativos quanto descendentes). Boa parte dos membros do fórum acreditam que homens sul-asiáticos são “menos masculinos” do que os brancos.

O “Vilão da *Black Pill*”, que alega morar na Europa, faz uma reclamação: suas encomendas sempre são entregues por indianos ou paquistaneses. Segundo o usuário, todos são mal-educados. Por isso, ele diz que, na próxima vez, quer cuspir no entregador. Também faz comentários degradantes contra eles: “escória paquistanesa”, “indiano com pele de merda”, “subumano de turbante”.

Outro membro do fórum também se refere aos indianos como “lixo genético”. Segundo ele, “se o casamento arranjado não existisse, toda essa raça subumana jamais teria existido”.

Uma publicação popular no fórum mostra um print de um perfil de uma mulher branca dos EUA no *app* de relacionamentos Tinder. Ela conta que se converteu ao islamismo recentemente. O autor do *post* diz que ela fez isso porque teria um forte desejo por “pintos árabes e paquistaneses”.



Para além das telas

A violência presente na manosphere não se restringe à internet. Já foram registrados diversos atentados praticados por masculinistas. O primeiro de que se tem notícia é anterior à criação da internet: o massacre da Escola Politécnica de Montreal — a faculdade de Engenharia da Universidade de Montreal, no Canadá. Em 1989, um rapaz de 25 anos chamado Marc Lépine usou um rifle semiautomático para assassinar 14 mulheres, ferir mais 14 pessoas e cometer suicídio.

Ele separou homens e mulheres em uma sala de aula, pois seus alvos originais eram apenas do sexo feminino. Durante o ato, Lépine gritou que odiava feministas e alegou que estava lutando contra o feminismo. Sua nota de suicídio também culpava as feministas por arruinar sua vida.

Já com a internet consolidada e a manosphere em ascensão, massacres do tipo voltaram à tona e passaram a ser associados principalmente a incels. O mais famoso é o de Elliot Rodger, um rapaz norte-americano de 22 anos que, em 2014, matou seis pessoas a facadas e tiros e depois se suicidou. O ato ocorreu na comunidade de Isla Vista, no condado de Santa Bárbara, próximo ao campus da Universidade da Califórnia.

Por meio de um manuscrito distribuído a seus conhecidos antes do ataque e de um vídeo publicado no YouTube, Rodger expressou intensa frustração com sua virgindade e incredulidade com as mulheres, que não queriam ter relações sexuais com ele. O principal alvo do rapaz era uma república feminina de estudantes, cujas integrantes foram descritas pelo jovem como o tipo de garotas que

ele sempre desejou e nunca pôde ter. O massacre, segundo Rodger, seria uma vingança contra a sociedade que teria lhe negado sexo e amor.

O episódio foi amplamente coberto pela mídia e Rodger passou a ser retratado como um exemplo de um “herói incel”. Embora uma parcela dos incels rejeite a idolatria, Rodger é, de fato, tratado como herói, ou pelo menos com respeito, por membros dos fóruns.



No incels.is, é possível encontrar membros que sempre escrevem as letras E e R em caixa alta quando estão contidas em uma palavra — por exemplo: *mat-tER*, *laddER*. A prática é uma forma de homenagem a Elliot Rodger, já que as letras representam as iniciais de seu nome.

Nas comunidades incel, também é usada (muitas vezes de forma irônica) a expressão “*to go ER*”, que significa cometer um ato de violência em massa e morrer durante o processo, da mesma forma que Rodger.



Depois de ER, massacres do tipo se tornaram mais recorrentes. Em 2015, um estudante de 26 anos da Faculdade Comunitária Umpqua, da cidade de Roseburg, no estado norte-americano de Oregon, matou nove pessoas a tiros e feriu mais oito dentro de uma sala de aula, antes de se suicidar. Em seu manifesto escrito, o autor usou um vocabulário associado à subcultura incel, expressou admiração por Elliot Rodger e demonstrou raiva por não ter uma namorada.

Outro episódio aconteceu em Toronto, no Canadá, em 2018. Onze pessoas morreram atropeladas por um rapaz de 25 anos que dirigia uma van. À polícia, o homem disse que o ataque foi motivado pela raiva que sentia das mulheres. Ele admitiu frequentar comunidades incel na internet e, pouco antes do massacre, publicou em seu Facebook a frase: “A rebelião incel já começou”.

Naquele mesmo ano, um ex-professor e veterano militar de 40 anos matou duas pessoas, feriu mais cinco e cometeu suicídio em um estúdio de yoga em Tallahassee, na Flórida, EUA. Na internet, o homem se identificava com a comunidade incel e reclamava por ser sexualmente rejeitado. Ele já havia feito vídeos de ódio contra mulheres e negros e se comparado a Elliot Rodger.

Mais recentemente, em 2021, um jovem de 22 anos matou cinco pessoas — incluindo uma garota de três anos — e se suicidou em Plymouth, no condado de Devon, na Inglaterra. Ele participava de subreddits incel, espalhava opiniões misóginas e homofóbicas e dizia que sua incapacidade de encontrar uma namorada o enfurecia.

A preocupação com atos de violência em massa e sua relação com a *manosfera* é grande no cenário internacional. No início de 2022, o Serviço Secreto dos EUA concluiu pesquisas sobre comportamentos violentos no país. O relatório final descreveu os incels como uma ameaça crescente.

O Brasil não está alheio a acontecimentos do tipo. Uma tragédia recente da história do país está ligada à *manosfera*: o massacre de Suzano, ocorrido em 2019. O tiroteio em uma escola estadual da cidade da Grande São Paulo deixou 11 feridos e dez mortos, incluindo os dois assassinos. Eles frequentavam o Dogolachan, que, à época, funcionava na *deep web*.

O Dogolachan foi criado por Marcelo Valle Silveira Mello, um *cracker* (termo usado para designar *hackers* que usam seus conhecimentos para fins ilegais) que hoje cumpre pena de 11 anos de prisão por incitação ao crime, associação criminosa, racismo e disponibilização de pornografia infantil. Ele ficou conhecido, junto a seu antigo amigo Emerson Eduardo Rodrigues (que fugiu para a Espanha), por perseguir e ameaçar, na última década, a professora universitária e blogueira feminista Lola Aronovich. Essa história será abordada em outro capítulo.



Diáspora masculinista

Em meio a tantos comentários degradantes contra minorias étnicas, não surpreende que muitos incels dos fóruns se identifiquem com o neonazismo. Um membro do incels.is redige um longo texto sobre a razão de ser incel e, ao mesmo tempo, fascista. Para ele, essas características estão relacionadas, pois uma sociedade fascista resolveria muitos dos problemas dos incels.

O autor de outro *post* lista os motivos pelos quais a Alemanha Nazista (o Terceiro *Reich*) teria sido ótima. Muitos deles envolvem conceitos misóginos. Por exemplo: “As mulheres eram subordinadas em cada faceta da sociedade”.



Para além dos chans propriamente ditos, os masculinistas também se espalham por sites que funcionam de maneira semelhante aos fóruns, como o Reddit — no qual são formadas comunidades e os usuários também são anônimos. Há, no entanto, um controle maior sobre as postagens. Muitos subreddits da manosphere já foram derrubados por propagar conteúdo extremo. Dentre estes, um dos mais populares foi o “r/incels”. O banimento ocorreu após a implementação de uma nova política de uso do Reddit, que proibia a incitação à violência. À época, a comunidade tinha cerca de 40 mil frequentadores.

Nos últimos anos, os masculinistas também começaram a se agrupar no Discord, uma plataforma de *chat* popular entre *gamers*. Lá, existem recursos de áudio e vídeo, mas também é possível usar apenas o texto. Apesar de ser mais dinâmico que um chan, o aplicativo também proporciona anonimato a seus usuários.

Alguns fóruns disponibilizam links para servidores do Discord, caso os usuários queiram uma interação mais reservada e corriqueira. No incels.is, por exemplo, uma publicação fixada direciona para a plataforma, mas, lá dentro, ainda há um “processo seletivo”: para ser oficialmente aceito pela moderação, é preciso comprovar seu cadastro no fórum e ter ao menos 400 *posts*.

As comunidades da manosfera também já chegaram até as plataformas e redes sociais mais convencionais e populares, como YouTube, Facebook, Instagram, Twitter e TikTok. Nesses casos, as políticas de uso são mais rígidas. Ou seja, é mais fácil ser punido ou removido por discurso de ódio. Dessa forma, os mais extremistas não conseguem expressar todas as suas opiniões.

Para driblar este controle, os masculinistas têm o artifício de criar grupos “secretos”, destinados apenas a membros mais ativos de outros grupos abertos. Isso é mais comum no Discord — vide exemplo do incels.is —, mas também ocorre no Facebook, já que, muitas vezes, a remoção de conteúdo e o banimento de usuários só ocorre se houver denúncias dos próprios membros do grupo.

Mesmo assim, existem páginas e influenciadores digitais ligados à manosfera que falam abertamente sobre a *red pill* no YouTube, Instagram e TikTok, por exemplo — ainda que de forma “moderada”. Ao migrar para as redes sociais

mainstream, os masculinistas se tornam *influencers* do que chamam de “desenvolvimento pessoal” e relacionamentos.

Nesses casos, não demonstram necessariamente o ódio puro e simples às mulheres. Os conteúdos não são explícitos como as publicações dos chans e, em muitos casos, não há uma apologia à violência direta contra as mulheres e outras minorias. Ainda assim, o antifeminismo e o antiprogressismo marcam forte presença. Como se verá detalhadamente mais à frente neste livro, especialistas e mulheres no geral consideram que esses canais também são nocivos, pois propagam o machismo.

No Brasil, alguns exemplos de influenciadores do tipo são Don Sandro, Rafael Aires, Miguel Moreira (criador do canal “Atitude Alfa”) e Júnior Masters (criador do canal “Submundo Intelectual”). Estes dois últimos, juntos, apresentam um *podcast* chamado RedCast — “red” em referência à *red pill* —, voltado a temas da manosphere.

No início de 2023, outro *influencer* masculinista chamou bastante a atenção da mídia: Thiago Schutz, dono da página “Manual *Red Pill* Brasil” e apresentador do *podcast* “*Pink & Pill*”. Ele viralizou com um trecho de um vídeo no qual diz que as mulheres procuram “moldar” os homens e colocá-los “debaixo” delas. Como exemplo, ele narra uma situação hipotética na qual um homem bebe Campari e uma mulher tenta convencê-lo a tomar cerveja. O conteúdo lhe rendeu o apelido de “coach do Campari” ou “calvo do Campari”.

O assunto tomou conta das redes sociais. Em meio à repercussão, a atriz e roteirista Livia La Gatto publicou um vídeo humorístico em que, sem citar nomes,

zombava de “*coaches* de masculinidade”. Em fevereiro, ela revelou um *print* de uma mensagem de Schutz, direcionada a ela por meio do *chat* do Instagram: “Você tem 24 horas para retirar seu conteúdo sobre mim. Depois disso, processo ou bala. Você escolhe”. Ela registrou boletim de ocorrência pela ameaça e a Polícia Civil investiga o caso. Em março, a Justiça de São Paulo concedeu medida cautelar para proibir o influenciador de procurar Livia, falar com a atriz ou ficar a menos de 300 metros de distância dela.



Embora demonstrem total desapego a qualquer limite estabelecido pela sociedade, muitos incels se preocupam com a imagem que têm na mídia — até porque isso implica uma maior atenção das autoridades.

Um usuário do incels.is mostra que uma de suas postagens foi traduzida e citada na íntegra por um jornal suíço. A matéria também menciona que a polícia local está monitorando atividades de incels.

Esse receio de estar em observação talvez seja o motivo pelo qual eu tenha sido barrado de acessar o fórum em meados de março, meses após minhas primeiras consultas.

Quando tentei revisitar alguns *posts*, me deparei apenas com uma caixa de verificação contra robôs, algo que nunca havia aparecido antes no site. O siste-

ma, no entanto, era impossível de ser superado: por mais que eu clicasse reiteradamente no botão indicado, a verificação jamais terminava.

Após alguns testes em outros dispositivos, descobri que o erro acontecia apenas no meu notebook, por meio do qual eu havia acessado o fórum em todas as oportunidades anteriores. Estava claro: os responsáveis pelo incels.is bloquearam os acessos para meu endereço de protocolo de internet (IP) — um rótulo numérico que funciona como “CPF” de um aparelho conectado à rede.

A barreira caiu após alguns dias e eu pude acessar o fórum novamente. Não há como dizer ao certo se a medida foi um erro, uma configuração do site contra *lurkers* ou um aviso.



Os *coaches* da *red pill* são apenas a ponta do *iceberg* da manosfera. Enquanto alguns masculinistas tentam normalizar seus ideais publicamente, grande parte dos usuários permanece no anonimato. É extremamente difícil acessar os cantos mais secretos e escondidos da manosfera sem replicar os mesmos tipos de conteúdos extremistas.

No intuito de desenvolver uma noção sobre quem são os homens que frequentam e fazem parte da manosfera — na sua porção visível e acessível — e, ao mesmo tempo, mostrar quem são as pessoas atingidas pelos masculinistas,

este livro apresentará alguns personagens. Todos concordaram em conceder suas respectivas entrevistas cientes da temática e da finalidade da publicação. Os próximos capítulos trazem minúcias das vidas dessas figuras e de suas interações na manófera.

Aos que optarem pela “pílula vermelha” oferecida no início deste capítulo, vale outro recado emitido por Morpheus em *Matrix*: “Lembre-se, tudo que eu estou te oferecendo é a verdade. Nada mais”.



Quando o assunto é a manosphere, não há autoridade maior no Brasil do que Dolores Aronovich Agüero, conhecida como Lola. E isso não é nada positivo para ela.

Atualmente com 56 anos de idade, Lola é professora de Literatura em Língua Inglesa na Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, onde mora há 13 anos. Ela é casada com um enxadrista e não tem filhos. Sua mãe morava com ela até dois anos atrás, quando morreu de câncer.

Nascida em Buenos Aires, capital da Argentina, sua família se mudou para o Brasil quando ela tinha quatro anos. Formou-se em Pedagogia em Joinville (SC). Mais tarde, fez mestrado e doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) na área em que atualmente leciona.

Lola não está muito presente nas redes sociais. Ela não tem contas no Facebook ou no Instagram; usa apenas o Twitter e um pouco do YouTube. Sua presença na internet sempre se deu por meio de seu blog.

Criado em 2008, o *Escreva Lola Escreva* é o espaço no qual a professora trata de feminismo, direitos humanos e política no geral. Ela diz não ter mais acesso às métricas do site, mas sabe que o auge de popularidade foi em 2013, em uma época na qual blogs eram mais estimados.

Há mais de dez anos, a blogueira feminista e professora universitária sente na pele os efeitos da misoginia na internet, por meio de xingamentos, ameaças e

uma forte perseguição. Nenhuma pessoa no país já foi tão atacada por masculinistas quanto Lola — o alvo favorito da manosphere no Brasil.



Já em 2009 e 2010, Lola começou a ser insultada pelos masculinistas. As ameaças começaram por volta de 2010 e 2011, e perduram até hoje. Até 2012, o blog sequer tinha moderação; qualquer um podia comentar. A autora raramente apagava comentários — somente os que eram mais agressivos contra outros leitores e leitoras. Ela passou a moderá-los porque “a coisa começou a sair do controle”.

O primeiro contato de Lola com o conceito de masculinistas foi entre março e fevereiro de 2008. Ela soube, inicialmente, dos masculinistas norte-americanos. Viu um *post* de outra blogueira feminista, dos EUA, que descreveu um estupro sofrido há muitos anos. Nos comentários, apareceram diversos homens festejando o estupro, lamentando que ele não foi seguido de homicídio ou duvidando que o crime tivesse acontecido, com o argumento de que ela era muito feia e não merecia ser estuprada.

Até então, Lola não sabia quem eram os masculinistas, pois nunca tinha visto nada do tipo na vida pessoal. “Eu não convivo com ninguém que, por exemplo, trata as mulheres por vadias, ‘merdalheres’, ‘bostalheres’ ou outros termos

que eles usam”. Meses após a descoberta chocante, a professora começou a conhecer um pouco mais sobre a manosphere brasileira.

“Como todo blog ativista, eu sempre tive *trolls*. Desde o primeiro dia”, conta. No jargão da internet, *trolls* são internautas que se engajam em discussões no intuito de ofender ou enfurecer outros usuários.

Lola não tem certeza se seus primeiros *trolls* eram masculinistas. Mas sabe que o perfil deles é muito parecido com o dos *trolls* de outros blogs ativistas: homens brancos, heterossexuais, de extrema-direita, racistas, machistas, homofóbicos e gordofóbicos. “Tem sempre todo um combo de preconceito. Eu nunca conheci um *troll* no meu blog que fosse apenas machista”, comenta.

Ao que tudo indica, os masculinistas já atacavam Lola muito antes de ela saber que eles existiam, principalmente por meio da finada rede social Orkut. Em 2009, a professora já tinha um dos maiores blogs feministas do Brasil. “Então, eles certamente já me conheciam, porque o que eles fazem é atacar mulheres, em geral, e feministas, em particular”, sugere.

O primeiro encontro direto de Lola com os masculinistas foi no caso Eloá Cristina, em outubro de 2008. Na ocasião, um jovem de 22 anos invadiu, armado, a casa de sua ex-namorada de 15 anos, chamada Eloá, em Santo André (SP). Ele manteve a garota e sua amiga Nayara em cárcere privado. Após mais de 100 horas, a Polícia Militar entrou no local e iniciou um confronto com o sequestrador. Nayara conseguiu sair viva, mas Eloá foi baleada na cabeça e morreu mais tarde no hospital.

Lola lembra que o caso gerou “um carnaval da mídia”. No programa “A Tarde É Sua”, da RedeTV!, a apresentadora Sonia Abrão chegou a entrevistar o sequestrador ao vivo. A professora ainda recorda que, na mesma ocasião, um advogado levado ao programa disse ter certeza que o caso terminaria em um casamento entre o sequestrador e Eloá.

Revoltada, Lola escreveu em seu blog, à época, quatro textos sobre o assunto. Um deles fazia referência a uma comunidade do Orkut que chegou até ela, chamada “Eloá virou presunto. Já vai tarde”. Lá, os usuários comemoravam o homicídio da garota, saudavam o assassino como um herói e lamentavam que ele não houvesse matado Nayara.

Lola conheceu melhor a manosphere em 2010, quando acessou um dos fóruns da Real, que é um dos movimentos masculinistas mais antigos da internet brasileira. Lá, ela ficou apenas “lurkando” — ou seja, atuando como *lurker*, sem interagir.

No começo, a blogueira achava que os masculinistas eram um tanto humorísticos: “Dava pra rir deles, porque eles eram e são muito ridículos”.

Foi assim que Lola cunhou o termo cômico “mascu”, uma abreviação de masculinista, que se difundiu pela internet. A partir disso, muitos deixaram de adotar a alcunha de masculinista. “Eles sabiam que, se dissessem ‘masculinistas’, seriam chamados de mascus, e não queriam isso”, aponta.

Um frequentador do *Escreva Lola Escreva* era um mascu, que trabalhava com segurança. Segundo a autora, ele “só falava besteira”, mas não era totalmente agressivo. Por isso, ela não apagava a maior parte de seus comentários.

Em janeiro de 2013, esse homem escreveu que as feministas estariam acabando com os relacionamentos heterossexuais. No comentário, o masculinista contou que sua mãe sempre preparava mingau de aveia para ele, mas reclamou que sua namorada não fazia o mesmo. Lola dedicou um *post* inteiro no blog para caçoar do leitor, com o título “Feministas fazem mingau de mascu”.

O primeiro texto de Lola sobre a manosfera foi escrito no blog em fevereiro de 2011. Ela detalhou o pensamento dos masculinistas com base em uma boa quantidade de informações que já tinha sobre eles. A publicação sofreu fortes represálias de mascus, que xingaram a autora e negaram o conteúdo.

O *post* em questão, assim como a maioria dos textos de Lola, usava o recurso do humor — algo que a professora considera muito importante. Ela ainda tenta falar sobre os masculinistas de forma jocosa, mas “às vezes não dá”.

Em abril daquele mesmo ano, houve o massacre de Realengo, na zona oeste do Rio de Janeiro. Um jovem de 23 anos invadiu uma escola armado, matou 12 alunos, feriu outros 22 e se suicidou.

Na época daquele episódio, Lola percebeu que “não dava para simplesmente rir” dos mascus, pois eles eram realmente perigosos. Foi a partir do massacre que os ataques à blogueira passaram a ficar mais fortes.

Mesmo um pouco antes de abril, Lola já vinha monitorando algumas comunidades masculinistas do Orkut. Logo após o massacre de Realengo, diversos blogs e fóruns da manosfera sumiram. Os usuários imaginaram que as autoridades estariam investigando seus sites e a possível associação do autor dos crimes com os mascus. Conforme relatos de pessoas próximas, ele passava boa parte de seu tempo navegando pela internet e pesquisava muito sobre ataques terroristas.

O principal site masculinista até então era o blog do Silvio Koerich, criado em 2008 por um autor desconhecido. Ele adotava tal pseudônimo e se autointitulava “o perdedor mais foda do mundo”. Segundo Lola, “já era um blog extremamente misógino, racista, um horror”. Mas, logo após o massacre de Realengo, as atividades do site cessaram. Silvio Koerich desapareceu.

Alguns sites da manosfera retornaram com o passar dos meses. Em agosto de 2011, surgiu uma cópia do blog do Silvio Koerich. O nome e o *layout* eram iguais, mas os conteúdos eram nitidamente ainda mais extremistas. Os *posts* do novo site defendiam explicitamente, por exemplo, o assassinato de mulheres e negros, o “estupro corretivo” para lésbicas e a legalização do estupro e da pedofilia.

O falso blog do Silvio Koerich ficou no ar até maio de 2012. Até lá, os autores tentaram chamar a atenção de todas as formas possíveis. Havia postagens de *gore* (imagens explícitas de violência, sangue e vísceras), como gatos e cachorros sendo torturados e mortos. “Eles estavam realmente atirando para todos os lados, para ver quem eles conseguiam atingir”, detalha Lola.

O site chegou a oferecer recompensas para quem matasse Lola e o então deputado federal Jean Wyllys, que iniciava seu primeiro mandato pelo PSOL-RJ e era o único parlamentar assumidamente gay — o segundo em toda a história do Congresso.

Foram registradas mais de 70 mil denúncias contra o novo Silvio Koerich na ONG SaferNet, voltada à promoção dos direitos humanos na internet. Em janeiro de 2012, Lola apresentou diversos *prints* e fez o primeiro boletim de ocorrência contra os ataques. “A gente estava denunciando o tempo todo, mas não tinha resposta nenhuma da polícia”, conta.

Os responsáveis pela cópia do site do Silvio Koerich foram desmascarados pelo grupo Anonymous, conhecido por ser uma espécie de coletivo internacional de *hackers*. Lola logo escreveu sobre isso em seu blog. A partir da dica, os autores foram presos em março de 2012.

Foi aí que a vida de Lola mudou completamente. Teve início a maior perseguição já promovida pela manosphere brasileira, liderada por Marcelo Valle Silveira Mello e Emerson Eduardo Rodrigues.



Mascus ilustres

Marcelo é conhecido na internet por diversas outras alcunhas. Uma delas é Batoré, devido a uma suposta semelhança com o personagem do falecido humorista Ivanildo Gomes Nogueira, conhecido por integrar o programa “A Praça é Nossa”, do SBT. Outro apelido virtual é Psycl0n, que deu origem às variações Psy e Psytoré.

Um ícone dos *channers* (usuários dos *chans*), Marcelo já era conhecido na manosphere muito antes de ser preso ou de copiar o blog do Silvio Koerich. Além de participar de diversas outras comunidades, criar sites de ódio e pesquisar e divulgar dados pessoais de seus adversários virtuais (prática conhecida como *doxing*), Psytoré se tornou, em 2009, o primeiro brasileiro condenado por racismo na internet, devido a publicações no Orkut. À época, ele alegou insanidade mental, pagou fiança e não chegou a ser preso.

Marcelo nasceu no ano de 1985, na capital federal. Ele começou a cursar Letras – Japonês na Universidade de Brasília (UnB), mas abandonou o curso devido à repercussão de suas atividades racistas. Em seguida, formou-se em Ciência da Computação pela Universidade Católica de Brasília (UCB).

À época de sua prisão pelo caso Silvio Koerich, Psytoré cursava Direito em uma faculdade particular de Curitiba. Uma de suas ideias era poder processar todos que se voltassem contra ele. Mas Marcelo também tinha sonhos de se tornar juiz. “Claro que ele nunca ia conseguir. Imagino que não deixem um cara com esse perfil”, diz Lola, rindo.

Em fevereiro de 2012, a blogueira foi convidada para dar uma palestra no festival de tecnologia Campus Party, em São Paulo. Ela ainda não sabia quem era Marcelo, mas ele também estava por lá. Psytoré aproveitava o evento para distribuir pornografia infantil.

O malfeitor mais conhecido da manosphere brasileira vem de uma família rica, formada por servidores públicos de alto escalão de Brasília. Durante todos os anos de crimes cibernéticos, Marcelo era sustentado por sua mãe.

Psytoré estava desempregado quando foi preso em 2012. Ainda assim, foram encontrados R\$ 400 mil em sua conta. Alguns anos depois, o próprio Marcelo revelou a Lola que já tinha R\$ 700 mil, mas passou tudo para o nome de sua mãe.

Enquanto Psytoré tentava ficar mais escondido na internet, seu então amigo Emerson era bem mais visível. Ele usava seu nome verdadeiro e fotos reais para interagir nas comunidades da manosphere. "Falando altas barbaridades, com o nome dele", indica Lola.

À época da prisão, em 2012, circulava na internet um vídeo de Emerson, com cerca de dez minutos de duração, gravado na Índia. Nele, o masculinista dizia que o estado natural dos homens negros seria a sujeira e o crime; que o estado natural das mulheres seria a prostituição; e que o estado natural dos homens brancos seria a ética e o trabalho. Sem qualquer pudor, Emerson mostrava seu rosto e até confirmava seu nome. O conteúdo provavelmente foi uma das pistas para que o Anonymous revelasse a identidade dos autores da cópia do blog do Silvio Koerich.

Detidos em março de 2012, Marcelo e Emerson inicialmente cumpriram prisão preventiva. Depois, ambos foram julgados e condenados a seis anos e meio de reclusão pelos crimes de racismo e divulgação de pornografia infantil.

Após a condenação, conseguiram a progressão para o regime aberto, no qual a pena pode ser cumprida em casa e o sentenciado pode trabalhar durante o dia. Assim, a dupla masculinista saiu da prisão em maio de 2013.

“É uma pena que eles tenham saído tão rápido, porque, assim que saíram, começaram a fazer exatamente a mesma coisa que faziam antes — principalmente o Marcelo”, relata Lola.



Logo após deixar o cárcere, tanto Marcelo quanto Emerson enviaram e-mails para Lola, separadamente. Eles prometeram processá-la, pois a viam como a principal responsável por suas prisões — “o que é bastante ridículo”, ressalta a blogueira.

Emerson tentou ganhar a vida com política depois da condenação. Nas eleições de 2014, foi assessor de Matheus Sathler, candidato a deputado federal pelo PSDB-DF. Sathler ficou conhecido por declarar, no horário eleitoral, que dis-

tribuiria para a população um “kit macho” — ou seja, “cartilhas para ensinar meninos a gostar somente de mulheres”. Com apenas 1.415 votos, não foi eleito.

Já Marcelo estava revoltado. O ex-detento passou a ameaçar todos que julgava responsáveis por sua prisão — como o delegado, o juiz e, claro, Lola.

À época, Psytore entrou em conflito com vários outros mascus e acabou expulso de diversas comunidades da *manosfera*. Por isso, em dezembro de 2013, ele criou o seu próprio *chan*: o Dogolachan. O nome é inspirado pelo meme de um cachorro russo aparentemente sorrindo, conhecido como Dogola.

Lola soube da existência do Dogolachan porque o próprio Marcelo fez questão de lhe enviar muitas vezes o link do site, que funcionava na *surface web*. No início de 2014, a professora acessou o fórum pela primeira vez e descobriu inúmeras ameaças contra ela, além de planos dos usuários para matá-la: “Eu era um dos assuntos preferidos deles”.

A blogueira imaginou que os planos não se concretizariam, mas ponderou que havia um certo risco. Por isso, passou a monitorar o Dogolachan e acompanhar melhor a situação. “Era um *chan* pequeno, com poucos membros e poucas postagens, então não era tão difícil lurkar”, expõe.

Psytore esteve ativo no Dogolachan de 2013 a 2018. Durante todo este tempo, agiu na internet com total impunidade. “Foram cinco anos ininterruptos de ataques, não só a mim, mas a quem ele quisesse”, narra Lola.

Desde o início do Dogolachan, Marcelo e seus seguidores desenvolveram várias técnicas para atormentar a professora. Até hoje, os masculinistas ligam para a casa de Lola e fazem ameaças. Há muitos anos, também divulgam na internet o endereço da blogueira e imagens da fachada de sua casa, obtidas pelo Google.

Lola duvida que algum deles já tenha de fato se dirigido até sua residência, mas lembra que já recebeu uma ameaça bem específica por telefone: “Eu tô aqui embaixo da sua casa. Desce aqui pra me ver”, disse o mascu.

Segundo ela, uma atividade típica dos *channers* consiste em enviar pizzas para a casa de seus alvos. A professora nunca recebeu nada do tipo, mas lembra que os mascus quase lhe mandaram um botijão de gás — por sorte, a empresa entrou em contato para confirmar a encomenda e ela explicou que não havia pedido. “Isso é uma das coisas que eles aprenderam com os *channers* americanos. Várias feministas já receberam vibradores pelo correio. Teve uma que recebeu fezes”, aponta Lola.

A “gangue” de Marcelo também já hackeou as informações da blogueira no Cadastro Nacional de Usuários do Sistema Único de Saúde (CadSUS), para que ela constasse como morta. “Eu só descobri com a pandemia. Eu fui me vacinar e vi que eu estava morta”, brinca ela. O mesmo já ocorreu com algumas lideranças políticas de esquerda, como a ex-deputada federal Manuela d'Ávila (PCdoB-RS), o ativista e deputado federal Guilherme Boulos (PSOL-SP) e a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, que também é deputada federal pelo Paraná.

Além disso, os mascus já alteraram o nome social de Lola para “Saco de Pancadas do *Chan*”. Ela conta que conseguiu reverter todas as modificações promovidas pelos *channers* em seus dados. “Mas é ruim, tá?”.



Lola contra o mundo

Ao monitorar o Dogolachan, Lola passou a tirar *prints* dos conteúdos mais pesados e das ameaças mais sérias, para enviá-los à Polícia Federal. A professora havia dado aulas para um delegado da PF na UFC. O ex-aluno não atuava com crimes cibernéticos, mas aceitou repassar os registros internamente. As queixas, no entanto, nunca foram para frente.

Entre 2015 e 2016, os membros do Dogolachan descobriram sobre o contato de Lola na PF e também fizeram dele seu alvo. O delegado passou a receber ameaças por telefone. A blogueira nunca mais falou com o ex-aluno, mas soube que ele ficou bastante abalado.

Ao longo dos anos, Lola aprendeu como seus agressores agiam e se depa-rou com estratégias mirabolantes de ataques contra sua honra. Ela descobriu, por exemplo, os “rituais” para que novos membros fossem aceitos no Dogolachan. O postulante a *channer* precisava, por exemplo, gravar um vídeo dizendo

que a professora havia abusado dele (na adolescência) em um banheiro durante um congresso escolar em Sergipe.

Um deles fez um vídeo no qual alegava ser o filho abandonado de Lola. Segundo sua narrativa, a blogueira teria decidido abortá-lo ao descobrir que seu bebê era menino. Porém, sua avó (mãe de Lola) não teria permitido. Assim, a professora teria abandonado tanto a criança quanto a mãe. “Ele quase chorava. Tava bem feito, eu achei um bom ator”, ironiza ela.

Já outro gravou um vídeo no qual dizia ter sido aluno de Lola na UFC. Ele teria perguntado à professora como poderia melhorar suas notas. A proposta, segundo o vídeo, foi que ele transasse com ela. Mas o rapaz negou, pois tinha namorada. A partir disso, a blogueira teria começado a persegui-lo. Ele tentou pedir ajuda ao marido de Lola, mas o enxadrista lhe informou que não teria o que fazer, pois sua esposa era muito poderosa dentro da esquerda, praticamente invencível. Dentro desta ficção, a professora também era amante de Emerson.

Mais tarde, esse mesmo *channer*, que era de Franca (SP), fez outro vídeo, no qual prometia matar a blogueira. Lola enviou o conteúdo para a polícia. Ele foi preso e condenado por diversos crimes, mas a professora não sabe dizer se a ameaça contra ela foi um dos motivos.

O líder Marcelo costumava criar outros sites semelhantes à cópia do blog do Silvio Koerich. Neles, defendia pedofilia, estupro e morte de negros e mulheres. Também colocava seus inimigos como supostos autores dos conteúdos.

Um dos alvos preferidos era o marido de Lola, Silvio Cunha. Os membros do Dogolachan fizeram diversas montagens com fotos do enxadrista — por exemplo, em uma imagem, transformaram a camiseta que ele usava em uma peça de roupa nazista.

No final de 2015, Psytoré criou um site de ódio diferente, fingindo ser Lola. Em todos os *posts*, ele colocou o nome, as fotos, o endereço e o Currículo Lattes da blogueira. O falso blog trazia conteúdos do tipo: “Se não nasceu, aborte. Se já nasceu, mate”. Os textos defendiam o aborto de fetos masculinos, a castração de garotos e seu infanticídio. Também diziam que a professora queimava Bíblias na universidade. Havia, ainda, falsos anúncios de venda de pílulas abortivas.

“Eu pensava realmente que ninguém levaria isso a sério, porque era muito absurdo”, conta Lola. “A expressão fake news ainda nem era utilizada”.

Inicialmente, o site não viralizou. Isso só ocorreu cerca de um mês depois de ir ao ar, após ser anunciado no Twitter pelo autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho (famoso por ser o guru da ideologia bolsonarista) e pelo músico Roger Moreira, vocalista e guitarrista da banda Ultraje a Rigor (também conhecido por suas opiniões políticas direitistas e, mais recentemente, por seu apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro).

De acordo com Lola, ambos sabiam que o site não pertencia realmente a ela, mas resolveram divulgá-lo mesmo assim. À época, os próprios seguidores olavistas avisaram que o conteúdo parecia falso. Roger respondeu: “Dane-se”. O esforço de Psytoré e sua trupe foi bem-sucedido.

Assim que o falso blog surgiu, Lola tirou *prints*, reuniu dados que tinha sobre Marcelo e fez um BO. A polícia, no entanto, a ouviu como suspeita. A blogueira teve de provar que o site não era seu. Anos depois, quando Marcelo foi condenado pelas suas atividades no Dogolachan, todo o conteúdo do site em nome de Lola foi levado em conta na sentença.



No final de 2016, dias antes do Natal, o reitor da UFC recebeu um e-mail com uma ameaça de massacre terrorista na universidade (e nos hospitais universitários) caso Lola não fosse exonerada. De acordo com a mensagem, o reitor teria de decidir se demitiria a “porca imunda” ou se passaria uma semana recolhendo pedaços de cadáveres. O e-mail continha links de bombas caseiras.

A ameaça foi prontamente levada à PF. Lola diz que também foi tratada como suspeita: chegou a depor na semana entre o Natal e o Ano Novo. Devido ao recesso de fim de ano, sequer conseguiu advogado para acompanhá-la. Os investigadores ainda solicitaram que ela fornecesse o HD de seu computador e a senha de seu e-mail, para conferir se ela mesma não havia enviado a mensagem ao reitor.

O episódio foi importante para colocar de vez o Dogolachan na mira das autoridades. A PF entrou em jogo para investigar Marcelo e sua gangue pela ameaça de terrorismo.

Na mesma época, surgiu um novo membro notório no Dogolachan, chamado GOEC. Sua verdadeira identidade é desconhecida, mas as principais suspeitas apontam para um homem que mora na França. GOEC era muito bom em *doxing* e tinha acesso a um grande banco de dados. Ele se colocou à disposição de Psytoré e, a partir de 2017, o Dogolachan intensificou seus ataques contra qualquer pessoa relacionada a Lola.

Certa vez, uma professora de Goiás, que Lola sequer conhecia pessoalmente, fez um elogio à blogueira na internet. Foi o bastante para ela se tornar alvo do Dogolachan.

O mesmo ocorreu com um professor universitário de Curitiba, da área de Computação. Ele tinha interesse em comprar um livro escrito por Lola e pediu que ela separasse um exemplar. A partir disso, os mascus passaram a atacá-lo. Eles ameaçaram sequestrar sua filha de 13 anos, torturá-la e matá-la. Também disseram que Lola precisaria escrever sobre isso em seu blog.

Marcelo chegou a entrar na seleção do mestrado em Computação da universidade em que o professor lecionava. Lola descobriu tal informação no Dogolachan e o alertou. Mas uma integrante da banca de seleção já havia descoberto a ficha criminal de Psytoré, ao pesquisar na internet o Currículo Lattes dos candidatos.

Além da revolta por não ter conseguido a vaga, Marcelo, mais tarde, descobriu que um candidato negro havia passado em seu lugar. Por isso, também começou a atacá-lo. “O candidato nunca ouviu falar do Marcelo, nunca ouviu falar

de *chans*, nunca ouviu falar de manosfera e de repente está sendo atacado sem parar por um cara que nem conhece ele, simplesmente por inveja, rancor e racismo”, reflete Lola. “Esse é o tipo de cara que o Marcelo é”.



Entre 2012 e 2013, quando estiveram na cadeia, Marcelo e Emerson tiveram um desentendimento. Eles passaram um bom tempo brigados e se ameaçando mutuamente. Por volta de 2016, fizeram as pazes e viajaram juntos de carro, partindo de Curitiba, para o Rio de Janeiro, no intuito de encontrar o então deputado federal Jair Bolsonaro.

Àquela época, os masculinistas já falavam bastante sobre Bolsonaro e se reuniam para chamá-lo de “mito” nos aeroportos. Já circulava na internet um vídeo de Emerson emocionado ao recepcionar o deputado em Curitiba.

Emerson também já havia sido moderador de um grupo criado por Olavo de Carvalho no Facebook, mas foi removido após o guru bolsonarista receber informações sobre seu passado. Por isso, passou a odiá-lo.

A ida para o Rio também acabou em frustração. Bolsonaro foi alertado de alguma forma sobre os antecedentes dos seus entusiastas que vinham de Curitiba e, por isso, não quis recebê-los. Desde então, Emerson também odeia seu antigo “mito”.

Nesta mesma viagem, Emerson e Marcelo brigaram novamente. Mais tarde, Emerson conseguiu ir para os EUA — não se sabe se legal ou ilegalmente. Já Marcelo não conseguiu o visto para poder viver o sonho americano.

Psytoré estava decidido a sair do Brasil. Ele chegou a ir para o Chile. De lá, sua ideia era rumar para a Nova Zelândia. Porém, foi barrado no aeroporto do país sul-americano, após passar alguns dias como turista.

Marcelo percebeu que não conseguiria entrar em um país de primeiro mundo, pois estava “sujo” demais. Mas ainda tinha sonhos de morar em algum outro país com custo de vida mais barato, como a Indonésia ou a Tailândia — esta última considerada por ele uma boa opção devido à abundância de prostituição infantil. Informações como essa vêm sobretudo do monitoramento feito por Lola. Ela afirma ter usado como base as conversas divulgadas no Dogolachan.

Lá, pelos seus planos, ele poderia finalmente contratar um matador de aluguel e colocar Lola como alvo. No Dogolachan, Psytoré e seus colegas discutiam qual seria a melhor opção entre matar a blogueira, sua mãe, seu marido ou os três de uma vez. Alguns preferiam esperar que ela morresse naturalmente em função de problemas de saúde, por ser gorda.

Ao descobrir que Emerson havia conseguido entrar nos EUA, Marcelo resolveu atacá-lo. Um dos maiores sites neonazistas do mundo, o fórum internacional Stormfront, ensinava seus usuários a acessar e acionar impressoras que ficam em repouso. Psytoré aprendeu esse truque e, em 2017, enviou comandos

para imprimir ameaças terroristas com a assinatura de Emerson em diversas empresas, lojas e universidades americanas.

As mensagens impressas diziam que havia bombas instaladas nos locais em questão. A condição para não explodi-las era a transferência de U\$ 25 mil para Emerson. As ameaças geraram prejuízos enormes para os estabelecimentos, que precisavam ser fechados e vasculhados por esquadrões antibombas das polícias.

Emerson foi preso nos EUA, confinado em um centro de imigrantes e deportado para o Brasil. Como acompanhava o Dogolachan, Lola soube que o verdadeiro responsável era Marcelo. Ela denunciou o caso na Polícia Federal, mostrou *prints* e foi chamada a depor tanto pela PF quanto pela Organização Internacional de Polícia Criminal (Interpol), mas não sabe o que exatamente foi feito a partir de suas informações.

Em janeiro de 2018, Psytoré voltou aos noticiários por ter criado uma moeda virtual chamada BolsoCoin, inspirada em Bolsonaro, então candidato à Presidência da República. A invenção era vendida como a primeira criptomoeda “da direita alternativa e neonazista do Brasil”. Ela foi utilizada em fóruns como forma de pagamento para serviços de *doxing* ou *swatting* (tática de enganar as autoridades para enviar alguma equipe de emergência ao endereço de alguém).



Tarda mas não falha

Em maio de 2018, Marcelo finalmente foi preso, em função de suas atividades criminosas na internet desde a sua última estadia atrás das grades. Em dezembro do mesmo ano, o juiz Marcos Josegrei da Silva, da 14ª Vara Federal de Curitiba, condenou Psytoré a 41 anos de prisão pelos delitos de disponibilização de pornografia infantil, incitação ao crime, associação criminosa, coação no curso do processo, racismo e terrorismo.

Mais tarde, após recurso, o Tribunal Regional Federal da 4ª Região absolveu Marcelo dos crimes de terrorismo e coação no curso do processo. Com isso, a pena foi reduzida para 11 anos de detenção. Mesmo assim, a prisão preventiva foi mantida.

Ele foi mandado para uma cadeia em São José dos Pinhais (PR). Depois, transferido para a Penitenciária Federal de Segurança Máxima de Campo Grande. Por meio de Habeas Corpus na Justiça, Psytoré já tentou a progressão para o regime semiaberto — no qual é possível trabalhar durante o dia e retornar à unidade prisional no período noturno —, sem sucesso.

Já Emerson não chegou a ser preso. No mesmo mês da prisão de Marcelo, também foram cumpridos mandados de busca e apreensão em outros endereços, dentre eles o de Emerson. Porém, o *channer* já havia fugido para a Espanha. Não há informações públicas de que a PF também pretendia prendê-lo.



Apesar da recorrente prática de crimes, Marcelo e Emerson não hesitaram em tentar usar a Justiça contra Lola. Ambos chegaram a processá-la, na tentativa de obter reparação por supostos danos causados pela professora, já que a consideravam culpada por suas prisões em 2012. “Impressionante, porque dois caras que me ameaçaram de morte durante tanto tempo...”, comenta ela. Ambos desistiram de seus respectivos casos.

O primeiro processo que Lola sofreu foi ajuizado por Emerson em 2015. Duas advogadas que eram leitoras do *Escreva Lola Escreva* aceitaram atuar *pro bono* (de forma voluntária, sem remuneração) em prol da blogueira. A ação foi abandonada quando o autor conseguiu entrar nos EUA.

Em resposta, a professora protocolou outro processo contra Emerson. Em 2019, ele foi condenado a pagar indenização de R\$ 25 mil a Lola. “Mas é claro que ele nunca vai pagar”, indica ela. “Não tenho nenhuma esperança de ver esse dinheiro”.

Já Marcelo a processou duas vezes. Na primeira delas, foi marcada uma audiência em Curitiba, onde ele morava. À época, Lola acompanhou discussões no Dogolachan sobre o que os membros fariam quando ela fosse até a capital paranaense. As opções eram sequestrá-la no fórum, no hotel ou no próprio aeroporto. Também debatiam se matariam a blogueira e se a estuprariam antes e depois do assassinato.

“Por que eu iria para Curitiba ficar de frente com um cara que diz que a missão da vida dele é acabar comigo?”, indaga Lola. Suas advogadas conseguiram, de última hora, convencer a juíza a determinar que a audiência fosse feita por videoconferência.

Como a professora não foi até Curitiba, Marcelo ordenou um ataque virtual às advogadas. Eles descobriram os dados das profissionais e praticaram *doxing*; fizeram montagens com fotos delas e espalharam pela internet; e promoveram ameaças às advogadas e suas famílias. Os usuários do Dogolachan conseguiram até mesmo hackear contas do escritório de advocacia onde elas trabalhavam e enviar mentiras para outros clientes.

Outra estratégia da gangue de Psytoré foi colocar o nome das advogadas em sites de prostituição e *swing* — prática que Lola define como parte do “bê-á-bá” dos *channers*. “Porque aí você vai começar a receber dezenas ou centenas de ligações de caras perguntando quanto é. Aí você tem que mudar de telefone”, explica.

Devido à ofensiva do Dogolachan, as advogadas deixaram a defesa de Lola. “Elas não estavam acostumadas com esses tipos de ataques. Realmente é muito violento”, diz a blogueira.

Depois disso, Lola conseguiu outro advogado *pro bono*, ligado a direitos humanos. “Mas tinha que ser homem, porque, se fosse advogada mulher, eles iam fazer a mesma coisa”, ressalta.

De acordo com a professora, os *channers*, acostumados a dirigir seus esforços contra mulheres, têm uma dificuldade maior de atacar homens. Nesses casos, uma estratégia comum é acusá-los de pedofilia ou estupro. A seguir, em geral, os ataques acabam se voltando às mulheres da vida desses homens: mãe, esposa, namorada, filhas, irmãs etc..

Após uma nova investida de Marcelo e sua trupe, o advogado que ajudou Lola também deixou sua defesa. Desde 2017, ela conta com uma nova advogada *pro bono*. “No começo, quem assinava os processos como meu advogado era o sócio dela”, conta.



Depois da tempestade...?

Desde 2016, Lola está no Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos (PPDDH). Ela começou no serviço federal, mas depois migrou para a frente estadual do Ceará. Com isso, ela e seu marido ganham direito, por exemplo, ao acompanhamento de um advogado em qualquer ida à delegacia, mesmo para registrar BOs. Caso precisasse, também teria acesso a atendimento psicológico e psiquiátrico.

A professora tem contato com outras pessoas protegidas pelo programa. Dentre eles, Lola é a única blogueira afetada por crimes cibernéticos. Os demais

são, geralmente, quilombolas, indígenas e pescadores ameaçados por reivindicar seus direitos.

Em 2018, foi sancionada no Brasil a Lei 13.642/2018, conhecida como Lei Lola, que incluiu nas atribuições da PF a investigação de crimes cibernéticos de misoginia. Psytoré foi preso um mês após a promulgação da norma.

A lei foi aprovada no Congresso a partir de uma proposta da deputada federal Luizianne Lins (PT-CE), ex-prefeita de Fortaleza. Apesar do nome, Lola não teve nenhum papel ativo na tramitação do projeto e sequer conhecia a autora. A ideia foi da própria parlamentar, após assistir a algumas entrevistas da blogueira e descobrir o site falso criado por Marcelo e divulgado por Olavo e Roger.

Durante todos os anos anteriores de perseguição, Lola sempre se queixou da dificuldade de denunciar as ameaças. “Eu ia para a delegacia da Polícia Civil e eles nem sabiam o que tava acontecendo. ‘Malemal’ sabiam o que era blog, o que era *chan*, o que era um site de ódio”, conta. Por isso, os BOs não iam para frente. Em Fortaleza, ainda não foi implementada uma delegacia especializada em crimes cibernéticos.

A professora tentou direcionar suas queixas à Delegacia da Mulher, mas os policiais a impediam de fazer BOs, pois a unidade era restrita a casos de laços familiares entre a vítima e o agressor.

Lola só conseguiu denunciar as ameaças na Delegacia da Mulher após o PPDDH negociar com a Secretaria Estadual da Segurança Pública e Defesa So-

cial. O primeiro inquérito baseado nos BOs da blogueira foi aberto somente em 2017.

Quando ainda estava em liberdade, Psytoré reciclava conteúdos de ódio. Ele chegou a fazer diversos guias idênticos de “como estuprar vadias” em diferentes universidades — UFC, UnB, USP, UFRJ, UFRGS etc.. Cada site do tipo lançado por Marcelo era noticiado pela mídia local, que não constatava a ligação com os demais. Lola sempre alertava que havia diversos guias de estupro iguais, voltados a outras instituições de ensino, e torcia para que as autoridades identificassem a conexão e não comesçassem todas as investigações do zero.

Ao longo dos anos, a professora verificou poucas investigações conjuntas entre as polícias. Muitas vezes, a PF no Ceará não se comunicava com as unidades de Brasília, São Paulo ou Curitiba.

Quando propôs o projeto da Lei Lola, Luizianne Lins soube que todas as queixas da blogueira à PF tinham sido infrutíferas. Um dos planos da deputada era discutir com a direção da corporação como e quando poderiam ser feitas as denúncias, mas não houve abertura para isso.

O Dogolachan deixou de funcionar na *surface web* pouco tempo após a prisão de Marcelo. Em outubro de 2018, o fórum ganhou nova vida na *deep web*. Foi nesta nova versão que os autores do massacre de Suzano tiveram espaço para planejar seus atos e pedir dicas aos administradores.

Na *deep web*, o Dogolachan cresceu muito. Em fevereiro de 2019, um mês antes do massacre de Suzano, o *channer* de Franca — que gravou o vídeo falso

no qual alegava ter sofrido abuso da professora — enviou um e-mail para Lola e mostrou que o fórum havia recebido milhares de visitas em um só dia.

Ele também alegou que o *chan* vinha recebendo doações e, em breve, os moderadores conseguiriam dinheiro suficiente para contratar um matador de aluguel e ordenar a morte da blogueira.

Lola não chegou a conferir os conteúdos da nova versão do Dogolachan, pois nunca acessou a *deep web*. Mas a professora tem informações de que, em 2021, a PF conseguiu impedir seis massacres em escolas — ou seja, já vinha cumprindo a Lei Lola e monitorando os *chans*. Na ocasião, também houve articulação da instituição com a Interpol.

A norma de 2018 foi uma vitória contra os masculinistas e uma vacina para evitar novas histórias como a de Lola: “Se eu, uma professora de literatura, que entende muito pouco de internet, posso monitorar um *chan*, então, certamente, policiais treinados também podem e devem”.



Apesar de ser o alvo central da longa perseguição, Lola sempre se preocupou mais com os ataques a seu marido e sua mãe, que começaram por volta de 2014. A professora escondia as ameaças de sua genitora, para que ela não se preocupasse.

“No começo, dói mais. Porque se te atacam, é bem ruim, você fica preocupada que possa acontecer alguma coisa... mas se te matarem, você morreu. Agora, quando é com pessoas que você ama, é bem mais difícil”, afirma. “Depois você começa a ver que não vai acontecer. Mas, se eu tivesse filhos, ficaria extremamente preocupada”.

Em 2015, a blogueira recebeu um convite para dar uma palestra no Sesc Tijuca, na zona norte do Rio de Janeiro. Lola anunciou a data e o local do evento em seu Twitter, para atrair seu público.

Algumas horas depois, já havia uma ameaça no Dogolachan: um membro alegou que morava próximo ao Sesc, mostrou a distância entre os pontos no Google Maps e disse que iria até lá no dia da palestra para descarregar sua metralhadora na professora (e, depois, em quem sobrasse no público).

Os planos eram uma suposta vingança contra Lola, que teria acabado com sua vida. Segundo o *channer*, por causa do blog feminista, ele se separou de sua mulher e foi enquadrado na Lei Maria da Penha. “Duvido que esse cara seja casado, pra começar”, debocha a professora.

Lola tirou *prints* dos *posts*, enviou para a polícia e comunicou o Sesc Tijuca. A reação do centro cultural foi negativa: a palestra quase foi cancelada. A blogueira implorou para que isso não acontecesse. Segundo ela, se toda ameaça fosse motivo de cancelamento, não haveria mais palestras feministas no Brasil.

A *youtuber* feminista Jout Jout também estava escalada para a palestra. Ao saber das ameaças do Dogolachan, ela quis cancelar sua participação. Lola a convenceu de que nada iria acontecer.

O Sesc aceitou prosseguir com o evento, mas tomou precauções: colocou um detector de metais em sua entrada, determinou que Lola entrasse pelo estacionamento e deslocou cinco seguranças para segui-la de perto no local.

“Foi ótima a palestra. Não aconteceu nada. Mas foi muito chocante, porque foi a primeira vez que adotaram essas medidas de segurança”, conta a blogueira.

Já em março de 2019, Lola foi chamada para dar duas palestras na UnB — uma no Campus Darcy Ribeiro (o principal deles), em Brasília; e outra no Campus Planaltina, um pouco afastado da capital. A universidade também decidiu bolar um superesquema de segurança para a professora.

Havia rotas de fuga planejadas, policiais à paisana e locais específicos marcados no palco para a blogueira se posicionar, não muito próximos do público. Lola também precisava ser revistada quando ia ao banheiro. No trajeto de um campus para o outro, a professora foi levada em um carro com três seguranças e acompanhada de outros dois carros, um à frente e outro atrás do seu.

Lola, surpresa com a situação, lembra de questionar: “Gente, isso é meio ridículo, tá? Eu sou só uma blogueira. Eu sou só uma professora”. Os seguranças a tranquilizaram e disseram que estavam acostumados com o esquema, pois já haviam feito a mesma operação para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e para o Dalai Lama. Lola retrucou, rindo: “No caso deles, eu até entendo. Mas no

meu caso não tem por quê”. No fim, tudo correu bem e a professora pôde até tirar fotos e abraçar leitoras e leitores no Campus Planaltina.

Mesmo se opondo à superproteção, Lola relata ter ficado um pouco paranoica em situações posteriores. Uma delas foi sua palestra em 2019 na Bienal Internacional do Livro de Alagoas, em Maceió, quando notou “um cara muito esquisito sentado logo nas primeiras filas”. O sujeito se mexia muito, agarrava uma mochila e olhava “muito feio” para a blogueira, o que a preocupou. “Esse cara foi embora antes da palestra acabar. Provavelmente não era nada”, declara.

Afora tais episódios marcantes, Lola nunca se desesperou pela perseguição: “Eu vivo a minha vida normalmente. Dentro do possível, claro. Mas nunca perdi uma noite de sono. Nunca tive síndrome do pânico. Pelo menos até agora”. Seu jeito de lidar é com humor. Ela e o marido tentam rir e caçoar o máximo possível dos masculinistas.

Isso não significa tranquilidade total. “É claro que afeta de alguma forma. Eu acho que eu era muito mais aberta e transparente no começo do meu blog, até começarem as ameaças. Hoje, eu evito falar onde eu estou. Tem muitas coisas que eu não posso fazer”.

Por exemplo, Lola gostaria de poder publicar fotos com seu sobrinho de 11 anos. Mas não o faz porque seu irmão e sua cunhada já sofrem ameaças dos mascus, simplesmente por serem seu irmão e sua cunhada. “Eu não quero que eles também ameacem uma criança”, explica.

Quando se aposentar, a professora pretende se mudar para outro endereço que não seja de conhecimento dos *channers* e evitar mencionar na internet qualquer detalhe sobre sua localização. “Porque eles não vão parar. Assim que o Marcelo sair, ele vai voltar a fazer exatamente a mesma coisa”.



“Eu sou só um cara normal”, diz Matheus Vicente, um incel.

Quando se define como incel, ele se refere ao sentido original do termo: um rapaz que, apesar de querer, não consegue ter relações “físicas e românticas”, de maneira geral. “Eu percebo que as mulheres não gostam da minha aparência e isso me faz incel”, explica.

Tal característica, na sua visão, não representa nada de mais, pois, hoje em dia, muita gente se classifica — e é classificado pelos outros — como incel. “Para mim, é como relatar, por exemplo, que eu sou um mamífero”, exemplifica.

Matheus é um jovem branco de 23 anos, rosto fino, cabelos lisos pretos lambidos para trás, nariz longo e largo, marcas consideráveis de acne na face e pelos finos na barba escura, cheia e levemente desgrenhada.

Ele não tem um círculo social muito abrangente. Mas nem mesmo seus poucos conhecidos sabem da sua condição de celibatário involuntário. Matheus nunca revelou pessoalmente a ninguém que se identifica como incel — fala sobre isso apenas na internet.



Matheus mora no bairro da Vila Palmeiras, na zona sul de Campinas — terceira cidade mais populosa de São Paulo, a cerca de 90 km da capital. Na sua casa também vivem seus pais e seu irmão mais novo, de 21 anos.

O jovem trabalha como agente de proteção no Aeroporto Internacional de Viracopos. Sua função consiste em uma “minissegurança”: ele é responsável por anotar as identificações das cargas (transportadas por aviões cargueiros), monitorar possíveis irregularidades e enviar as informações para o restante da equipe.

A família de Matheus marca presença no aeroporto: sua mãe também é agente de proteção; já seu irmão embala bagagens de passageiros. Apesar do mesmo ambiente, eles não se encontram por lá, pois ficam em setores diferentes. O único que não atua em Viracopos é o pai, que trabalha em uma marmoraria.

Matheus admite que a situação financeira “está um pouco apertada”, mas acredita que sua família anda melhor do que a maioria das pessoas. “Uma situação melhor, mas pobre igual”, conta ele, rindo.

No tempo livre, Matheus gosta de tomar sol, andar de bicicleta e, principalmente, ler. Uma de suas principais leituras é a Bíblia. Já leu Gênesis, Eclesiastes e todo o Novo Testamento.

O propósito não é espiritual: ele não tem religião e não acredita em Deus. Matheus explica que começou a ler o livro sagrado quando ainda frequentava a Congregação Cristã no Brasil, algo que não faz desde os 16 anos. Todos da família deixaram de se identificar com a igreja, pararam de frequentá-la e tornaram-

se indiferentes ao cristianismo. Mas as histórias ainda despertam o interesse do filho mais velho. A Bíblia se tornou, para ele, um “material de curiosidade histórica”.

Outros livros marcantes para Matheus são *O Hobbit ou Lá e de Volta Outra Vez* (*The Hobbit, or There and Back Again*, 1937), do britânico J. R. R. Tolkien; *O Guia do Mochileiro das Galáxias* (*The Hitchhiker's Guide to the Galaxy*, 1979), do também britânico Douglas Adams; e *O Pequeno Príncipe* (*Le Petit Prince*, 1943), do francês Antoine de Saint-Exupéry.

Além de livros, o jovem gosta de ler, “por cima”, artigos da versão em inglês da Wikipédia sobre assuntos em geral: Humanidades, História, Filosofia etc. “Eu não sou especialista em nada. Eu só gosto de me manter ligado em certas coisas que parecem interessantes”. A ideia é ter ciência do básico de cada tema.

Segundo ele, a Wikipédia pode ser relevante para qualquer pessoa interessada ao menos no “lado mais imediato” do assunto. Ele ressalta que o site cita as fontes das informações contidas em suas páginas, o que permite ao leitor conferir sua precisão. “Faz mais sentido usar o site para procurar fontes melhores”, analisa.

O tempo livre de Matheus não é exclusivamente dedicado à leitura. O rapaz é fã de animes — os famosos seriados de animações japonesas —, embora aponte que tal atividade não é comumente considerada um *hobby*: “As pessoas não entendem isso como *hobby* exatamente. Porque um *hobby*, geralmente, traz a ideia de passatempo, de algo que você estaria ativamente fazendo, e não passivamente”.

Seus animes favoritos são os de comédia, especialmente os que pendem “para um lado absurdo”, como *Asobi Asobase* (2018). Outro gênero que agrada Matheus é o de romance, a exemplo de *Shigatsu wa Kimi no Uso* (2014-2015). Há ainda os animes *shonen*, cujo público-alvo são garotos adolescentes, como *Fullmetal Alchemist: Brotherhood* (2009-2010). Ele também destaca o filme de animação japonês *A Garota que Conquistou o Tempo* (*Toki o Kakeru Shōjo*, 2006).

Em sua conta do Facebook, Matheus utiliza como foto de perfil uma imagem do personagem Hachiman Hikigaya, do anime *Yahari Ore no Seishun Rabukome wa Machigatteiru* (2013), conhecido pela abreviação *OreGairu*. O jovem explica que Hikigaya é o protagonista da série e tem como característica ser antissocial por opção. O personagem acredita que a juventude é um período ruim, marcado pela falsidade, no qual as pessoas se movem pelas aparências. O enredo gira em torno do confronto dessa “ideologia” do personagem com outros colegas de sua escola, que têm visões diferentes.

Mas, segundo Matheus, o uso da imagem de Hikigaya não se dá por identificação — até porque o protagonista sequer é levado tão a sério pela própria obra. “Eu acho o personagem interessante. Não é nem questão de concordar ou discordar, é só de ter o interesse na obra”, diz.

Além de um ávido leitor, Matheus também gosta muito de escrever. Nesse caso, não se trata apenas de um *hobby*; ele tem a ambição de focar nessa atividade, divulgar melhor suas histórias e torná-las conhecidas. Apesar das intenções, o jovem diz não ter muita esperança de que isso vá acontecer.

Matheus escreve narrativas de diversos gêneros. Ele já criou uma história de ficção científica, uma de fantasia, além de algumas mais “cartunescas”, sem um gênero muito definido. “Elas meio que caem pro lado do absurdo, um lado meio *nonsense*. Talvez o gênero pudesse ser descrito como comédia do absurdo, alguma coisa assim”, explica.

As histórias de Matheus variam em tamanho. Seu texto de ficção científica ficou um tanto longo e ele pretende encurtá-lo. Já o texto de fantasia foi escrito em uma versão longa e também em outras versões curtas que resumem a história. Por fim, os textos “absurdos” são mais curtos.

No caso dos trechos resumidos de suas narrativas, o jovem os envia aleatoriamente na internet para algumas pessoas que se dedicam a ler textos de estranhos. Mas ele nunca mostrou nenhum de seus escritos para conhecidos. “Pessoalmente, na vida real, é difícil a pessoa ter um tempo para parar e ler”, justifica.

Matheus cogita começar a roteirizar, gravar e publicar suas histórias em formato de áudio no YouTube. O objetivo seria testar até onde seus textos conseguem “passar informações, sensações, impressões e opiniões de maneira eficiente”.

O rapaz tem o sonho de criar algo tão famoso ou impactante quanto outras histórias clássicas, de qualquer gênero. Algo que impacte não só a geração na qual foi lançado, mas continue impactando as gerações posteriores, “no sentido cultural e midiático da coisa”. Uma obra que se torne referência, na qual outras

passem a se espelhar. Como exemplo, ele cita a animação *Os Incríveis* (*The Incredibles*, 2004), do famoso estúdio norte-americano Pixar; e o filme *Guerra nas Estrelas* (*Star Wars*, 1977).

Matheus reconhece que, no caso de *Os Incríveis*, o impacto cultural também está relacionado à memória gráfica, ou seja, a lembrança da estética dos super-heróis, que são tema do filme. Mas, na sua visão, o que torna a animação marcante, antes de tudo, é a sua história.

Para ele, a originalidade é um dos principais fatores responsáveis pelo sucesso de uma obra, ao lado da sua capacidade de causar identificação com preferências e instintos humanos.

É o que ocorre, segundo o rapaz, com contos de fadas, lendas urbanas e mitos primitivos. “Ninguém mais acredita em Zeus ou em Poseidon. Ninguém acredita em saci-pererê. Mas a gente consegue lembrar desses símbolos, consegue lembrar dessas histórias, porque elas representam algo que nos atinge por sermos humanos, e não por nós termos nascido no passado ou sermos da era atual. Eu acho que é isso que faz uma boa história: conseguir se envolver com temáticas universais dos seres humanos”, discorre.

Para além de escrever uma história que se torne clássica, Matheus não almeja muita coisa em sua vida: “Os meus sonhos são bem diretos, concisos. Eles não se estendem para mais do que uma coisa em particular”.



Normal, mas...

A vida de Matheus não destoa da vida de qualquer outro jovem. Nas suas palavras, ele faz “coisas de gente normal”. Exceto quando se trata da vida amorosa.

Matheus relata que já teve um flerte com uma garota pela internet, mas não leva muito em consideração esse acontecimento: “A gente não se conhecia de verdade. Você só consegue ter uma conexão de verdade com alguém se você conhece a pessoa pessoalmente. Quer dizer, pelo menos essa é a minha experiência. Eu não me senti genuinamente conectado à pessoa como eu me sentiria com um colega de escola, que eu conheço pessoalmente. O conhecimento pela internet não vai muito além do superficial. Por mais que você compartilhe todo tipo de coisa para uma pessoa, ela sempre vai sentir que vocês são meio estranhos um ao outro”.

Afora a única ocorrência virtual, que sequer entra na sua conta, a vida de Matheus é totalmente alheia a contatos românticos: “Na vida pessoal, nunca teve flerte nem nada”. Ele também jamais pagou por alguém.

Matheus não se envergonha de ser incel. Embora não se assuma publicamente, ele não vê nexo em se sentir desonrado por algo que entende como normal: “É uma coisa que me deixa triste, mas que não chega no contexto da vergonha”.

Dentro do universo incel, a condição de celibato involuntário não é ruim por si só. Segundo Matheus, isso depende se o incel quer deixar de ser rejeitado. “Se as relações sexuais ou amorosas forem algo indiferente na vida dele, aí não vai ser negativo”, explica. “Se for uma pessoa mais — digamos assim — dentro do usual, para ela vai ser negativo”.

Ainda de acordo com o rapaz, o fato de a condição ser involuntária não sinaliza que todo incel tenta deixar de ser incel. “Se ele é assim involuntariamente, quer dizer apenas que ele não pode mudar, mesmo se ele vier a querer. Mas isso não significa que ele necessariamente queira”, disserta.

Na sua vivência de “cara normal” — que, por acaso, também é incel —, Matheus não consegue afirmar com exatidão se é feliz ou não. Ele diz que suas sensações são muito mutáveis, e por isso nunca está 100% feliz ou triste. “Eu acho que tem muitos motivos para estar triste. E eu acho que tem muitos motivos para tentar aliviar a sensação de tristeza e encontrar a felicidade, também”, pontua.

Quando coloca na balança, o rapaz acredita que, na maior parte do tempo, acaba “pensando negativamente”, mas não sabe dizer exatamente por quê.

Matheus não tem nenhum histórico médico psiquiátrico e nunca foi diagnosticado com nenhum transtorno. Por outro lado, ele admite que já pensou em suicídio várias vezes. “Mas só no sentido da teoria, sabe? Na teoria eu poderia me suicidar, porque eu vejo a vida como muito triste, por causa do fato de ser um

incel. E também por outras coisas a mais. Mas isso eu não quero ficar detalhando”, esclarece.



Na internet, os incels adotam uma “régua de beleza” para classificar as pessoas conforme sua aparência. É comum encontrar usuários dos fóruns se referindo às pessoas como um número de zero a dez. Dentro desta lógica, Matheus se considera feio: “Nota três ou quatro”. Nos fóruns, a crença é de que a nota máxima dos incels seja três.

Segundo ele, essa escala mede, na verdade, a percepção social sobre a aparência das pessoas. O rapaz admite que não faria sentido estipular um julgamento estético objetivo, que não dependesse da opinião de cada sujeito. Mas as notas se referem à visão mais convencional das pessoas. Elas representam uma “média” da opinião de todos. “Isso seria uma coisa objetiva. Mas não porque a beleza em si é objetiva, e sim porque você vê que tem uma maioria de pessoas que está concordando nesse quesito”, aponta.

Na visão do jovem, o fator principal para conseguir um relacionamento é a aparência física. “Se você não atrai num nível básico, não tem como você desenvolver outras coisas mais complexas”, sugere. “A primeira impressão acaba sendo a que fica”. De acordo com ele, é isso o que acontece no seu caso, pois as mulheres não gostam de sua aparência.

Para Matheus, a personalidade “não adianta quase nada”. Isso porque, na sua opinião, “pessoas com personalidades completamente diferentes são vistas basicamente da mesma maneira pelas mulheres, só pelo fato de serem atraentes fisicamente”.

O dinheiro “também não adianta para que você consiga alguém que goste de você”. Ele reconhece que alguns relacionamentos surgem a partir do dinheiro, mas entende que, nesses casos, não há atração verdadeira.

“Só porque a pessoa está com você por causa do seu dinheiro não quer dizer que ela gosta de você”, diz. “As mulheres que se relacionam com velhos ricos não se sentem atraídas pelos velhos. Elas simulam que sim”.

Assim, para ele, no fim das contas, os fatores personalidade e dinheiro são fracos demais para superar a aparência, que “acaba sendo o fator mais forte”. Essa é a base do conceito da *black pill*, adotado pelos incels.

“Não importa desenvoltura social, não importam trejeitos, não importa se você é um cara confiante que inicia a conversa com uma mulher... O que importa, em primeiro lugar, antes de tudo isso, é a aparência física”, detalha Matheus. “Caras que são muito bonitos não precisam ser confiantes. As mulheres que se oferecem para eles”.



Incel “pé no chão”

O primeiro contato de Matheus com o conceito de incel foi por volta de seus 18 ou 19 anos, pelo YouTube. Ele descobriu canais dedicados ao assunto, como *ITV* (sigla para Incel TV) e *Wheat Waffles*.

Ainda assim, o rapaz não frequenta fóruns incel, “por falta de interesse”. Apesar de não ter um conhecimento muito amplo, ele tem uma certa noção dos conteúdos que surgem nesses sites.

Para o jovem, ser incel não significa odiar as mulheres. Ele entende que isso se restringe a uma parcela dos incels na internet, onde se cria uma cultura de “sujeitos que se sentem tão ressentidos com a questão de não serem atraentes e não terem relações com mulheres que acabam nutrindo esse ódio e despejando nas mulheres”.

Tais homens passam a se enxergar como vítimas injustiçadas e acreditar que as mulheres são culpadas por eles estarem sozinhos. “Ser incel, em si, não tem nada a ver com isso. Só que também não dá para negar que isso acaba existindo”, aponta Matheus.

O jovem não sabe dizer com precisão se esses sujeitos odiosos são maioria entre os incels. “O que eu sei é que eles são muito barulhentos. Eles apare-

cem mais”, salienta. Por isso, “acabam chamando mais a atenção na internet ou até mesmo na grande mídia”.

Para Matheus, particularmente, culpar alguém só faz sentido quando se aplica uma questão de causa e efeito. “Se você é culpado de alguma coisa, quer dizer que você ativamente decidiu causar uma coisa”, explica. Assim, quem tem culpa de um roubo é quem o causou, ou seja, quem o cometeu. Quem tem culpa por uma mentira é quem a contou.

“Mas as mulheres não decidem ativamente se sentir atraídas ou sentir repulsa de mim ou de qualquer outra pessoa”, opina. “As mulheres não causam as preferências que elas acabam tendo”.

O rapaz se incomoda apenas com um comportamento que ele enxerga nas mulheres: encobrir a realidade de que só não gostam de certas pessoas por questões puramente físicas.

“Eu realmente acho que as mulheres costumam fingir que não estão rejeitando alguém só pela aparência”, avalia. Segundo Matheus, elas fazem isso por medo de receber críticas: “É socialmente menos aceitável você dizer que rejeitou alguém só pela aparência, porque dá a impressão de que você é superficial”.

Apesar desta desaprovação, o jovem não se opõe ao feminismo. Ou pelo menos não exprime nenhuma opinião profunda sobre o movimento. Ele reconhece que existe uma questão problemática de assédio sexual contra mulheres na sociedade e defende que isso seja combatido. Por outro lado, diz ter a impressão

— sem muita convicção — de que ações afirmativas para mulheres não seriam positivas.

Esse ponto de vista moderado, por si só, já afasta bastante Matheus das ideologias encontradas nos fóruns incels. Lá, boa parte dos membros tem ideias alinhadas à extrema-direita. Já o rapaz diz não ter viés político e se opõe a rótulos.

“As questões políticas são muito variadas e muito desconexas entre si para que você tenha uma opinião ou ideologia que sirva de orientação geral”, opina. “A melhor coisa a se fazer é ter opiniões políticas de acordo com o contexto. Cada questão deve ser analisada de um jeito, sem um viés”.

Política, para Matheus, é um assunto tão variado quanto coisas banais do cotidiano, como comida: “Se você me perguntar qual é a minha posição sobre comida... Isso não faz o menor sentido”.

Seu olhar sobre outros tipos de preconceitos também indica que o rapaz não compactua com os conteúdos disseminados na internet por outros homens que compartilham da sua condição.

Embora incels dos fóruns tratem a comunidade LGBTQIA+ como algo repugnante, Matheus não vê nada de errado nela: “Para mim, é simplesmente uma maneira de sentir atração. E maneiras de sentir atração, por si só, não significam nada para fazer a pessoa ser nojenta, por exemplo. Pessoas LGBT são só pessoas normais”.

Enquanto nos fóruns o racismo é recorrente, Matheus também não acha correto julgar as pessoas por suas origens étnico-culturais. “A princípio, eu considero que o ser humano seja muito parecido, independentemente da cultura e dos aspectos físicos”, diz. “Eu nunca vi nenhum estudo mostrando que a herança genética de uma determinada população num determinado território acabou provocando diferença de comportamento, por exemplo”.

O rapaz também não concorda que brancos sejam inerentemente mais bonitos do que outras etnias. Ele admite que também sente atração por algumas pessoas negras e amarelas.

Por outro lado, ele considera que a preferência estética com base na cor da pele ou em outros traços — como boca, olhos e cabelo — é um comportamento normal do ser humano. “As pessoas têm preferências e, contanto que não estejam machucando ou ofendendo severamente ninguém por causa da raça, eu acho que tá tudo certo. Mas eu não tenho opinião sobre o preconceito que os outros têm”, conclui.

Outra discordância do jovem com os conteúdos dos fóruns diz respeito à veneração de Elliot Rodger. Para ele, aliás, ER sequer era exatamente um incel. Na interpretação de Matheus (baseada no que já ouviu falar sobre o assunto), existiam mulheres que se sentiam atraídas por Rodger. “Ele não era nota quatro ou nota três”, indica. Mas o autor do massacre de Isla Vista não se relacionava com elas, porque queria mulheres brancas, loiras e de olhos azuis.

“Ele se deixou levar pela emoção. Ela chegou num nível tão profundo, tão devastador para o intelecto, que ele parou de pensar racionalmente. E assim ele

esqueceu da moralidade”, deduz Matheus. “Mas, no caso, é só um monte de gente inocente que infelizmente morreu na mão do cara”. O rapaz diz que não tem simpatia ou identificação com ER.

Para além dos conceitos incel, Matheus também não tem apreço pelas ideias dos MGTOWs. “As consequências dessa filosofia são praticamente nulas”, opina ele, em referência à prática de rejeitar relacionamentos com mulheres. “Bela porcaria. Nenhuma mulher vai se sentir afetada por causa disso”.

Ainda que viva uma vida de “cara normal”, distante dos extremismos dos fóruns, Matheus admite que gostaria de deixar de ser incel. É exatamente por isso que o rapaz diz se sentir triste pela sua condição. “Eu gostaria de não ser um cara que é sempre rejeitado por mulheres”.

Mas Matheus diz que é sempre rejeitado pelas mulheres: “Eu já meio que desisti. Eu não tenho mais o que fazer”.



“Cadê aquela menina que ficava a noite inteira conversando com você?”

A pergunta é feita em um vídeo do Instagram por um homem loiro, musculoso, tatuado, de olhos claros e barba robusta. O aspecto remete, no imaginário popular, aos vikings — antigos guerreiros nórdicos. Na parede de seu quarto, uma bandeira da Noruega e o quadro *Escola de Atenas* (*Scuola di Atene*, 1509-1510). Considerada a obra-prima do pintor renascentista italiano Rafael Sanzio, é uma representação idealizada da vida intelectual na Grécia Antiga.

“Preste muita atenção, soldado, em quem você anda gastando seu tempo e energia”, continua ele, aos brados. “Enquanto pra você ela diz que vai dormir, para outros ela diz que está sem sono”.

Em outro vídeo, publicado no mesmo perfil no início de 2023, uma mulher, com o rosto borrado, apresenta uma mensagem para um destinatário desconhecido: “Então, queria te dizer que... Não leva a sério, não, as palavras bonitas que eu falei, as coisas que eu prometi. Eu só queria sentar. E eu já sentei, então... Para de me mandar mensagem. Acabou. Eu tô com o seu amigo agora”.

Em seguida, surge na tela a imagem d'O Viking, que diz, no mesmo tom feroz, a um interlocutor indefinido: “Pois é, miqueinha. Mais uma vez o golpe está aí. E você escolheu cair”.

Desta vez, a lição de moral vem acompanhada de uma dica: “O homem que compreende a filosofia *red pill* opera de modo racional e masculino; coloca-se como prioridade; trabalha em seu propósito; aprimora o físico e o intelecto; sabe qual mulher merece ficar e qual deve ir; se for rejeitado, segue a vida de cabeça erguida e parte para outra; vive de forma descomplicada e com o foda-se ligado. Na vida real, as coisas não acontecem como fomos condicionados e ensinados a crer”.

A mesma estrutura é seguida em outras publicações. Em uma delas, um emoji de palhaço cobre o rosto de outra mulher, que proclama: “O homem só manda numa mulher quando ele banca a vida dela. Quando não, a gente faz o que a gente quiser. Enquanto a gente paga as nossas contas, a gente faz o que a gente quer da vida, entendeu?”.

Após uma risada alta e maligna, O Viking dá sua versão dos fatos: “Ou seja, você só será respeitado em um relacionamento se servir de banco para a dondoca”. Mais uma vez, há uma orientação para os homens: “Imponha-se na relação, rapaz. Demonstre força. Jamais aceite ser um mero pagador de contas e de caprichos de mulher. Porque se você é um cara manso, bonzinho e não se posiciona na relação como homem, essa mulher não te respeitará. E quando ela não te respeita, o que é que acontece? Você é chifrado e abandonado”.

Outra desconhecida, de rosto borrado, aparentemente durante a gravação de um *podcast*, declama uma mensagem a outras mulheres: “Libera a piranha que está em você. Não tenha vergonha. Libera. Não se importa com o que as pessoas vão falar. Eu acho que o seu momento é o seu momento. Sua vida é a sua vida. Muita gente vai te julgar. Muita gente vai dizer que você é piranha. E

não significa que você não seja. Você é! Sua amiga é piranha. Você é piranha. E isso não dá em nada. Seja feliz”.

Mais uma vez, O Viking ironiza: “É isso aí, minha gente. Excelente. Vamos todos ser piranhas”. Novas risadas malignas.

“Vá nós, homens, num *podcast* falar que sejamos cachorros, galinhas, que vamos passar o rodo, pra ver o que acontece”, retruca ele. Com uma careta, ele imita o que compreende como a provável reação das mulheres a esse cenário hipotético: “Ai, seus machistas”.

De volta a seus trejeitos normais, ele finaliza: “Porque o importante mesmo é fazer tudo que quer, né? É ser feliz, não é mesmo? Assinado: diabo”.

O Viking se chama Guilherme Albuquerque. Apesar das falas polêmicas e talvez ofensivas, ele garante: “É um personagem que eu faço”.



Guilherme “*The Viking*”, como é conhecido na internet, tem 34 anos e vive em Penedo, distrito de Itatiaia (RJ) — na divisa do estado do Rio de Janeiro com os de São Paulo e Minas Gerais, perto da Academia Militar das Agulhas Negras, instituição de ensino superior do Exército.

Ele é formado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Teológica Nacional de Minas Gerais — cursos de educação à distância (EAD) — e em Direito pela Universidade Estácio de Sá (este, presencialmente).

Hoje em dia, Guilherme não atua diretamente em nenhuma dessas áreas. Além da produção de conteúdo na internet com o personagem d'O Viking, ele trabalha como assessor parlamentar, na chefia do gabinete de um amigo que é vereador de Resende (RJ) — outro município próximo —, mas prefere deixar de fora de seu relato as minúcias da sua atuação política.

No seu tempo livre, Guilherme faz musculação, caminha pelas florestas da região e lê bastante: “Eu leio três, quatro livros ao mesmo tempo. É o meu hobby preferencial”. Suas leituras favoritas são principalmente teóricas, nos campos da Filosofia, Psicologia e “assuntos voltados ao desenvolvimento masculino e disciplina”.

Dentro da Filosofia, Guilherme conta que estuda bastante a Patrística e a Escolástica, escolas medievais ligadas à fé cristã, da qual ele é seguidor. Mas O Viking também se aventura pela metafísica, pelo racionalismo e pelo estoicismo.

Na Psicologia, ele se considera autodidata: “Não pretendo ter o diploma, mas é uma ciência sobre a qual já há alguns anos eu tenho me debruçado”. Ele não acompanha autores específicos da área; prefere ler, principalmente, artigos de anônimos em fóruns da internet. “Essas coisas complementam muito o meu arcabouço de conteúdo”, diz.

O homem por trás d'O Viking é muito focado em si mesmo. Ele não gosta, por exemplo, da ideia de ter que se descrever: “Eu não me descreveria, não. Deixaria a pessoa tirar as próprias conclusões”. Com um certo esforço, ele ao menos crava que é “um cara muito minimalista”, “muito pacato” — embora não aparente em seus conteúdos nas redes sociais — e com poucos gastos.

Psicologicamente, Guilherme se diz tranquilo, pois tem um “arcabouço espiritual” que engloba práticas de meditação, silêncio e observação. “Eu sonho com olhos abertos. Eu vivo a vida que eu sonho. Ou eu sonho a vida que eu vivo. Não sei bem pontuar isso”, discorre. “Mas eu acredito que a vida que vale a pena ser vivida é uma vida em que você tenha recurso suficiente para você ter tempo à sua disposição e certa plenitude espiritual, mental e emocional. Eu acho que essa é a grande riqueza da existência”.

O dinheiro, para ele, “não é o caminho”. Guilherme afirma vir de uma família abastada, mas cuja riqueza “acabou” — ele prefere não dar muitos detalhes, mas explica que perderam espaço no ramo de mercado em que atuavam, devido à alta competitividade.

Ele diz que cresceu com ótimas condições financeiras: “Tive fase da minha vida em que, porra, faltava nada. Eu tinha tudo que eu queria e até mais”. Hoje, ele considera que isso foi negativo e vê a quebra do padrão de vida como proveitosa para que pudesse “despertar para a realidade da vida” e “correr atrás da sua própria jornada”.

“Quando você nasce num berço bacana, você não tem muita noção da vida, você não tem muita noção da realidade das coisas”, afirma. “Foi bom isso

ter acontecido. Me fez ter essa conclusão de que as pessoas correm atrás de vento, de pó. Dinheiro é bom, dinheiro é importante, dinheiro é significativo. Mas quanto? Até onde vale a pena você se matar e se destruir pra ter dinheiro?”, indaga. Seu verdadeiro objetivo, defende, é “uma vida em paz”, na qual consiga “realmente desfrutar do que vale a pena”.



O homem magnético

Na visão de Guilherme, “a *red pill* é um olhar, um entendimento que você tem da vida e, principalmente, dos relacionamentos”, para se nortear a partir da sabedoria e experiência de outras pessoas e perceber “certos trejeitos” e “certas características” das mulheres. O intuito, segundo ele, é que o homem “não seja emocionado e não entre em apuros em várias questões que abrangem a vida e as relações interpessoais”.

Ou seja, a *red pill*, para O Viking, é apenas um conjunto de “conhecimentos práticos” que ajudam os homens a ter “um melhor desempenho” nas relações. “Ao meu ver, tudo que vai além disso é excesso, frustração, problematização, caos e, conseqüentemente, morte”, assinala.

Os “conhecimentos” da *red pill* passam principalmente por entender a “psicologia do feminino”. De acordo com Guilherme, as mulheres agem de maneiras

específicas e os homens podem compreender melhor os comportamentos que elas têm dentro de um relacionamento.

“Não que isso deva ser uma neurose ou uma preocupação exacerbada, mas são pontos que uma pessoa que estuda essa questão da *red pill* tem com ele, para que ele consiga operar melhor dentro dessa relação”, explica.

O Viking não inventou o que reproduz; ele se inspira em livros sobre o tema. Uma de suas principais influências é Nessahan Alita, pseudônimo de um autor brasileiro desconhecido de livros masculinistas lançados nos anos 2000. Outro autor bastante prestigiado por Guilherme é o americano Rollo Tomassi, que nos anos 2010 escreveu a série de livros *The Rational Male*, considerada a “Bíblia da *red pill*”. Por fim, há a referência do também americano David Deida, autor de livros nas últimas décadas sobre crescimento sexual e espiritual.

Nas redes sociais, Guilherme se denomina “o príncipe do sigmas”. O conceito de sigma vem se popularizando na internet, normalmente para designar um homem autoconfiante e reservado, sempre no contexto da *red pill*.

“O sigma é o cara focado em si. Ele não prioriza relacionamento, ele não prioriza mulher. Ele prioriza a paz mental, emocional e espiritual”, discorre O Viking. “O foco do sigma é o desenvolvimento próprio. Dominar a si, conhecer a si e aonde tudo isso leva”.

Dentro dessa filosofia, mulheres e relacionamentos são meras consequências do estilo de vida — o que não significa necessariamente abrir mão da vida amorosa. Segundo Guilherme, alguns sigmas realmente não querem contato

com mulheres, pois consideram que a vida é mais tranquila quando se está sozinho. “Não é o meu caso”, conta ele, rindo.

O Viking explica que alguns sigmas têm relacionamentos, casamentos e até filhos, mas encaram tudo como consequências. Nas suas palavras, a prioridade de um sigma sempre será se questionar: “O que eu posso fazer para melhorar hoje? O que eu posso estudar? Qual hobby novo eu posso ter? Qual ferramenta eu posso aprender? Qual atividade eu posso fazer para ter um melhor ganho financeiro?”.

Em síntese, a *red pill* pregada por Guilherme consiste em priorizar a individualidade masculina e compreender o funcionamento da sociedade: “Não o que dizem, mas como agem; como é a verdade nua e crua. Através da observação e contemplação, tirar as suas resoluções, reter o que é bom, excluir o que é ruim e aplicar isso na tua vida, no teu cotidiano, para que você tenha uma experiência de vida melhor”.

O Viking também tem um conceito próprio (que não foi emprestado de suas referências): o homem magnético — “um homem que nutre uma confiança verdadeira em si”. Segundo ele, através dessa confiança, o homem consegue melhorar a autoestima, a memória, o aprendizado, a persuasão e as relações no geral. “Você consegue ter uma vida em abundância”, aponta.

Sua ideia não é voltada apenas à sedução: “É algo que você constrói verdadeiramente dentro de você e que reflete no externo. Um homem magnético é um homem que funciona na sua mais perfeita e qualitativa forma. Através desse

movimento e dessa construção, você consegue existir e desfrutar das melhores coisas da vida, dentro do teu julgamento”.

Guilherme diz que o homem magnético não necessariamente difere do sigma. “Dentro de uma vida sigma, dentro dos princípios, dentro das escolhas, dentro dos estudos empreendidos por um sigma, ele com certeza se torna um homem magnético”, destaca.

O Viking oferece aos seus seguidores treinamentos para se tornar um homem magnético: “É basicamente eu sintetizando tudo que eu estudei e conheci”.



Se, por um lado, o masculinismo surgiu como uma resposta antagônica ao feminismo, Guilherme, por outro, não vê o movimento como completamente negativo. Ele considera que a primeira onda do feminismo — ocorrida entre o século 19 e o início do século 20 — foi “muito digna”, pois buscou humanizar a mulher e lhe dar direitos, voz e espaço. “Eu não gosto do olhar que era tido no passado em relação à mulher” — a ideia da mulher como um objeto, uma criatura não humana.

Suas críticas se voltam às ondas seguintes do feminismo. Segundo O Viking, as seguidoras passaram a pregar uma “briga do homem com a mulher”, o que ele não considera saudável.

Guilherme também entende que o modelo social da mulher trabalhadora, “buscando tudo”, não é “funcional no que tange à família”. Ele acredita que existam papéis bem definidos para os homens e as mulheres.

“Eu gosto do modelo tradicional, patriarcal”, revela. Ele diz ser “contra os excessos”, mas entende que “todo esse empoderamento, toda essa liberdade e libertinagem da mulher” são disfuncionais para a sociedade. “É nesse olhar que o feminismo peca e carece de sensatez, no meu entender”, conclui.



“A gente tem que saber diferenciar a *red pill* verdadeira, original, essencial do que se tem por aí”, ressalta Guilherme. Segundo ele, o termo está manchado por pessoas extremistas e sofridas, que passaram por coisas desagradáveis nas suas vidas. “Eu até compreendo, mas não acho certa a forma de agir em relação às pessoas, imprimir na sociedade as amarguras que tenha vivido e fazer disso a regra existencial”, completa.

De acordo com O Viking, alguns produtores de conteúdo que se dizem *red pill* e sigmas estão “degenerados nesse sentido” e pregam ódio e misoginia — “um feminismo invertido”, como ele descreve.

“Eu sou totalmente contra. Eu acho que o que deve ser odiado são atitudes, e não pessoas. Não individualidades, mas sim comportamentos”, opina Guilherme. “É óbvio, se você vivencia na pele uma sacanagem, uma putaria de uma pessoa que você ama... Porra, você de certa forma vai gerar um ódio em relação a ela. Isso é humano. Mas o problema é a propagação, tornar isso normal, correto”.

Na sua visão, tais ataques são opostos aos seus ensinamentos. “O objetivo da *red pill* sempre tem que ser a conscientização, e não o ódio, a destruição, a degeneração”. Ele alega que seus conteúdos buscam “sempre pacificar essas mentes que passaram por certos traumas nesse sentido”.



Sem rótulos

Grande parte do crescimento de Guilherme nas redes sociais está relacionado à filosofia MGTOW. Quando a nomenclatura ficou mais conhecida, os adeptos passaram a associá-lo à sigla. Até então, O Viking já criava conteúdos voltados ao conceito de sigma. A partir do *boom* do MGTOW, ele começou a estudar a ideia e “vestir a camisa”. Com isso, conseguiu uma nova horda de seguidores, que hoje representam sua maioria.

Para Guilherme, essa filosofia também se degenerou para um “feminismo ao contrário”. Na sua concepção, um MGTOW geralmente surge quando um homem inicia um relacionamento, “se doa à mulher” e cuida dos filhos, mas acaba sendo traído e “saqueado” — “se ferra na Vara de Família” e perde seus bens.

O Viking vê o MGTOW, em seu sentido original, como um conceito muito parecido com o do sigma, de um homem focado em si. Muitas vezes, os seguidores evitam relacionamentos, porque entendem que as leis “estão muito ginocêntricas” e feministas.

A degeneração desse pensamento, na visão de Guilherme, ocorre quando o homem deixa de focar em si e passa a se relacionar com prostitutas e garotas de programa; ou a querer apenas “usar o corpo da mulher para o próprio prazer”.

Segundo ele, alguns MGTOWs, munidos de raiva, ódio e frustração, se tornaram misóginos. “Toda filosofia revolucionária tende a polemizar, se complicar, se deteriorar, se degenerar”, reflete.

Apesar das semelhanças, O Viking se considera “mais sigma do que MGTOW”, pois nunca passou por uma situação de “prejuízo” em um relacionamento.

Ele se compadece com os MGTOWs que tiveram tais experiências ruins: “Eu entendo por que o cara não quer relacionamento. Eu entendo por que o cara de certa forma se traumatizou. Eu entendo o porquê de o cara ter se afastado. Compreensível pra caralho”, avalia.

Mas Guilherme não se diz um seguidor da filosofia MGTOW. “Eu não sigo nada assim. Eu acho que, de tudo, nós devemos extrair o que é bom, o que é aplicável para a vida e de certa forma influencie o bem às pessoas que nos cercam”, explica.

O Viking afirma não acompanhar nenhum *influencer* da manosphere e não participar de grupos sobre o tema. Certas definições desse meio convêm ao seu estilo de vida, mas ele registra: “Não me defino como nada disso”.

“Tudo que eu tinha para tirar desse nicho eu já estudei, já li... Já saturou”, defende. “Então eu faço o trabalho que eu tenho que fazer, interajo com o pessoal, vendo as coisas e depois sigo a vida: vou treinar, vou trabalhar, vou fazer minhas meditações no meio do mato, vou pra cachoeira nadar”.



Nas redes sociais, O Viking debocha dos homens “emocionados”, dependentes das mulheres, que não conhecem o universo da *red pill*. Na vida real, Guilherme não os considera fracassados, mas ignorantes.

“A gente faz faculdade pra porra do Jornalismo, a gente faz faculdade pra porra do Direito, a gente faz faculdade pra porra da Medicina. Por que a gente não vai ter que ter conhecimento pro relacionamento e pras dinâmicas das relações?”, questiona.

“Você vai entrar igual um idiota na relação? Sem saber onde está pisando, emocionado, achando que esse relacionamento é filme da Walt Disney [sic]? Você lá, romântico, sendo que a mulher tá dando risada de você por trás?”, questiona. Segundo ele, a *red pill* é essencial para evitar que o homem seja “um bobalhão desavisado, carente, emocionado”.

Para O Viking, o verdadeiro fracassado não é o homem que desconhece a *red pill*, mas sim, aquele que não tem interesse em se desenvolver: “Aí você está assumindo um fracasso, vestindo uma roupagem de fracassado”.

Na opinião de Guilherme, o homem precisa de conhecimento para compreender a dinâmica de uma relação, pois dela podem surgir até filhos. “Cara, é a coisa mais importante da nossa vida, porra!”, apregoa.

Sem os ensinamentos da *red pill*, “a chance de você se fuder é enorme. Como muitos caras têm se arregaçado aí”. Ele ressalta que muitas mulheres sabem “jogar o jogo da sedução, da paixão, da persuasão, da conveniência”. Já os homens são, em sua maioria, “carentões”.

“Se não entrar com o devido conhecimento, é uma questão que, caso se degringole à degeneração, ao erro, ao engano, à sacanagem, à má fé... Mano, dependendo de como for o emocional da pessoa, muita gente se mata”, aponta O Viking.

Apesar dos exageros de seu personagem virtual, Guilherme diz que tem o objetivo genuíno de ajudar as pessoas a se tornarem melhores para elas mes-

mas e conseguirem se relacionar da melhor forma. Mas ele admite: “A minha técnica de levar esse conhecimento é um pouco não ortodoxa”.



Ganha-pão nada ortodoxo

A produção de conteúdo d'O Viking na internet é totalmente voltada, na sua própria definição, a “desenvolvimento pessoal” e *red pill*. Todas as suas contas nas redes sociais são monetizadas: Instagram, YouTube, TikTok e Facebook Watch. Nesta última, ele tem apenas 8,7 mil seguidores. Em todas as demais, conta com mais de cem mil.

Além dos vídeos, Guilherme também comercializa *e-books*, treinamentos e mentorias. A clientela é composta basicamente por seus seguidores mais fiéis.

Nas mentorias, homens levam seus problemas e pedem a opinião d'O Viking. A dinâmica, segundo ele, é de uma conversa; o cliente e o mentor debatem o tema até atingirem alguma conclusão para o futuro. “A gente vai chegando num denominador comum para que o cara consiga se livrar do problema, sair da situação e dar um *boom* na vida dele, se livrando daquilo que atrapalhava”, explica.

Os problemas em questão estão sempre ligados aos relacionamentos. “A relação tá uma merda, a mulher tá fria na cama, a mulher traiu, o cara tá sem tensão na relação...”, exemplifica Guilherme.

Já os treinamentos são mais específicos e têm temas predefinidos. Um deles, por exemplo, é o treinamento para se tornar um sigma — o “manual do homem livre e próspero”. A ideia é ensinar o cliente a “ter liberdade emocional, mental, espiritual”. Muitas vezes, serve, segundo O Viking, para tirar o homem do ódio e da misoginia decorrentes de traumas em um relacionamento. “Eu demonstro nesse treinamento que o caminho é realmente se perdoar e perdoar a pessoa que traiu, para que ele consiga se libertar, pacificar o espírito e seguir adiante, focando nos hobbies, no trabalho e na edificação pessoal”, indica ele.

Guilherme também disponibiliza o treinamento “homem magnético”, que ensina como se vender melhor e ter mais confiança. Outro treinamento é direcionado à disciplina para estudar e praticar atividade física.

Há, ainda, o treinamento para que o cliente vença o vício em pornografia e masturbação. O Viking conta que já sofreu com isso — mas nada comparado com alguns casos que já teve de lidar.

Certa vez, o transtorno do cliente era tão grave que Guilherme não soube como ajudá-lo. “Meio que exauriu tudo que eu sabia. Todas as técnicas, todas as práticas, todos os hábitos, todos os princípios que consigam blindar o cara desse vício foram ineficazes”, relata. Por isso, O Viking devolveu o dinheiro e sugeriu um acompanhamento psiquiátrico. “O cara tinha taras, assim... Até Deus duvida do bagulho”, relembra.

Guilherme diz que nunca chegou nesse nível. “Longe disso. Eu tive algumas taras esquisitas. Fui bastante viciado, de estar ali algumas vezes dentro do dia, todo dia. Mas perto de coisas que eu já vi por aí, é algo até razoável”, expõe.

O Viking conta que superou o vício depois de fazer mentorias, acompanhar treinamentos, assistir vídeos no YouTube, ler fóruns e estudar o assunto. Cerca de dois anos e meio após conseguir se livrar, ele idealizou suas próprias mentorias.



Os *e-books* de Guilherme também são relacionados ao seu estilo de vida. Um deles se chama *Liberte-se — Aforismos Para uma Vida Épica* e consiste em 120 aforismos (enunciados breves com regras ou princípios morais) sobre “os porquês da vida”, suas complexidades, as ações do ser humano, certos sofrimentos e como se livrar de certas coisas. “Uma parada um pouco filosófica”, aponta ele.

O início do primeiro aforismo já dá o tom da publicação: “Em todos os períodos da humanidade, sempre existiu a Matrix (um seleto grupo de pessoas ávidas pelo poder, escravizando toda a humanidade para se manter lá!) O princípio da sabedoria é reconhecer que você é controlado, enxergar as cordas de marionete em ti, e, a partir desse momento, buscar dia após dia se tornar cada vez

menos dependente dela, pacificando sua mente e espírito através do conhecimento contínuo, e da observação cotidiana, pois, com o tempo, perceberá que este sistema atual tem muito pouco a te oferecer, quase nada!”.

O quinto aforismo do livro prossegue com esse raciocínio: “Ao se desconectar consideravelmente da Matrix, lhes recomendo enormemente a jornada da espiritualidade e do desenvolvimento pessoal! Tais práticas lhes servirão como base para a jornada pessoal, lhes ensinarão a atingir a melhor versão de si mesmos, lhes farão compreender a unidade entre corpo, mente e espírito, e a necessidade de aprimorá-los de forma conjunta! Farão com que pacifiques todos os sintomas negativos, que anteriormente existiam em vocês quando na Matrix, tais quais medo, ansiedade, insônia, inconstâncias, desconfortos e afins!”.

O segundo livro é sobre minimalismo: “Também é espiritual, voltado à pessoa abraçar o que importa, o que é essencial, para poder ter mais dinheiro, se desenvolver e ter paz de espírito, paz mental”.

A terceira obra é *Mortificar a Si — e Vencer o Mundo*. Foi escrita na época em que Guilherme estava afastado das relações e de qualquer contato com mulheres: “Tava numa vida mais purificada, voltada à meditação, à contemplação e a buscar mais o espiritual. Foi uma obra pautada nesse sentido”.

Com a monetização das redes sociais e a venda de *e-books*, mentorias e treinamentos, as contas d'O Viking “se pagam tranquilamente”. Ele afirma que consegue se sustentar só com a produção de conteúdo na internet.

As mentorias e os treinamentos vendem melhor que seus livros, pois são mais pragmáticos e diretos. Os *e-books* acabam restritos ao “público mais fiel, mais engajado”. Guilherme compreende: “O brasileiro, no geral, não gosta de ler. Por mais que sejam obras didáticas, simplificadas, bem mastigadas”. Soma-se a isso a temática “mais espiritual” das publicações. “Não é best-seller. É uma parada bem nichada mesmo”, avalia.



“Grande parte do que eu faço na internet é pautado em polêmica”, atesta O Viking.

Ele produz conteúdo na internet há aproximadamente seis anos. Antigamente, seus *posts* se referiam à espiritualidade, meditação, estoicismo e “uma vida de renúncia, observação, estudo e intelectualidade”.

A mudança na “linha editorial” se deu por dois fatores. Um deles foi o próprio interesse de Guilherme pela *red pill* após descobrir o termo na internet. “É um assunto que muita gente vivencia na pele, eu acho que é interessante começar a falar sobre isso”, pensou ele.

O segundo fator foi o engajamento. Cerca de dois anos e meio atrás, O Viking notou que o assunto da *red pill* gerava muitas intrigas e polêmicas. Desde então, começou a se “embrenhar nessas questões”.

Boa parte do que Guilherme reproduz em suas redes vem de experiências de relacionamentos compartilhadas por terceiros. Ele busca comentar tais situações “de uma forma polêmica, que venha a gerar debate e discussão”.

Guilherme foi casado por nove anos. O matrimônio acabou em 2015. Ele conta que nunca teve problemas drásticos ou consideráveis na sua vida conjugal. De acordo com O Viking, o teor de seus conteúdos on-line não está relacionado à sua experiência no casamento.

“Eu acho que fica muito mais genuíno um conteúdo do qual você exprime algo que você vivenciou. Mas não necessariamente tudo”, diz. “Pra ser sincero, grande parte do que eu trago no conteúdo é experiência alheia. Aí eu faço uma comunicação com o que eu vivi” — sempre de forma a causar polêmica.

“Às vezes, eu vou falar algo absurdo e que eu não concorde, justamente para gerar engajamento”, admite O Viking. “Cara, eu vejo a internet como uma porra de um videogame. Eu deixo isso bem claro: eu não tenho compromisso com a verdade na internet, não”.

Ele afirma que seus seguidores estão atentos a isso. Também alega que não segue tal mote a todo custo — apenas busca criar estratégias para se tornar memorável e angariar a participação das pessoas. “O problema é que hoje as pessoas levam a internet muito a sério”, opina.



Zerando o videogame

Quando começou a atuar nas redes sociais, Guilherme produzia um conteúdo que chama de “morno”, pois era totalmente pautado no que ele realmente acreditava. Apesar de abordar temas semelhantes aos atuais, ele falava e dava conselhos em um tom bem mais sereno e reflexivo, sem gritos ou deboches. “Mas não é uma parada sexy, não é uma parada que gere ali um caos, um debate”, reflete.

Para atingir esse objetivo, ele conta que criou o personagem d’O Viking após estudos, observações, comparações, tentativas e erros,.

No Instagram, Guilherme se autointitula o “Darth Vader da *red pill*”, em homenagem ao icônico vilão da franquia *Star Wars*. “Darth Vader, nesse caso, aplicado ao meu personagem, seria o bambambã, o maioral da *red pill*, o poderoso chefão”, explica. É mais um artifício para construir a imagem d’O Viking.

“Soa um tanto arrogante”, analisa ele. “Só que assim... mano, o mundo é arrogante. O mundo vive de aparências, o mundo vive de ilusão. E de certa forma isso é a ilusão do personagem. Esse pináculo da grandeza, da soberba, da arrogância”. São esses os “ingredientes” que tornam O Viking um personagem caricato e geram engajamento.

Guilherme se considera “uma pessoa um pouco desconectada, diferente do personagem”. Muito do que ele faz nas redes sociais “não condiz com a realidade do ser humano por trás do personagem”, nas suas palavras.

A ideia d'O Viking foi baseada no seu próprio estilo. Fã de *heavy metal*, Guilherme já tinha cabelos longos, mas teve de cortá-los após muitos de seus fios lhe abandonarem. Depois, começou a cultivar uma barba — que já dura sete anos. Ele também se aproveitou da popularidade do seriado de televisão *Vikings* (2013-2020).

A bandeira da Noruega pendurada em seu quarto remeteria à sua ancestralidade. Guilherme afirma ser descendente de noruegueses (além de alemães e portugueses). “Acabei unindo o útil ao agradável”, indica.



O Viking se considera um *influencer*, devido à grande quantidade de seguidores que o acompanham diariamente. Mas, para ele, “isso não quer dizer porra nenhuma. Tem um bando de gente na internet que tem milhões de seguidores e presta a porra de um desserviço do caralho”.

Por isso, ele diz não se guiar pelos números. Segundo Guilherme, seu conteúdo tem valor. “Se você for uma pessoa genuína, sincera e sensata, você vai me dar a razão, porque o que eu tô falando aqui procede”.

O *influencer* reconhece que seu método nada ortodoxo, exagerado e caricato pode fazer com que sua mensagem seja distorcida. Ele sabe que quem chega desavisado às suas redes sociais pode enxergá-lo como “um monstro”.

Para O Viking, são ossos do ofício: “Nenhum método é perfeito. É o risco do *business*. Se o cara me acompanhar, ele vai entender exatamente onde eu quero chegar. Agora, meu irmão, se ele cair de paraquedas... é a fruta podre que caiu da árvore”.

“Independente do que você faça, se você é um *influencer*, se você gera um impacto na sociedade de alguma forma, você vai ter pessoas que te amam e pessoas que te odeiam”, continua.

Mesmo assim, Guilherme acredita que está fazendo mais bem do que mal. “Pessoas vão discordar de mim, mas paciência. Nem Cristo agradou a todos”, diz ele, rindo.



Politicamente, O Viking não se considera nem de esquerda nem de direita: “Eu vejo que existem coisas boas de ambos os lados”. Mas as principais críticas a seu conteúdo vêm da esquerda.

Certa vez, um *influencer* esquerdista e progressista, com cerca de um milhão de seguidores — de cujo nome Guilherme não se lembra — recortou e postou um trecho de um vídeo antigo d’O Viking. A repercussão foi forte: outras páginas de esquerda republicaram o conteúdo e se revoltaram com suas falas.

“Veio milhão de gente me xingar no Instagram”, conta ele, que ficou uma semana sem acessar sua conta. “Sumi, fiquei quietinho na minha, esperei aquela nuvem de chuva passar e depois voltou tudo ao normal”.

O próprio Guilherme admite que sua fala reproduzida era “absurda, polêmica, totalmente homicida”. No vídeo em questão, O Viking havia dito: “Hoje em dia não dá para diferenciar mulher de família de prostituta”.

Mas Guilherme se defende: logo na sequência do vídeo, ele explicava o sentido da afirmação: “Porque tem muita mulher de família que se comporta pior do que uma prostituta. Trai o marido, faz um escarcéu. É muito pior que puta. E tem puta que não tem um comportamento que uma mulher de família dessas tem”.

Segundo O Viking, o *influencer* de esquerda em questão costuma selecionar falas de outros mensageiros da *red pill* e gerar polêmicas. Ele cortou o trecho do vídeo em que Guilherme complementava seu raciocínio. “Eu achei que ia ser preso”, diz. Sua expressão não é de preocupação ou raiva; ele relembra o episódio em meio a risadas: “Conteúdo dele é engraçado, cara! Conteúdo dele é maneiro. Não tenho nenhuma raiva grande, não. Mas porra, ele foi moleque nesse sentido”.



De acordo com Guilherme, seu conteúdo é, majoritariamente, direcionado aos homens, mas “a mulher que tiver perspicácia e discernimento” também consegue aproveitá-lo.

O Viking garante que o objetivo de seu conteúdo não é ridicularizar as mulheres. Boa parte dos vídeos aos quais o *influencer* reage são, segundo ele, de outros personagens criados pelas mulheres. “Muitos vídeos que você vê a mulher falando certas coisas, você sabe que aquilo ali é um meme. Aquilo ali é uma palhaçada da mulher”, aponta. “Olha como a internet é um videogame”.

Guilherme afirma que seu objetivo não é rechaçar as mulheres, mas somente suas falas. “Se eu quisesse rechaçar a mulher, eu deixaria a cara dela exposta”, indica. “Na maioria das vezes, eu vou colocar um emoji na cara dela, um borrão”.

A partir de falas polêmicas das mulheres, O Viking lança suas próprias falas polêmicas para gerar engajamento. “Nunca é pessoal. É sempre algo voltado à ideia exposta naquilo que eu reagi. E esse é o barato do jogo. E aí que é a polêmica. É aí que dá bafafá, é aí que a galera bate boca mesmo”, explana.

O *influencer* entende que o humor atrai o público. Conteúdos sérios não conquistam muitos comentários ou visualizações. “A pessoa às vezes trabalha o dia inteiro, quer entrar na internet e se divertir mesmo, dar umas risadas”, imagina ele.

Para Guilherme, as percepções perpetuadas na internet não encontram respaldo na realidade. Segundo ele, “o mal tem uma capacidade de se propagar muito mais do que o bem”. A internet não é exceção a essa máxima.

“Se a gente sair da internet e observar a vida real, a gente vai perceber que a internet é uma porra de uma bolhazona, velho. A internet é uma bolha fudida”, comenta. Na sua visão, quem entra em contato com as coisas ruins da internet todos os dias pode acabar acreditando que “mulheres são demônios”, “mulheres estão intoxicadas” ou “não tem mulher boa no mundo”.

Na internet, a maioria dos homens quer “uma mulher gostosona, linda, maravilhosa, capa de revista... E quer essa mulher dentro de casa ainda, fazendo comida pra ele”. Já as mulheres querem “o galãzão, *chad*, modelo da Calvin Klein”.

“Essas pessoas estão vivendo uma ilusão”, opina O Viking. “Não vai funcionar”. Quando as pessoas saem das redes sociais ou entendem que estão em uma bolha, percebem que “tem muita mulher bacana pra relacionamento” e “tem muito cara bacana para relacionamento”.

Mas o *influencer* questiona: “Você vai abaixar a régua? Você vai estar com uma mulher que até te agrada fisicamente, mas não é tão doce quanto as mulheres que você deseja e você venera?”.

Se Guilherme diz que a *red pill* envolve a identificação de “certos trejeitos” e “certas características” das mulheres, ele também acredita que tais comportamentos não são o padrão feminino, mas apenas os que mais se espalham pela internet. “Quantas mulheres não fazem coisas boas debaixo desse sol todo santo dia? Incontáveis. Só que não dá ibope. Não dá engajamento”, analisa. “É uma merda essa realidade”.

De acordo com O Viking, a reação das mulheres aos seus conteúdos variam. Ele alega receber *feedbacks* positivos de mulheres, que concordam com suas falas. Por outro lado, “tem mulher que detesta, tem mulher que me xinga, tem mulher que me acha o Hitler moderno”.



“Eu tô de roxo. Você vai me ver”, disse Silas de Sousa quando me telefonou para dar orientações sobre como chegar ao local onde ele estava, na Avenida Paulista.

De fato, consegui identificá-lo a uma boa distância. E, de fato, ele estava de roxo. Um terno roxo reluzente, além de um colar com um grande pingente de crucifixo e óculos escuros — em plena noite. Era esse o estilo de Silas, que é preto, careca e tem cerca de 1,80 metro de altura.

Quando o avistei, ele interagiu com algumas pessoas em uma banca de jornal próxima ao Conjunto Nacional. Eram conhecidos da época em que trabalhou na Paulista, na última década. A intimidade era tão grande que Silas chamava o dono da banca de “meu pai”.

Fomos (apenas Silas e eu) até um restaurante próximo, chamado Gula Gula, com mesas em um jardim, mas todas ocupadas. Enquanto esperávamos a liberação de alguma delas, o homem de roxo dissertou sobre o jornalismo brasileiro. Criticou a linha editorial do canal de notícias CNN Brasil — segundo ele, o posicionamento político foi muito inconstante ao longo dos últimos anos, por vezes, se aproximando e, por vezes, se distanciando do apoio ao governo do ex-presidente Jair Bolsonaro. Também revelou a preferência de sua família pela concorrente GloboNews, mas demonstrou descontentamento com as transmissões esportivas do grupo Globo.

Quando finalmente conseguimos nos sentar, ele pediu, ao todo, duas doses de uísque e uma Coca-Cola, enquanto me explicou sua história: “Eu sou o cara que me neguei a fazer parte da multidão para ter minha própria personalidade e meu próprio senso de existência”, indicou. “Sendo a massa de manobra do Sistema, eu não vou ser ninguém. Sendo eu mesmo, eu também não sou ninguém. Então, para mim, não faz diferença”.



Silas tem 37 anos e vem de um cenário de extrema pobreza da cidade de São Paulo. Nascido no distrito do Campo Limpo, na Zona Sul, ele conta ter presenciado situações muito corriqueiras de qualquer morador da periferia — violência, drogas e crime organizado —, mas nunca ter se envolvido com “nada errado”.

Seu pai era pedreiro. Sua mãe vendia bugigangas do Paraguai e doces como pé de moleque e gibi em lojas e barraquinhas de rua. Silas também tem uma irmã de sangue mais velha (38 anos) e três irmãos adotivos mais novos (uma irmã de 36 e outros dois irmãos homens de 34 e 16 anos).

Os genitores, cristãos batistas fervorosos, conseguiram pagar para seus filhos uma escola particular ligada à Igreja Batista. O pai trabalhou para o colégio em que as crianças estudaram. Por isso, Silas tinha uma bolsa de estudos.

O rapaz fez ensino médio técnico em processamento de dados. “Sempre fui um cara muito viciado na parte tecnológica”, relata. A partir dos 13 anos, Silas passou a trabalhar com manutenção de máquinas.

Silas também afirma ser “muito autodidata”. Na virada do milênio, ele baixava apostilas em PDF na internet e, com o mínimo de conhecimento sobre eletrônica, já consertava processadores de computadores, placas-mãe, disquetes e CDs.

Os clientes eram, principalmente, conhecidos seus e de sua família. De vez em quando, Silas conseguia alguns serviços externos. O mais importante deles consistiu em montar uma rede de cinco computadores para uma empresa no bairro nobre de Moema. O pagamento foi de R\$ 120. “Foi a primeira vez que eu recebi um cheque”, diz. “Fui pra casa todo felizão porque eu poderia ajudar meus pais”.

Nessa época, seu pai também fazia outros trabalhos. Ele teve uma lotação clandestina — transporte não autorizado feito por meio de uma perua. Silas ajudava o pai com o serviço a partir das 4h30 da manhã e ia para a escola à tarde: “A gente ficava o dia todo fugindo da polícia”.

Até então, Silas era um garoto introvertido, retraído. Com 17 anos, ele também começou a vender livros bíblicos de porta em porta. Foi o período em que perdeu sua timidez e passou a “se soltar”. Conversar com os passageiros da lotação clandestina de seu pai também o ajudou.

O trabalho com reparo de máquinas passou a ficar mais sério quando Silas ingressou na faculdade, também aos 17 anos. Ele cursou Tecnologia da Informação (TI) na Faculdade de Tecnologia (Fatec) do Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa (Ipep). Com isso, desenvolveu mais técnicas e aumentou sua clientela.

Na faculdade, Silas entrou em contato com a parte de *software* e decidiu que queria ser programador. Por conta própria, passou a estudar códigos e linguagens de programação. “Minha vida era trabalhar de lotação, vender livro de porta em porta e, de madrugada, mandar ver nos estudos pra fazer manutenção”, exalta. “Virei Natal em cima de máquina empoeirada”.

A partir disso e da ajuda de alguns tutores que conheceu, o rapaz se especializou em instalação e limpeza de *softwares*. Depois de muitos serviços autônomos, passou a trabalhar para uma empresa de gerenciamento de sistemas para bancos.

Silas gostou da área de *software*, mas queria mais. Com o tempo, percebeu que quem vendia os sistemas e entendia suas regras ganhava mais dinheiro. Por isso, foi para a área de negócios, na qual já tem experiência há nove anos.

Atualmente, ele trabalha em uma empresa de grande porte como *scrum master*, ou seja, lidera e coordena as equipes de desenvolvimento, qualidade, *compliance* e produto.

Silas tem uma vida financeira estável, mas ainda almeja “chegar a um número de milhões e viver de rendimentos”. Ele entende que não conseguirá atingir

tal objetivo na sua profissão atual. Por isso, matura a ideia de abrir uma consultoria.



Apesar de ter crescido na capital paulista, Silas mora sozinho em Florianópolis desde o último ano. À época em que se encontrou comigo, ele estava em São Paulo por causa de uma cirurgia de tratamento dentário.

Ao fim do isolamento social em função da pandemia de Covid-19, Silas decidiu que precisava buscar um lugar mais tranquilo, onde pudesse “andar na rua” sem temer por assaltos e pela criminalidade no geral.

“Você vai sozinho nessa ruazinhas aqui, ó...”, ele me aponta uma das paralelas da Paulista. “Babau, mano. Cola uma moto, os caras te roubam”. Silas diz já ter sofrido uma tentativa de assalto em São Paulo, mas conseguido fugir correndo.

Sua opção foi pela capital catarinense, por ser uma cidade “esvaziada”, com somente cerca de 570 mil pessoas: “Você quase não vê gente. Só no verão. É super de boa”.

Silas conta que sempre teve um engajamento forte em planos sociais, como entrega de marmitas para moradores de rua e trabalho voluntário em hospitais de câncer. Hoje em dia, não tem mais tempo para se dedicar a isso.

“Eu gosto de estar em contato com esse meio”, diz. “Nada eu falo pra me mostrar ou como fator de orgulho, tá ligado? Mas poder ver um sorriso em uma criança que tá passando por uma situação mais complicada que a sua ou encontrar um morador de rua, melhorar um pouquinho mais o seu dia e ver a felicidade estampada... É formidável. Se eu pudesse, eu faria muito mais por essas pessoas”.

O sentimento vem de sua identificação pelas condições de tais pessoas. “Eu já passei fome né, cara? Então, quando eu vejo alguém passando fome...”.



Um dos principais hobbies de Silas é viajar. Ele afirma já ter estado em 26 países diferentes. Conhecer novos lugares e novas culturas “deu uma expandida completa” na sua mente.

O destino que mais lhe agradou foi Londres: “Eu me senti mais em casa, de poder andar na rua, explorar a madrugada e entender o nível de formalidade e de educação das pessoas”. Silas constatou que as pessoas são muito “ilibadas” e “higiênicas” na Inglaterra: “Eu gosto de um local que tenha ordem”.

Outra atividade que lhe agrada é o turfe. Ele gosta de apostar em corridas de cavalos. Silas também é bastante ligado em outros esportes mais populares, especialmente os norte-americanos.

Ele adora futebol americano. Na *National Football League* (NFL), é torcedor fanático do New England Patriots, time do estado de Massachusetts — que não vem bem desde a saída do lendário Tom Brady (hoje aposentado) em 2020. “Infelizmente a franquia não soube substituir à altura o maior *quarterback* de todos os tempos”, opina.

Para além de assistir, Silas chegou a jogar futebol americano entre amigos. Atuava como *fullback* e até começou a treinar para se tornar *quarterback*, mas parou após sofrer bastante com lesões. Ele se diz especialista em *tackles*: “Eu sabia exatamente onde derrubar os caras e onde atingir para que eles desmoronassem na hora”.

Outro esporte muito apreciado por ele é o basquete. Na *National Basketball Association* (NBA), torce para o San Antonio Spurs, time do Texas que também foi muito mal na temporada 2022-2023. Segundo Silas, a franquia não fez “uma transição devida” após a aposentadoria de suas principais estrelas.

Mas o basquete não lhe apetece tanto quanto antigamente. Para Silas, os times de hoje em dia — até mesmo os que se destacam — priorizam demais o ataque e se esquecem da defesa: “Eu odeio o jogo só ofensivo. Para mim, você tem que ter o equilíbrio. O ataque ganha jogos. A defesa ganha campeonatos”, avalia. “Qualquer criança de cinco anos faz cesta nos times da NBA”, brinca.

Ele também é um entusiasta do beisebol, embora tenha dificuldade de acompanhar, devido ao excesso de jogos e à incompatibilidade de horários. Ele torce para o Chicago Cubs, franquia do estado de Illinois. Em 2016, o time foi campeão da Liga Nacional e encerrou um jejum de 108 anos. Na ocasião, Silas diz ter comemorado como se não houvesse amanhã: “Eu subi de cueca na varanda da minha casa”.

O futebol mais popular de seu país também não escapa do radar de Silas. No futebol nacional, ele torce para o Palmeiras. “É o que me dá mais orgulho hoje em dia”, ri. E está otimista para o restante do ano: “Tem bons jogadores e os que subiram da base também são muito fortes. É só dar espaço e deixar os meninos brincarem”. Já no futebol internacional, ele é adepto da Juventus, da Itália — outro clube em reconstrução, assim como suas preferências nos esportes americanos.

Com sua paixão por tantos esportes, Silas imagina que se daria muito bem como comentarista. “Eu gosto de retratar muito a realidade. Os comentaristas da ESPN gostam muito de enfeitar. Eles não falam a real. Ficam tudo em cima do muro”, opina. Já seu estilo é mais o de dizer: “Cara, esse jogador realmente é fraco”.



Uma história de ascensão financeira, uma família unida, um emprego estável, muitos hobbies... A vida de Silas se assemelha à de qualquer outra pessoa.

Mas ele diz que adora a transparência e não consegue fingir quem não é. Por isso, faz questão de vir a público e revelar: “Nunca tive um relacionamento”.

Silas é um incel. E também tenta seguir na sua vida a filosofia MGTOW.



Incels, *chads* e *stacies*

“Ser incel é básico: é o celibatário involuntário. É o homem que é considerado de baixo valor e que não consegue nenhum relacionamento romântico ou sexual sem pagar”, explica Silas. Ele diz que nunca teve relacionamentos, nem mesmo flertes.

Além da sua condição de incel, Silas considera que a filosofia MGTOW é “excepcional” e “fantástica”. Para ele, os conceitos de incel e MGTOW não são excludentes. A ideia da *red pill* também é abrangente e pode ser usada pelos celibatários involuntários.

“Você pode ser incel e entender que precisa seguir seu caminho. Não ficar o dia todo chorando”, explica. “Vai ser um grande cara de sucesso. Vai conquistar

o mundo. Dentro das suas limitações, você pode ser bem-sucedido financeiramente”.

Segundo Silas, muitos incels já se deram muito bem em suas vidas. Como exemplo, ele alega: “Beethoven era incel” — em referência a Ludwig van Beethoven, compositor erudito alemão do final do século 18 e início do século 19. A vida pessoal do músico de fato foi marcada por frustrações amorosas e ele nunca se casou. Existem apenas especulações de alguns envolvimento românticos.

A definição de incel nas palavras de Silas tem um detalhe importante: a expressão “sem pagar”. Ser incel não significa necessariamente ser virgem, por exemplo. O próprio Silas afirma que já pagou por mais de 500 garotas. Ele costuma contratar serviços sexuais quando o preço não é tão caro para a sua necessidade física do momento. Mas ressalta que não gasta, por exemplo, R\$ 600 por uma hora de programa. “É um absurdo metade de um salário mínimo de um trabalhador ser usado para uma coisa tão fortuita, tão desprezível”, defende.

Silas não é desesperado por sexo. Ele diz ter desenvolvido “mentalmente uma independência sexual”. Hoje, sua única preocupação é deixar de praticar o ato e seus músculos atrofiarem. Mas ele ficou, por exemplo, dois anos sem transar durante a pandemia. “E eu não senti falta”, destaca. “O incel que criar essa independência tá feito”.

A mentalidade, segundo ele, foi concebida há cerca de três anos, a partir de muita ioga e reflexologia. “Foi muito contato com meu eu lírico, com meu eu interior, de poder potencializar as minhas principais cadências, as minhas principais cadeias internas e conseguir ter um maior conhecimento próprio”, relata.

Com isso, Silas passou a controlar mais sua libido, que ele descreve como “altíssima”.

Silas admite que já pagou por mulheres trans, que tinham “a mesma configuração” de mulheres cis e “um custo melhor”. Mas ele conta que os valores subiram e, atualmente, as trans são mais caras.

Todos os conceitos adotados por Silas se desenrolam dentro do contexto da heterossexualidade. De acordo com ele, pessoas LGBTQIA+ têm uma maior facilidade em conseguir relacionamentos.

“Talvez, se eu fosse gay, eu não teria dificuldade de relacionamento”, imagina. Ele se baseia em suas experiências: “Eu — um cara considerado pelas mulheres um dos mais feios da história da humanidade, a figura mais patética, mais horrível de toda a existência da humanidade — já fui cantado por vários homens”.



Ter um relacionamento não impede que um homem seja considerado incel, ao menos na visão de Silas. Na sua visão, se o indivíduo não consegue engajar em um relacionamento sem precisar “bancá-lo”, ele pode ser um incel. A ideia é que as mulheres se interessem pela pessoa, e não pelo que o homem tem a oferecer. De acordo com ele, relacionamentos baseados no interesse natural (e não financeiro) são raros no mundo moderno.

Dentro das classificações de beleza adotadas pelos incels, existe a figura do *chad* — qualquer homem muito atraente e confiante, normalmente musculoso, que naturalmente desperta o interesse das mulheres. O termo é bastante popular na internet, não só dentro da manosphere.

Na escala de beleza dos incels, o *chad* é, na verdade, o homem nota nove. Aquele que atinge a nota dez, detentor de atributos físicos tidos como perfeitos, é chamado de *gigachad*. Há ainda o *chadlite*, que representa a nota oito.

A versão feminina do *chad* é chamada de *stacy*, com as variações *stacylite* e *gigastacy*. Pelo raciocínio de Silas, a maioria dos relacionamentos verdadeiros, baseados no interesse natural, ocorrem entre *chads* e *stacies*.

Existem também relacionamentos pautados na compatibilidade em camadas inferiores da régua de beleza usada pelos incels. Por exemplo, um homem nota seis, chamado de *brad*, pode se envolver romanticamente com uma mulher “no mesmo nível”, chamada de *becky*. “É aceito tranquilamente”, indica Silas.



De acordo com Silas, muitos incels sequer sabem que são incels. Ele alega que cerca de 30% dos brasileiros são incels. “Isso é uma estimativa feita no Reddit”, explica. A conta se baseou na “grande quantidade de divórcios do país”.

Ainda conforme a “estimativa”, 70% dos homens que se divorciam saem com a impressão de que foram apenas usados financeiramente. Para Silas, esses homens são incels inconscientes da sua condição e explorados nos relacionamentos. “Eles não percebem que: acabou o dinheiro, acabou o amor”, reflete.

Silas diz que convive com diversos incels, de variadas profissões: pedreiros, arquitetos, engenheiros, médicos. “Eu conheço todos porque eu encontro esses caras no puteiro”, conta. Ele afirma conhecer, por exemplo, um cirurgião do Hospital das Clínicas que frequenta o prostíbulo “quase todos os dias” porque não consegue “pegar mulher”.

Mas a condição de incel não é definitiva. Os incels adotam o conceito de “ascender”, que significa deixar de ser incel, ou seja, conseguir um relacionamento. Segundo Silas, isso é “muito raro” e envolve, principalmente, mudanças na aparência — a partir, por exemplo, de cirurgias plásticas e musculação intensa.

Com isso, o incel, que é o homem até a nota três, pode se tornar um *melvin* (nota quatro), um *tanner* (nota cinco) ou até um *brad*. Assim, segundo Silas, tal sujeito consegue se engajar em relacionamentos, nem que sejam com mulheres nota três.

Ao “ascender”, um incel entra na categoria dos *normies* — termo usado para designar pessoas comuns. Muitos homens *normies*, especialmente os *melvins*, também são chamados de betas. O conceito se opõe ao do macho alfa, pois os betas não são confiantes, fortes, ricos ou bonitos.

Há uma exceção. Na “mitologia” incel, existem homens que são incapazes de ascender. Eles são conhecidos como *trueceles*. “É o famoso zero de dez”, explica Silas. “É o cara que literalmente é o grande repelente feminino”.

Muitas vezes, os incels associam o status de *truecel* a grandes deformidades físicas. Como exemplo, Silas cita o "Homem Árvore", como era conhecido o falecido carpinteiro indonésio Dede Koswara. Ele sofria de uma doença rara que deixava sua pele com uma aparência de casca de árvore.



Embora tenha todos os conceitos incel na ponta de sua língua, muitos discordam das suas visões. Silas é frequentemente acusado pelos próprios incels de ser um *fakecel* (alguém que finge ser incel). “Eles não entenderam ainda o conceito”, argumenta. “Eles acham que o incel é só um menino deficiente. Tá errado”.

Na opinião de Silas, a aparência nem sempre é o único motivo para um homem se tornar incel. Há aqueles cuja condição de celibatário involuntário é atribuída a algum distúrbio psicológico. Existem também aqueles afetados pela timidez extrema, ou até pelo tamanho do pênis.

A localização também é um fator importante. Os incels acreditam que sua rejeição está ligada ao ambiente em que se está inserido. “Eu me considero um

incel *location*”, conta Silas. A expressão aparece na Incel Wiki com a variação *locationcel* e diz respeito a incels cuja principal causa de sua condição é o meio em que vive.

Ou seja, Silas é incel no Brasil, mas entende que não teria a mesma condição se vivesse em outros países onde “a mente das pessoas é muito mais aberta”, especialmente, entre os europeus. “Se estivesse na Itália ou na Alemanha, eu não seria um incel”, alega. “Eu já encontrei várias alemãs aqui no Brasil e elas me elogiaram. Mas as brasileiras me ridicularizam”.

O maior desejo de Silas é se aposentar, ir para a Europa e constituir uma família. “O meu grande sonho é ter um filho. Só que no Brasil é impossível”, revela. Ele ainda não deu início aos planos porque antes quer atingir a meta de viver de rendimentos: “Eu não vou pra Europa limpar banheiro”.

O problema do Brasil, na visão de Silas, é a “cultura do vitrinismo” — “só admirar o que está na vitrine”, ou seja, o que está na moda. Segundo ele, a “vitri-ne” de hoje em dia mostra, para as mulheres, “o bandidinho tatuado”, o “sertanejo branco de cavanhaque” e “o bombadinho de academia”. Por isso, muitos homens “se tornam bandidos” ou entram na academia para “pegar mulher”.

No início da última década, havia no país a moda do corte de cabelo moicano. “Então, todas as mulheres queriam um cara de moicano”, diz Silas. “Eu espero que um dia seja moda um incel ou um cara de roxo”, brinca ele.

De acordo com Silas, as mulheres se interessam apenas pelo que está na vitrine: “Mulher não entra numa loja pra olhar o almoxarifado ou o estoque. A mulher entra na loja baseada na vitrine”.

“Eu sei que é muito complicado, muito audacioso e extremamente asqueroso alguém chegar para você e falar isso, quando você vê várias mulheres saindo com cada tipo de lixo de homem”, reconhece ele. “Só que você tem que perceber que não foi por acaso que esses caras foram colocados na vitrine”.

Para Silas, a atração feminina por “bandidos”, “bombados” e “caras cheios da grana” tem um motivo: “As mulheres seguem uma cartilha. Essa cartilha é fornecida pelo Sistema”.



O Sistema

“Tudo funciona através das regras que são impostas por um grupo específico e seleto de homens, que determina qual é o grau de modismo, qual é o grau de convencionalismo e o grau de conservadorismo de cada cidadão que existe no mundo”, diz Silas. “Eles endossam vários tipos de comportamento que trazem a destruição da humanidade”.

De acordo com o incel, os homens em questão são, por exemplo, o empresário bilionário sul-africano Elon Musk (o segundo homem mais rico do mundo) e a família norte-americana Rockefeller, dona de uma das maiores fortunas do planeta.

Silas afirma: “Isso não é uma teoria de conspiração”. Segundo ele, “há muito tempo o Sistema é arquitetado e organizado pelos maçons”, que buscam ter “um domínio e uma certa estruturação social no mundo”.

Um dos principais desejos do Sistema exposto por Silas é “o emburrecimento da população”, para consolidar sua manipulação: “Os homens que controlam as normas e as instituições não gostam de pessoas que ficam questionando”.

Segundo Silas, um exemplo de “corrente convencionalista” imposta pelos poderosos é um dos gêneros musicais mais populares do Brasil na atualidade: “Apesar de as pessoas pensarem que ele é *underground*, o funk é um braço do Sistema” — pois, na sua visão, contribui para o emburrecimento.

Ele explica que o Sistema diariamente propaga mensagens como: “não se comporte diferente dos outros”; “não coma jujuba na frente dos outros”; “não se vista diferente dos outros”; “não use roupa vermelha”; “não use roupa verde”; “não use roupa amarela”; “seja exatamente idêntico às outras pessoas”, “se as pessoas estiverem vestindo polo, vista”; “se estiverem vestindo Tommy Hilfiger, vista”; “se estiverem vestindo Lacoste, vista”.

Ao seguir tais orientações, “você vai ser escravo das próprias artimanhas e do próprio proselitismo desses homens”, segundo Silas. “E é isso que a nossa sociedade é”.



Outro grande preceito do Sistema descrito pelo incel é “que haja o maior número de genocídios, para diminuição da população mundial”. Segundo ele, o banditismo é conceituado e admirado no Brasil devido a essa intenção do Sistema. “Quanto mais bandidos, quanto mais a população se matar e quanto mais homicídios, mais pessoas fora do circuito”.

A população mundial vem crescendo e chegou ao total de oito bilhões de habitantes em novembro do último ano. Mas o ritmo de crescimento é cada vez menor. Na interpretação de Silas, a tendência de desaceleração é explicada por “pandemias, guerras e conflitos que são muitas vezes motivados e gerados pelo ego humano”.

De acordo com ele, a Segunda Guerra Mundial foi “uma ótima vitória” para o Sistema. “Agora, o Sistema tá endossando uma Terceira Guerra Mundial, porque o interesse do Sistema é que haja uma guerra nuclear inédita”.

Silas acredita que tal guerra vai acontecer em breve, daqui cerca de 30 a 50 anos: “A indústria bélica precisa usar as munições, cara. Olha a indústria bélica dos EUA. Sem uma guerra, os EUA não vivem”.

Para ele, o Sistema ganha com a guerra. “Porque eles vendem armamento. Como que a Inglaterra se tornou a grande Inglaterra? Ela sempre vendeu armas”. Tal armamento sustenta o “modelo de destruição” explanado por Silas.



O incel também afirma que não cabem oito bilhões de pessoas no planeta: “O mundo hoje é moldado para, no máximo, cinco bilhões de pessoas. Temos três bilhões de pessoas a mais. Por isso que tem muita fome, mortes, violência, guerras tribais”.

Um exemplo apontado por Silas sobre o incentivo do Sistema à redução da população são as fronteiras artificiais criadas pelos europeus na colonização do continente africano. “Botaram tribos rivais pra morar basicamente dentro do mesmo espaço”, explica, “para que elas entrassem em rota de colisão”.

Silas afirma ter percebido as artimanhas do Sistema por meio de literatura histórica francesa e britânica. Segundo ele, a existência de uma “força superior” que conspira para a redução populacional data da época das cruzadas, entre os séculos 11 e 13.

O Sistema, que Silas afirma ter estudado, sempre idealizou uma população mundial com um máximo de 500 milhões de habitantes. “É só você perceber, cara: não tem mantimento para as pessoas, não tem suprimento”, aponta.

A Índia é o país mais populoso do mundo, com quase 1,43 bilhões de habitantes. Em 1960, o total de indianos não chegava a 450 milhões. A situação é contestada por Silas: “Por que você acha que a Índia nunca recebeu grandes ações humanitárias? Por que nenhum país realmente interferiu naquele crescimento desordenado? Porque a ideia é que eles se matem. Deixa o povo se matar e tá resolvido. Quantas pessoas na Índia morrem de fome, desnutrição, falta de saneamento básico ou de higiene?”.

Já no Brasil, Silas entende que há um incentivo ao banditismo para gerar mortes: “Eles vão lucrar muito com venda de armas pras facções criminosas. O Sistema vai gerar cemitérios, necrotérios, empresas funerárias... Todo o Sistema ganha com morte também”. Segundo ele, o país tem muito mais mortes anuais do que as estatísticas mostram, pois elas são omitidas em cemitérios clandestinos.

“Há muito tempo isso vem sendo arquitetado. É só abrir os olhos”, pontua. “Liga a TV e você vai ver”.



A Matrix

Em *Matrix* (*The Matrix*, 1999), o conceito que dá nome ao filme representa uma simulação na qual a consciência de todos os humanos está presa, criada por máquinas inteligentes que usam os corpos das pessoas como fonte de energia.

Silas acredita, ao seu próprio modo, que a vida real também está inserida em uma Matrix. “A Matrix é o desenho do mundo atual, que é regido pelas arquiteturas do Sistema”, explica.

Na sua visão, muitos comem “a ração do Sistema”. Quem faz isso se torna apenas mais um na multidão que pertence à Matrix. “Infelizmente a maioria das pessoas se adaptou a ser uma massa de manobra, a ser o gado do Sistema”.

Já Silas decidiu: “Eu não quero fazer parte disso”. Quem se nega a “fazer parte da arquitetura do Sistema”, automaticamente, fica “à margem da sociedade” — que ele chama de “*sideline*”.

Pela sua definição, uma pessoa na *sideline* não vive com o propósito de agradar aos outros. É o caso de Silas. Ele explica que tem uma identificação forte com moradores de rua, porque, assim como eles, está à margem do plano social: “Eu tenho muita empatia pelos betas, pelos homens que vêm sofrendo constantemente as mazelas do Sistema”.

Silas diz que se negou a fazer parte da multidão, para ter sua própria personalidade. Na sua condição de incel, ele se descreve como: “um figurante da minha própria existência”. Mas focou em não ser alguém que nunca idealizou ser, nem “mais uma massa de manobra”.

“Na nuance personalística, eu me considero um cara único. E você pode perceber isso”, ele aponta para si mesmo. “Quem usa óculos escuro à noite? Quem hoje veste a roupa que deseja e enfrenta o Sistema?”.



No contexto da política, Silas acredita que tanto a esquerda quanto a direita fazem parte do Sistema: “Ambos possuem regras de seitas que você não pode contestar”.

Por isso, Silas se considera “apolítico”. Ele conta já ter sido filiado a partidos de esquerda, direita e centro. “E eu consegui ser expulso dos três”, relata.

Silas afirma que já foi filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), a principal força esquerdista desde a redemocratização. Ele diz ter sido expulso após criticar uma família que estava fumando mesclado (mistura de maconha com crack) “na frente das crianças” durante uma manifestação da agremiação na Avenida Paulista.

Ele também conta já ter sido filiado ao Partido Social Cristão (PSC), legenda representante do conservadorismo. “Eu contestei o racismo na direita e fui expulso”, declara.

Já no campo do centrismo, Silas relata sua antiga filiação ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) — que, historicamente, já foi associado à centro-esquerda e à centro-direita. “Eu fui expulso porque critiquei o fato de ficar sempre em cima do muro”, narra. Ele nunca mais pretende se filiar a qualquer agremiação.



“Eu já entendi que meu lugar é na *sideline*. Meu lugar não é na Matrix. Eu posso fazer muito mais diferença no mundo estando na *sideline*”. Silas afirma que, há muito tempo, “recolhe” pessoas na *sideline* para incentivá-las. “Foi por isso que eu me entendi muito bem com a ideologia incel”, explica.

Silas diz ter frequentado a Igreja Batista até os 16 anos. Lá, segundo ele, foi vítima de bullying: “Eu era um cara desprezado porque eu priorizava muito o conhecimento. E os jovens odiavam aquilo. Então, as meninas tiravam sarro, faziam piadinhas. Nos acampamentos, eu era o cara mais zoadado”. Assim, Silas resolveu agregar os demais excluídos, para que não sofressem tanto quanto ele.

Hoje em dia, Silas ainda acredita na Trindade cristã, mas não frequenta mais igrejas. “Se eu entrar em qualquer igreja, eu vou ser desprezado”, alega. Ele diz já ter sofrido bullying não só na Batista, mas também nas igrejas evangélicas Quadrangular, Deus É Amor, Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e Bola de Neve *Church*.

Silas diz que esteve em todas essas igrejas para descobrir se conseguia se encaixar em cada ambiente. “Eu amo o experimento social”, explica. “Na minha vida é assim: tudo que eu tô te falando eu testei. Mesmo de uma forma empírica, talvez não científica, mas eu testei. Porque eu não acredito em opinião única”.

Além das igrejas, ele afirma que já frequentou diversas tribos urbanas: funkeiros, universitários, “descolados da noite”, “pessoal da maconha”, skatistas... “Aprendi a dar um *ollie* no skate, pelo menos”, brinca ele, em referência a uma manobra básica.

“Em nenhuma tribo eu me encaixei”, conta. “Talvez a que eu mais me identifiquei foi a dos crânios de ferro, porque eu sempre gostei de estudar”, diz ele, numa releitura higienizada da sigla CDF.



Quando Silas descobriu o termo incel, percebeu que “milhões de meninos no mundo” passavam pelas mesmas circunstâncias que ele. Por isso, pensou: “Por que não compartilhar?”.

Ele passou a vir a público para falar sobre sua condição de incel. Seu objetivo era espalhar a outros incels a mensagem: “Eu sou mais um, igual a vocês, com os mesmos sentimentos, os mesmos sangramentos e as mesmas cicatrizes”.

Silas já apareceu na mídia algumas vezes, dentre reportagens, *podcasts* e *lives*. Suas exposições lhe renderam a alcunha, na internet, de Silas Incel.

A mais famosa aparição foi em 2021, quando participou do quadro “Preconceito” do canal Spotniks, no YouTube. Em junho de 2023, o vídeo já contava com mais de 765 mil visualizações. No programa, duas pessoas que não se conhecem tentam adivinhar características relevantes umas das outras, com base apenas no estereótipo. O incel foi colocado de frente com uma feminista.

A participação de Silas no programa causou certa polêmica. Ele diz ter sido injustamente acusado de ameaça por feministas desconhecidas, que o identificaram a partir do vídeo, após uma discussão no Facebook. O boletim de ocorrência foi arquivado. “Não tinha base”, afirma.

A maioria dos incels somente aborda o assunto na internet, nunca publicamente. Ao se revelar na mídia, Silas se tornou uma raríssima exceção. Junto a ele, até pouco tempo atrás, havia também o carioca Timpa, na casa dos 30 anos, dono de um canal no qual contava sua rotina de incel. Ele não revela seu nome

verdadeiro e não mostra seu rosto — usa uma máscara de chimpanzé. Silas mantém contato virtual com Timpa, mas nunca o encontrou pessoalmente. Em maio de 2023, Timpa revelou ao UOL que se afastou da manosphere e saiu da vida de incel.

Na visão de Silas, há uma razão para o anonimato dos incels: “Eles querem ser *chads*”. Muitos admiram os homens que “pegam mulher” e até compram vídeos pornográficos. “Os caras querem ter outra vida. Eles não querem viver uma vida de ostracismo”, indica.

Silas não tem essa mentalidade: “Eu entendo que, se o ostracismo é meu chapéu, eu vou ter que vestir o chapéu. É a mesma coisa que nascer pobre. Não adianta você se comportar como rico. Você é pobre”.



O cara mais feio

A feminista que participou do vídeo do Spotniks foi, segundo Silas, a única pessoa a demonstrar surpresa quando ele revelou ser incel. Normalmente, ninguém demonstra qualquer reação. “Porque as pessoas me olham e falam: ‘Esse cara não pega porra nenhuma’”, alega. “As pessoas sabem que eu sou o cara mais feio, mais esdrúxulo, mais horrível da história da humanidade. Então elas já sabem automaticamente que eu não vou pegar nada, que eu sou incel”.

Silas não concorda com tal percepção: “Eu não me considero feio. Mas a sociedade me diz que eu sou um dos caras mais feios do mundo. Eu não posso lutar contra o que a sociedade fala”.

Em 2018, ele se inscreveu no concurso de homem mais feio do Brasil, feito em Contagem (MG), mas não foi aceito na final, pois não atingiu uma posição suficiente no ranking de feiura.

Para Silas, sua etnia é um dos fatores que fazem a sociedade considerá-lo um dos mais feios do mundo. “Se eu fosse um cara branco de olhos claros, eu teria uma outra classificação. Eu poderia até ser feio, mas eu seria um cara tragável, aceitável”, diz.

A régua de beleza, muito popular entre os incels, é “a avaliação pura e sistemática da própria sociedade”. Segundo Silas, a escala foi criada pelas próprias *stacies*. O termo incel foi, de fato, cunhado por uma mulher. Em 1993, uma estudante de Estatística da Universidade Carleton, de Ottawa, no Canadá, criou um site para discutir sua inatividade sexual com outras pessoas e o nomeou “Projeto de Celibato Involuntário”.

Segundo Silas, a nota referente à sua aparência varia conforme o ambiente. Ele diz que é considerado nota um em ambientes como o bairro luxuoso de Jurerê Internacional, em Florianópolis. Já em locais de renda mais baixa, como o Nordeste, ele pode ser nota três.

Na concepção pessoal do incel, são quatro os fatores mais determinantes para conseguir um relacionamento: beleza, dinheiro, drogas e fama/popularidade/poder. Não há uma ordem definida entre eles — depende do ambiente. De acordo com ele, em favelas do Rio de Janeiro, as drogas são o fator preponderante, por exemplo.

Mas a aparência ainda é a mais estimada. “A beleza, para mim, vence tudo. Um cara bem bonito vai ser bem quisto em todos os ambientes. Ele vai ser tratado melhor”, diz Silas. No restaurante, ele aponta para o nosso entorno: “Como aqui. Um cara bem bonito vai ser tratado melhor pelo garçom. As mulheres estarão observando ele. Em todos os lugares que ele for, ele vai ter benefícios. Todo mundo quer ser amigo do cara bonito”.



Silas diz ser bem resolvido com seu celibato involuntário, mas nem sempre foi assim. Ele conta que já tentou se suicidar três vezes. A última delas foi em 2010. Em uma dessas ocasiões, diz ter tomado nove comprimidos de uma vez na sede da empresa em que trabalhava, mas uma funcionária de recursos humanos (RH) o levou para o hospital.

Em outro momento, Silas diz ter ido ao shopping no Dia dos Namorados e visto muitos casais andando de mãos dadas. A situação serviu como gatilho. Sem avisar ninguém, ele relata ter sumido por três dias e ficado em um quarto de ho-

tel, reunindo coragem para tomar uma dose fatal de analgésicos, mas desistido após receber uma ligação de sua mãe.

O incel afirma já ter feito tratamento psicológico e psiquiátrico. “Um bando de estelionatários”, opina. “Nunca me ajudou em nada”. Ele diz que tomou diversos antidepressivos: “Eu vivia mais desmaiado que qualquer coisa”.

Silas conta que, certa vez, uma vizinha resolveu visitá-lo enquanto ele estava inconsciente pelo efeito dos medicamentos. “Todo mundo da rua ficou sabendo que eu tava com depressão e tinha tentado me matar”, narra. Após se recuperar da situação, relata ter sido dispensado de seu trabalho.

“Eu só consegui evoluir mentalmente, quando eu passei a ter um maior contato comigo mesmo, com o meu interior, com a minha alma”, afirma.



Apesar das tentativas de suicídio, Silas diz que nunca teve vergonha de ser incel: “Eu sei que é uma bravata que eu tenho que encarar, velho. Deus tem algum propósito em ter me concebido no final do século 20”.

“Se eu tivesse nascido nos séculos anteriores...” — ele pausa para refletir — “... eu seria um escravo, né? Basicamente, eu não teria tanta sorte também”, complementa, caindo na gargalhada. “Eu estaria fodido de qualquer forma”.

O bom humor revela sua tranquilidade com relação ao celibato involuntário. “É minha realidade, eu não pego porra nenhuma”, aceita ele. “As mulheres me ridicularizam, tiram sarro de mim, me humilham. Já fui cuspidor. É normal isso, cara. É minha vida”.

Para ele, ser incel não é algo negativo. As pessoas têm uma ideia estereotipada do termo, mas ele entende que o conceito é apenas um retrato da realidade. “Por que eu vou falar que eu sou o maior pegador da história da humanidade, quando eu não sou?”, indaga.

Silas diz conhecer diversos homens que alegam “pegar todo mundo”. Mas, quando os acompanha em festas, nada disso acontece: “Aí os caras me chamam de nuvem de azar. Toda vez que eu saio pra balada com esses caras, todos eles zeram. E eu sou o culpado?”.

Ser incel, na concepção de Silas, não é questão de vergonha ou orgulho: “É simplesmente aceitar um fato que várias pessoas são”.



Incels contra o mundo

O primeiro contato de Silas com o conceito de incel foi em 2012, quando começou a frequentar o Reddit e alguns *chans* dos EUA. Neles, descobriu outros rapazes em situações semelhantes.

Além de fóruns incel estrangeiros, Silas também frequentou alguns recantos da manosphere brasileira, como o Dogolachan — cujo criador, Marcelo Valle Silveira Mello, foi preso em 2018 após anos de perseguição à blogueira feminista Lola Aronovich. “Os caras eram loucos, pedófilos, terroristas, racistas”, aponta.

Silas reconhece que há muito racismo nos fóruns. Segundo ele, boa parte das pessoas ativas nos *chans* são “doentes” e “retratam um pensamento da Matrix” — “e a Matrix acha que os negros são seres inferiores”.

O incel afirma odiar o racismo, a misoginia e outros tipos de preconceito recorrentes nos fóruns. “Me incomoda, sim, mas eu procuro pessoas que não são assim. Então, eu consigo conversar com eles”, indica. Silas prefere ignorar os usuários hostis: “Se eu for bater em cada um que me chamar de macaco, eu vou precisar virar boxeador”.

Nos fóruns, ele conta que chegou a conhecer e assistir muitos vídeos de Elliot Rodger, antes de seu suicídio no famoso massacre, ocorrido em 2014. Silas admite que admirava o rapaz, mas perdeu o fascínio após o ato. Hoje em dia, ele repudia a idolatria dos incels a ER: “Quando você agride a vida humana, você não é mais um herói. Você se torna um vilão”.

Para Silas, muitos incels são “jorges de quarto”. O termo jorge é usado nos *chans* latinos para se referir aos membros mais “revoltados”, que gostam de espalhar o caos e o preconceito, mas nunca saem de seus quartos. A expressão tem origem em um meme de um garoto chileno que foi parar em um programa de TV, estilo “Casos de Família”, no qual foi exibida a tarja “Jorge: quer ser *hardcore*, mas sua mãe não deixa”.

Por isso, Silas não acredita que os conteúdos violentos dos fóruns reflitam na vida real. Para ele, os incels violentos são uma minoria e as autoridades deveriam se preocupar com os *chads* — que, na sua visão, são os verdadeiros autores dos feminicídios.

De acordo com Silas, o estereótipo do incel como um rapaz que prega violência contra as mulheres está errado: “A maioria dos incels não é assim”. Ele diz que condena completamente tais comportamentos.

“A mulher não é culpada, mas sim a cultura que ela segue”, defende Silas. Segundo ele, culpar as mulheres pela sua condição não é algo inerente aos incels: “O incel é o cara que não consegue relacionamento. Ponto. Ele procura refletir sobre quais são os elementos preponderantes para isso”.

Na visão de Silas, a culpa pela rejeição aos incels é da Matrix: “As mulheres são apenas personagens da Matrix. A Matrix do Sistema é quem diz que elas devem se envolver com fulano ou ciclano. Elas só seguem o que o Sistema determina”.

“Se o Sistema amanhã ‘bugar’ e falar: ‘Você vai se envolver com um neguinho de roxo’, elas vão se envolver com um neguinho de roxo. Porque elas são apenas criaturas, seres humanos que são controlados mentalmente pelo Sistema”, elabora.

A situação é natural: “Vários homens são controlados pelo Sistema. Isso não é determinado pelo gênero. É determinado pelo grau de inteligência e independência”, argumenta.



Silas descreve o feminismo, nas suas primeiras ondas, como “excepcional” e “fantástico”, devido aos ganhos na cidadania e na independência sexual das mulheres. Ele cita a ativista negra norte-americana Rosa Parks, famosa na década de 1950, como uma de suas principais influências.

“O feminismo se perdeu mesmo na interseccionalidade, quando a mulher achou que ela deveria ser maior que o homem”, ressalta. Ele chama as correntes mais atuais do feminismo de “deturpadas” e “nocivas”, pois “querem ultrapassar o homem de qualquer jeito, manter uma concorrência e ser superiores a qualquer custo”.

“Acreditar que você não deve obter direitos equânimes, mas sim privilégios, é patético”, opina. Com base no mesmo raciocínio, Silas se posiciona contra a

política de cotas raciais, por exemplo: “Eu não quero privilégio nenhum para o meu povo. Eu quero que o meu povo tenha o mínimo de atenção como ser humano, só isso”.

Segundo o incel, as primeiras ondas do feminismo não são mais seguidas. “Quantas mulheres que você conhece se baseiam em Mary Jackson?”, questiona ele, em referência à primeira engenheira aeroespacial negra do que viria a se tornar a Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (Nasa), dos EUA. Ela atingiu tal status em 1958.

Ele continua: “Quantas mulheres que você conhece se baseiam em Hipátia de Alexandria [egípcia e primeira matemática da história, no século 4]? Quantas mulheres que você conhece hoje se baseiam em Maya Angelou [escritora, poetisa e ativista dos direitos civis, norte-americana que ganhou notoriedade a partir da década de 1950]? É raridade”.

Para Silas, as demandas do feminismo já se esgotaram. “Que tipo de espaço falta pra mulher hoje conquistar?”, contesta. “A mulher, hoje, precisa entender que não existe almoço grátis. Se ela quer alguma coisa, ela precisa se profissionalizar, buscar conhecimento e competir em igualdade. Ela tem que lutar pela competição em igualdade; não por privilégios, não por ter uma saia curta, não por ter um silicone, não por ter um sorrisinho bonito”.

Ele entende que boa parte das mulheres são promovidas e alçadas a cargos referenciais devido à aparência. “Na verdade, elas deveriam ser as primeiras a rejeitar um ganho sem méritos”, sugere.

Silas acredita que as mulheres têm privilégios na sociedade contemporânea. O maior exemplo, para ele, são as cotas de gênero nas eleições brasileiras. “É uma coisa meio básica: o Brasil hoje tem mais mulheres do que homens. Basta as mulheres votarem em mulheres. Você não precisa criar cota. Isso é um privilégio claro, descarado e puro”, afirma. Outro exemplo citado por ele são as badadas que não cobram pela entrada de mulheres.

O privilégio mais comumente apontado pelos incels diz respeito às facilidades das mulheres na vida amorosa. Silas explica que o “mercado” atual é bastante competitivo para os homens, enquanto há “uma fartura muito grande” para as mulheres. Segundo ele, isso gera distorções e faz com que mulheres nota cinco passem a namorar *chads*.

Na visão de Silas, o homem precisa enfrentar uma série de exigências para conseguir um relacionamento. Já a mulher pode escolher os atributos de seu homem, mesmo não sendo a mais bonita. Ou seja, para adquirir um relacionamento, “basta ela existir”.



Se você chegou até aqui é porque decidiu tomar a pílula vermelha oferecida no início deste livro. Agora, você sabe o que é a *manosfera* e quem são seus membros e suas vítimas, quais são seus métodos, suas intenções e suas consequências.

Você sabe quem é a pessoa mais ameaçada pelos masculinistas da internet brasileira, o que levou a essa perseguição, como ela se deu, quem são os protagonistas dos ataques, que fim levaram e como as vidas de diversas pessoas podem ser afetadas pelas atividades dos *channers*.

Você sabe como vive um *incel* fora dos fóruns, o que gosta e não gosta, o que aprova e desaprova, o que pratica ou não, o que sente sobre sua condição, o que pensa sobre diversos tópicos e o que espera do futuro.

Você sabe como é a rotina de um *influencer* da *red pill*, no que realmente acredita, no que se inspira, pelo que já passou ou não e como trabalha sua imagem para gerar engajamento e ganhar dinheiro.

Você também sabe como funciona o Sistema, a Matrix, a *sideline* e a mente das diferentes figuras que os compõem... ao menos segundo um *incel* entusiasta da filosofia MGTOW que faz questão de vir a público para expor sua visão de mundo.

Eu te ofereci a verdade, baseada nos relatos de personagens ligados à *manosfera*. Chegou a hora de dar um passo para trás, para tomar um pouco mais

de distância do tema e entender como especialistas — seja por meio de estudos e pesquisas, seja por meio de experiências práticas, no caso de Lola — enxergam o fenômeno do masculinismo.



“O incel praticamente substitui o mascu. Ninguém mais se diz masculinista”, afirma Lola Aronovich. Ao cometer o massacre em 2014, Elliot Rodger popularizou o termo incel. Hoje em dia, o termo vem sendo usado de forma genérica, para se referir a qualquer membro da manosfera.

A confusão entre os conceitos da manosfera gera conflitos internos entre os grupos — que, no fundo, são parecidos. “Os MGTOWs brigam com os incels, mas é uma briga sem nenhum cabimento, porque eles são muito próximos”, complementa a blogueira. “É bom. Eu acho ótimo que eles briguem entre si”.

A professora sequer se opõe aos MGTOWs que evitam relacionamentos com mulheres: “Meu todo apoio! Eu acho que as mulheres não devem se relacionar com homens assim”. Para ela, os masculinistas são misóginos e perigosos. Por isso, relacionamentos com tais homens certamente seriam abusivos e poderiam até resultar em violência doméstica, ou em outras coisas “que podem muito bem ajudar a destruir a vida de uma pessoa” — como a gravação não consentida e divulgação do ato sexual.

“A misoginia é a porta de entrada para drogas mais pesadas na internet”, afirma Lola. Por meio da misoginia, os masculinistas atraem para seus espaços de ódio homens frustrados, com problemas de relacionamento ou muito tímidos.

A cientista política Bruna Camilo de Souza Lima e Silva — autora de uma tese de doutorado em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) sobre masculinismo, defendida neste ano — corrobora a fala da blogueira. Segundo ela, a partir da cooptação, os novos membros da manosphere desenvolvem “um ódio literalmente mortal” contra as mulheres, além da autopiedade e da vitimização.

Os jovens são os principais alvos dos masculinistas mais antigos. Por meio da misoginia, os “veteranos” da manosphere passam a testá-los. “Em vez de falar ‘mulher’, você fala ‘vadia’. Aí você vai ver como a pessoa responde. O cara aceita isso numa boa? Geralmente aceita”, explica Lola. Na sequência, “em vez de falar ‘negros’, você chama de ‘macaco’. Então, você vai testando e vendo o que esse jovem é capaz de fazer por você”.

A antropóloga Adriana Dias, principal pesquisadora sobre núcleos neonazistas no Brasil, falecida no último mês de janeiro, já havia constatado que todo masculinista também passa por um processo de “nazificação”. Bruna abordou esse aspecto em seu doutorado e classifica a situação como “muito grave”.



Na opinião de Lola, os masculinistas representam um “risco altíssimo” para a sociedade, principalmente, devido aos massacres associados a eles em todo o mundo.

Debbie Ging, professora da Escola de Comunicações da Universidade da Cidade de Dublin, capital da Irlanda, também já pesquisou a manosphere e publicou um artigo sobre o tema em 2017. Na sua visão, é difícil quantificar o perigo dos masculinistas, mas seu papel em difundir ideias antifeministas e misóginas “obviamente é uma potencial ameaça para o progresso, para as mulheres e, portanto, para a sociedade como um todo”. Ela enxerga a consolidação de uma mentalidade que coloca os homens como vítimas.

André Villela, pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Masculinidade do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (Lepps) da USP de Ribeirão Preto (SP), traça um panorama semelhante. Ele ressalta a dificuldade em quantificar o perigo da manosphere, mas lembra dos diversos ataques ao redor do mundo motivados pelo pensamento da *red pill*.

“É claro que, quando você pensa na proporção de pessoas que consomem esse tipo de discurso e a quantidade de atentados que aconteceram pelo mundo, a proporção é ínfima, mas isso não quer dizer que não haja perigo. Visto que a visibilidade desses discursos aumenta, é difícil dizer que não há nenhum perigo”, assinala. Para ele, a sociedade deve se preocupar com a manosphere da mesma forma que sempre teve de se preocupar (ou deveria ter se preocupado) com o machismo e o patriarcalismo.

Além de considerar a manosphere muito perigosa, Bruna Camilo destaca a dificuldade em monitorá-la por completo, já que muitos *chans* migraram para a *deep web*. Embora os conteúdos *red pill* venham crescendo nas plataformas mais populares, como o YouTube, os blogs masculinistas originais, cujo conteúdo sempre foi muito mais pesado, vêm sendo desativados. “A maioria dos que eu pesquisei estavam já com poucas postagens”, conta a cientista política.

A professora Debbie Ging lembra que os incels geralmente são descritos como os mais perigosos, devido à sua associação com ataques terroristas. Mas ela indica que a maioria dos incels tem pouquíssimo contato com mulheres e pouquíssima influência fora de suas bolhas.

Debbie se preocupa muito mais com ideólogos *mainstream*, como o *influencer* Andrew Tate e o psicólogo e professor universitário canadense Jordan Peterson (famoso por seus discursos antifeministas, antiprogressistas e voltados à exaltação da masculinidade), pois eles possuem um bom número de seguidores — que, por sua vez, realmente se relacionam com mulheres.



Villela explica que a divisão entre os diversos grupos da manosphere “parece cada vez mais cinzenta”. Assim, “é difícil nomear qual é mais ou menos perigoso”. Soma-se a isso a diferença encontrada entre os grupos em diferentes países.

O pesquisador destaca alguns grupos mais perigosos, como os *Proud Boys* norte-americanos (misóginos e supremacistas brancos) e, no Brasil, os *Homini Sanctus* — seita cibernética masculinista e racista criada por Marcello Valle Silveira Mello que, mais tarde, se tornaria o Dogolachan. Mas, para Villela, “qualquer grupo pertencente à manosfera pode ser perigoso”.

Segundo Debbie, a manosfera não é, “de modo algum, um grupo homogêneo ou mesmo uma rede de subgrupos homogêneos”. Existem os masculinistas que “estrategicamente exploram e monetizam a vulnerabilidade masculina para ganhar poder e influência”; existem masculinistas que “genuinamente se sentem aflitos e para os quais a ‘filosofia’ *red pill* parece fazer sentido”; existem aqueles “aos quais qualquer comunidade extremista proporciona uma válvula de escape para o ódio e a raiva que foram fomentados em algum outro lugar”; e ainda aqueles “confusos ou curiosos, que podem mergulhar nessa ideologia por um tempo e depois seguir em frente”.

Já Bruna identifica diferentes “graus de masculinismo”, em qualquer grupo da manosfera. Os MGTOWs são exemplo disso: enquanto alguns rejeitam qualquer contato com mulheres, outros defendem a ideologia mesmo sendo casados.

Nos EUA, a manosfera é mais organizada e há uma delimitação mais clara entre os grupos, que não é vista no Brasil. Mas, em meio aos diversos graus, as subculturas acabam se misturando.

Bruna encara todos os graus de masculinismo com receio. Ela alerta para o espaço que os *influencers* e *coaches* da *red pill* têm conquistado, a partir de dis-

cursos misóginos “sobre como a mulher tem que ser e como conquistar mulheres”. Mas também se preocupa com os incels, devido à sua maneira “muito silenciosa” de atuar.

Segundo Debbie, os incels têm “um conjunto mais distinto de características, que tende a atraí-los para comunidades on-line específicas”. Dentre seus traços estão a falta de experiências sexuais, a baixa autoestima, a imagem negativa sobre o próprio corpo, o isolamento social e um histórico de sofrimento com bullying. Muitos também alegam ser autistas.



Michael Kimmel, professor emérito de Sociologia e Estudos de Gênero da Universidade Stony Brook, de Nova York, considera que a maioria da manosphere é “inofensiva”, pois representa um lugar onde homens que se sentem isolados, solitários e abusados buscam contato com outros homens de opiniões similares.

“Às vezes, eles procuram validação e apoio para suas visões misóginas”, explica Kimmel. No passado, eles podem ter achado que eram os únicos a se sentir sozinhos e isolados, mas, atualmente, compõem uma espécie de comunidade.

Lola concorda que a maior parte dos masculinistas não é perigosa. Muitos são menores de idade, cujos pais não sabem dos conteúdos propagados na in-

ternet. A blogueira explica que, geralmente, em movimentos extremistas, alguns membros — uma parcela que ela não sabe precisar — são “mais extremistas que os outros” e “mais fáceis de serem levados para o terrorismo”. Mas os demais também são maleáveis e vulneráveis: “Muitos deles podem ser esculpidos para virar terroristas”.

Para Bruna, nenhum dos masculinistas é ingênuo: todos são “totalmente munidos de ódio e autopiedade”. “Podem até entrar de forma ingênua, porque às vezes não são sociáveis, estão buscando um grupo, buscando reconhecimento, buscando se pertencer de alguma forma”, ressalva. “Mas, a partir disso, eles vão desenvolvendo essa misoginia”.

Villela explica que é impossível dizer se a maioria dos masculinistas é perigosa, já que boa parte deles se esconde atrás de avatares e perfis falsos nas redes sociais. Mas, assim como Lola, ele entende que a distinção entre homem perigoso e garoto ingênuo “não é confortável ou aliviadora, pois esse mesmo garoto ingênuo pode ser cooptado e se tornar alguém perigoso”.

O pesquisador ressalta que, embora nem todo masculinista protagonize atentados violentos, muitos ainda podem ser violentos em suas casas, com familiares e outras pessoas próximas, sem que isso chegue a ser oficialmente contabilizado. “E, mesmo assim, apenas a possibilidade de que novos atentados surjam oriundos de homens da manosphere já é um perigo que não podemos tolerar”, conclui.



O barulho da fúria

Após monitorar um fórum incel estrangeiro, resolvi explorar, em meados de março de 2023, os fóruns da manosphere brasileira. Neles, a experiência não foi a mesma, especialmente porque tais sites são bem menos movimentados que o incels.is, por exemplo.

O principal fórum incel em inglês tem centenas de discussões por dia, quase 10 milhões de *posts* no total e mais de 20 mil usuários cadastrados. Já nos fóruns masculinistas brasileiros, algumas das discussões mais recentes eram de meses atrás.

Um dos ativos atualmente na *surface web* é o Legado Realista, pertencente ao Movimento da Real, uma das comunidades mais antigas da manosphere brasileira, que já passou por diversos sites e plataformas. O Legado Realista tem pouco mais de 2,9 mil membros cadastrados, mas dificilmente conquista muito mais do que 500 acessos simultâneos. Desde 2017, ano de criação do fórum, foram publicadas cerca de 86 mil mensagens em 4,4 mil tópicos — muito menos do que o incels.is.

Os membros da Real são conhecidos por diversas alcunhas, como realistas, guerreiros da Real e, ainda, búfalos. Por isso, outro site ligado ao movimento e ainda ativo (desde 2011) é o Fórum do Búfalo, que tem uma média de apenas 13 mensagens por dia. Ao todo, são 37,1 mil membros cadastrados e 256 mil mensagens em mais de 10,2 mil tópicos.



“Homens muito fracassados que odeiam mulheres”. São essas as características em comum entre masculinistas que carregam diferentes perfis, de acordo com Lola. Ela aponta que, nos EUA, muitos deles são homens mais velhos, divorciados, que já tiveram relacionamentos, mas enfrentaram frustrações em suas experiências amorosas e, por isso, passaram a generalizar e detestar todas as mulheres.

No Brasil, o perfil atual é mais jovem, dominado por garotos no Discord. Mas nem sempre foi assim. Os *Homini Sanctus* do Dogolachan já eram mais velhos na época em que começaram a perseguir Lola. Psytoré hoje tem 37 anos, enquanto seu antigo amigo Emerson Eduardo Rodrigues tem 45. “Não são crianças. Eles sabem muito bem o que estão fazendo”, indica a blogueira.

Na avaliação da professora, os masculinistas só conseguem viver com discurso de ódio. “É uma vida muito triste, porque eles não conseguem sair disso. Eu não conheço nenhum mascu que melhorou de vida depois de entrar no movimento”, diz.

Para ela, o perigo da manosfera não se resume à misoginia. Muitos mascus também são negacionistas e golpistas — até por isso, apoiaram o ex-presidente Jair Bolsonaro durante anos na sua escalada até o Palácio do Planalto, especialmente devido à promessa de liberar o porte de armas. “Eles sonham com

o caos e fantasiavam com o fim do mundo, no qual eles poderiam sair às ruas armados, estuprar mulheres e matar todo mundo”, reflete Lola.

A blogueira lembra que os masculinistas “ficaram super revoltados e boicotaram o filme pós-apocalíptico *Mad Max: Estrada da Fúria* (*Mad Max: Fury Road*, 2015) à época de seu lançamento. O roteiro gira em torno de uma rebelião, capitaneada pela guerreira Imperatriz Furiosa, contra o líder de um culto e seu exército. Segundo Lola, eles perceberam que, “mesmo nesse cenário dos sonhos deles — o cenário de apocalipse total —, ainda assim haveria mulheres que resistiriam e seriam mais fortes do que eles, como a Furiosa”.

Lola não tem uma preocupação maior com algum grupo específico da manosfera, pois não vê tanta diferença entre eles. “Muitas vezes são os mesmos frequentadores”, aponta. Os incels, por exemplo, não se limitam aos seus próprios fóruns e passam a frequentar outros recantos masculinistas. “E, muitas vezes, outros setores da manosfera são muito mais aceitáveis socialmente do que os fóruns anônimos”, completa.

Ela se refere principalmente aos *influencers* da *red pill*, cuja ascensão a preocupa. Segundo a professora, antes dos governos Bolsonaro e Trump, era “muito raro” encontrar um *youtuber* da manosfera “falando abertamente todas as bobagens que eles falam hoje, dando a cara, com o nome deles”. Até então, o anonimato reinava. Segundo ela, a ascensão da extrema-direita fez os mascus perceberem que o preconceito não vinha sendo punido, mas sim, recompensado.



Lola não tem dados concretos sobre o Brasil, mas sente que as comunidades da *manosfera* vêm crescendo, especialmente as que não se escondem.

Bruna não constata uma mudança na forma de interação e no comportamento dos masculinistas. Apenas entende que a *manosfera* está “muito mais barulhenta” atualmente. “A internet está cada vez mais rápida. As informações chegam mais rápido do que a própria verdade. Mas eles sempre foram assim”, aponta.

Debbie concorda que as comunidades têm se tornado mais barulhentas, parcialmente amplificadas pela mídia. Segundo as pesquisas em que se baseou, a *manosfera*, internacionalmente, também cresceu em termos de seguidores e de volume de publicações. Além disso, em quase todas as comunidades masculinistas, uma minoria bem pequena dos membros é responsável pela vasta maioria do conteúdo (e do barulho).

Villela confirma que tais comunidades vêm aumentando. Embora seja fácil supor o público dos *chans*, eles são sites “muito obscuros”, o que dificulta uma análise profunda sobre a evolução de seus frequentadores ao longo dos anos.

“Fato é que, mesmo sendo grupos de nicho no passado, sua virulência e grau de violência sempre foram altíssimos. Agora, com o processo de tornar esses discursos *mainstream*, sinto que o público aumenta, embora o ‘barulho’ e o conteúdo problemático já estivessem lá desde sempre”, finaliza.



Desmaculinistização

No Legado Realista, um dos membros compartilha um texto antigo da manosfera brasileira, datado de 2011, que discute os “padrões tóxicos” de beleza impostos pelas “modernetes”, em especial a “cultura dos bombados”.

Segundo a publicação, as mulheres não sabem diferenciar homens que tomam anabolizantes (“bomba”) para ganhar massa muscular daqueles que frequentam a academia “com regularidade e disciplina”, o que é tido como injusto pelo autor.

“A mulher sempre avalia o produto final e nunca os meios”, diz o texto. “O homem que faz musculação para ‘pegar’ mulher está comprando poder. O poder comprado será usado para namorar, fazer sexo casual, ter várias amantes, sair com as mulheres mais gostosas. Esse poder terá uma enorme utilidade para os homens, pois as mulheres são incapazes de resistir a esse poder com a precária educação delas”.

Outro mascu reclama de uma reportagem de março do programa “Fantástico”, da *TV Globo*, que explicava o que é a manosfera e a *red pill*, com gancho no caso envolvendo a atriz Livia La Gatto e o “coach do Campari”, Thiago Schutz.

“A reportagem foi muito tendenciosa em vários aspectos. Usaram vários lacradores para reforçar um estereótipo da *red* como fosse de misoginia, o que na verdade não é”, diz ele. “Sabia que quando chegasse na mídia *mainstream* teria uma deturpação muito grande. A machosfera foi usada como bode expiatório”.

O *post* teve bastante engajamento. Nos comentários, um masculinista demonstra receio: “A matéria da Globosta foi bem superficial e só teve o intuito de difamar e mostrar um ‘movimento extremista e radical’ para as pessoas. O que me preocupa mesmo é quanto à questão jurídica, se isso poderá se escalar no futuro para algo bem pior”.

Já outro insinua uma armação: “Coincidência isso explodir e sair matéria no ‘Fantástico’ logo na semana do Dia da Mulher. A brincadeira só tá começando”.

O 8 de março foi um dos dias mais ativos na história recente do Legado Realista. Em publicação do mesmo dia, outro usuário comenta sobre a notícia de que alguns deputados federais pediram a cassação do mandato do bolsonarista Nikolas Ferreira (PL-MG) e enviaram ao Supremo Tribunal Federal notícias-crime por transfobia contra ele. Na ocasião, o deputado foi à tribuna da Câmara para atacar mulheres trans — as quais ele chamou de “homens que se sentem mulheres”. Ele colocou uma peruca, alegou (em tom de zombaria) que tem gênero fluido e disse que “se sente mulher”, o que lhe daria “lugar de fala”.

No fórum, o mascu reclama que “querem cassar um deputado por questionar a ideologia de gênero”. Um colega responde: “O Nikolas está sendo perseguido pelas mulheres por defender as mulheres!”.

A LGBTfobia é recorrente no site. Em outro *post*, um realista diz que “nos últimos dez anos todos estão percebendo a propagação dessa esquizofrenia chamada cultura LGBT”. Em seguida, questiona: “Como essa loucura ganhou tanta proporção em tão pouco tempo?”.

Em resposta, outro guerreiro da Real cita diversos fatores, como “ambiente familiar disfuncional”, falta de resistência da Igreja (que, segundo ele, vem perdendo credibilidade) e até incentivo governamental e das empresas privadas, como meios de comunicação.

Outro *channer* completa o raciocínio: “Essa gente tá por aí fazendo o que bem entender, na maior putaria, e ninguém tá dando a mínima. Dois barbados podem ficar por aí na rua se beijando, enfiando o dedo um no cu do outro e ninguém dá a mínima. Você não pode nem mais fazer piada sobre viadagem. Tudo vira motivo pra lacração e tentar te incriminar por homofobia. A promiscuidade tá liberada. Mas você não pode nem mais falar o que pensa”.



Os problemas causados pela manosphere têm solução. Para Debbie, isso passa por uma educação que ensine as crianças, desde cedo, sobre igualdade, respeito e consentimento, além de alfabetização crítica, ética e cidadania digitais.

Lola também ressalta o poder da educação como trabalho preventivo: “É simplesmente ter diálogo, para que as crianças e os adolescentes possam falar sobre todas as coisas que os afligem e não sejam presas tão fáceis de grupos de ódio na internet”, aponta.

A professora prevê mais iniciativas de proteção às mulheres a partir da volta de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à Presidência da República: “É uma questão de tempo”. Com novos projetos que combatam a masculinista e seus efeitos, ela pressente um desespero entre os masculinistas. “Eles vivem de conspirações. Eles acreditam realmente que a verdadeira vítima do mundo e o verdadeiro perseguido hoje é o homem branco e hétero. Com novas leis, eles vão ficar mais neuróticos ainda”, diz.

Na sua visão, o mínimo a se fazer é um monitoramento adequado por parte das polícias — o que já vem ocorrendo, especialmente desde a Lei Lola. Segundo a blogueira, a PF vem entendendo que a hora de agir é quando se constata materiais como bombas caseiras, socos-ingleses, máscaras — a exemplo da balaclava de caveira, ligada a grupos supremacistas brancos e neonazistas — ou mesmo suásticas.

Em 2015, o governo federal criou o Humaniza Redes, um portal que funcionava como ouvidoria contra conteúdos de ódio e outras violações de direitos humanos na internet. “Era uma ferramenta muito útil para denúncias”, avalia Lola. A rede saiu do ar com o fim do governo da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) no ano seguinte.

Também no governo Dilma, foi criado o Disque 100, serviço de recebimento de denúncias inicialmente voltado a casos de exploração e abuso sexual de crianças e adolescentes, mas que, ao longo dos anos, ganhou módulos e canais específicos para diversas outras violações de direitos humanos.

Fora do âmbito estatal, a ONG SaferNet, voltada à promoção dos direitos humanos na internet, também recolhe denúncias do tipo até os dias atuais. As denúncias específicas sobre misoginia — recordistas dentre todas as categorias em 2022, com 20.924 ocorrências até outubro — foram implantadas pela ONG justamente devido à perseguição sofrida por Lola.

Na conclusão de sua tese de doutorado, Bruna destaca a necessidade de se pensar em políticas públicas para “desradicalizar o país”. Isso porque a manosfera e a misoginia, segundo ela, estão ligadas à extrema-direita como um todo.

A ideia não é apenas punir: “Não é colocando uma pessoa dessas dentro da cadeia que o país vai resolver o masculinismo. É preciso entrar na cabeça dela e entender o contexto em que ela foi radicalizada”. Fora isso, é importante pensar em formas de investigar e se infiltrar nos espaços da manosfera, “para entender como eles estão funcionando”.

Em dezembro de 2022, durante a transição de governo, uma equipe formada por Lola e outras 11 pessoas produziu um relatório sobre formas de impedir ataques a escolas. A principal conclusão foi pela necessidade de monitoramento de canais e cédulas de extrema-direita nas redes sociais, além da atuação de agências de inteligência em casos do tipo.

Em fevereiro de 2023, o ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Almeida, criou um grupo de trabalho para apresentação de estratégias e proposição de políticas públicas contra o discurso de ódio e o extremismo. A ideia é assessorar o ministro e promover estudos sobre o tema. O GT conta com re-

presentantes do governo federal e da sociedade civil, dentre os quais a própria Lola.

Já em abril, o mesmo Ministério inaugurou, dentro do Disque 100, um número de WhatsApp e um novo protocolo para o envio de denúncias referentes a ameaças de violência em escolas.

Outro ponto do combate à *manosfera* é a responsabilização das plataformas que “dão palco” a discursos de ódio. Há mais de dez anos, Lola defende um controle melhor dos conteúdos impulsionados nesses espaços virtuais.

A blogueira conta que, certa vez, após assistir a uma entrevista que ela mesma havia concedido, o YouTube lhe recomendou um canal masculinista monetizado, que xingava e espalhava fake news sobre a professora.

Lola vê as plataformas incentivando o crescimento de canais e conteúdos masculinistas. “É muito mais fácil você conquistar uma pessoa falando de ódio e teorias da conspiração do que de direitos humanos e como melhorar o mundo”, reflete.

Villela propõe a implementação de políticas públicas para garantir que as plataformas façam algo: “Em tese, as redes sociais deveriam se preocupar com isso. Mas, caso nada seja feito (e vemos cada dia mais comunidades *red pill* nas redes sociais, e não menos), acredito que seja importante que medidas sejam tomadas por parte dos governos”.



Direitos dos homens

No Fórum do Búfalo, os mascus debatem desde 2011, em uma mesma *thread*, o acesso da população a armas de fogo. Em um comentário de 2023, um deles diz que as armas permitidas no Brasil têm “calibres anêmicos” e sonha com fuzis de US\$ 900, lunetas com zoom 16x e munições à vontade.

Em outra *thread* iniciada no último ano, os búfalos debatem as declarações do ex-deputado estadual paulista Arthur do Val (à época, no Podemos, hoje no União Brasil) sobre mulheres ucranianas que fugiam da guerra contra as forças russas. Em março de 2022, veio à tona um áudio em que o então parlamentar estadual (cujo mandato foi cassado após o episódio) fez comentários vulgares sobre a aparência e a simpatia das refugiadas e disse que “elas são fáceis porque são pobres”.

O autor da publicação no fórum questiona: “Qual o problema de ter falado que ucraniana é gostosa?”. Em um dos comentários mais recentes, um búfalo minimiza a importância das falas: “Desde o início da guerra, tenho seguido muita gente de lá no Twitter. Bem pouca mulher falou deste caso lá”. Outro corrobora: “A maioria nem liga pra isto, umas só tiraram onda com o cara”. E complementa: “Se fosse uma lésbica no lugar do Arthur, ninguém falaria nada”.

Durante o último Carnaval, foi ressuscitado um tópico de 2013 em que um realista explica “por que você não deve deixar sua mulher dançar”. Ele compartilha uma imagem de uma mulher rebolando, com a legenda: “Seja homem. Não a deixe dançar como uma vadia. Não se faça de moderninho. Vocês dois sabem que mulher comprometida não deve dançar como uma vadia”.

No texto abaixo da imagem, o masculinista continua seu raciocínio: “O único lugar em que deve ser permitido rebolar à (sic) vossas namoradas é em vossos respectivos caralhos”; “Nenhum homem com bolas gosta de ver sua fêmea dançando”; “Por acaso você acha que uma moça que quer ficar dançando roçando o cu na vara de outros machos merece ser premiada com um relacionamento sério?”; “Mulher que dança merece doses esporádicas de esperma e nada mais”.

Dez anos depois, os comentários dos colegas seguem as mesmas premissas: “Se a mulher gostar muito de dançar, ela deve se limitar a dançar única e exclusivamente pra você, no seu perímetro, sem movimentos de Kama Sutra”.



Todos os personagens da manosphere entrevistados para este livro (cuja história foi abordada nos capítulos anteriores) disseram que não odeiam as mulheres. Tal discurso é comum entre os masculinistas “visíveis”, que se assumem publicamente.

Mas Michael Kimmel afirma que é “inerente” à ideologia incel, por exemplo, a atribuição de culpa às mulheres pela sua condição de celibatários: “Eles podem não odiar as mulheres, mas eles as culpam por suas adversidades. Eles são misóginos, ainda que não queiram admitir”.

Na visão de Bruna, alguns masculinistas de fato não odeiam as mulheres e até se relacionam com elas, mas ainda perpetuam um discurso misógino. Como exemplo, ela cita Thiago Schutz: “Ele não odeia as mulheres, mas ele se relaciona com mulheres que se comportam de determinada forma, que não são feministas. E isso também é ser masculinista”.

Para Debbie, a lógica masculinista de que os homens têm menos poder do que as mulheres é incoerente. “Eles veem um enfraquecimento quando comparam com modelos arcaicos de privilégios patriarcais”, explica a professora irlandesa. “O entendimento deles sobre poder é de que eles precisam tomá-lo de volta das mulheres, como se fosse um jogo de soma zero”.

Ela acredita que o pós-feminismo (conjunto de correntes críticas às ideias feministas predominantes e mais populares) contribuiu para a concepção dos dogmas masculinistas: “Mitos pós-feministas de que a igualdade já havia sido atingida e de que as mulheres ‘tinham tudo’ permitiram tal pensamento”.

Debbie considera que a misoginia extrema de fato, provavelmente, vem de uma minoria relativamente pequena da manosphere, mas ressalta: “Eu não vejo esses *influencers* que dizem não ser misóginos se manifestando contra a misoginia”.

Já Villela aponta que a negação é comum entre ideologias extremistas. “Difícilmente alguém que defende e expressa discurso de ódio se assume como racista ou misógino”, indica. Em 2016, membros assumidos da Ku Klux Klan na fronteira entre os estados norte-americanos da Carolina do Norte e da Virgínia disseram à agência de notícias *Associated Press* que não são supremacistas brancos.

Para o pesquisador, deve ser analisada a materialidade de tais discursos. “Um discurso que prega que o valor ou os interesses do homem estão acima do da mulher, ou que o homem foi feito para prover, trabalhar e seduzir, enquanto à mulher é relegado o papel de cuidar e ser seduzida, só pode ser um discurso machista”, exemplifica.

“Discursos que pregam que a mulher não pode fazer X ou Y, pois isso é um desrespeito com ‘seus homens’, sugerem um discurso de ódio e, ainda que nas entrelinhas, uma violência contra elas”, continua. De acordo com ele, são problemáticas as falas que “parecem implicitamente” endossar a misoginia.

Lola destaca que a negação da misoginia sempre esteve presente no discurso masculinista e aponta que isso se estende aos massacres: “É sempre um monte de gente falando: ‘Não, não temos nada a ver com isso, somos contra, isso aí é só uma minoria’”.

Entre 2012 e 2016, esteve no ar o blog de um masculinista conhecido apenas como Pobretão de Vida Ruim, que focava em contar histórias de seu sofrimento com finanças. O autor também se queixava de não conseguir arrumar uma namorada.

Lola lembra que muitos *posts* eram extremamente misóginos e racistas. O Pobretão também não se considerava misógino. “Acho que nem o Elliot Rodger se considerava misógino”, reflete Lola.

A explicação para essa contradição é óbvia na visão de Lola: “Você não vai ser muito bem aceito socialmente se você já chegar usando o vocabulário que você usa num fórum — por exemplo, chamando todas as mulheres de vadias. Numa sociedade minimamente razoável, você vai ser excluído. Ninguém vai querer falar com você. Ou só pessoas que pensam como você vão querer falar contigo. E não em público também, porque elas não querem ser associadas com isso”.

Para ela, não são confiáveis as versões dos masculinistas que alegam não odiar as mulheres — especialmente nos casos de *influencers* da *red pill*, que discursam em plataformas com diretrizes próprias. “Eles têm que moderar o discurso porque eles são monetizados”, ressalta. “Se exagerarem no ódio, eles podem ser desmonetizados ou até removidos”.

Segundo a blogueira, mascus como os MGTOWs mostram, em seus vídeos, um “discurso ensaiado” para negar sua misoginia e seu apoio à violência. Mas, quando fazem *lives*, em que precisam ser mais espontâneos, “eles mostram o que são” — generalizam as mulheres, proferem insultos e dizem abertamente que as consideram inferiores.

Lola defende que os homens têm o direito de “lutar por causas legítimas”, a exemplo do preconceito contra homens que atuam como enfermeiros ou com

trabalho doméstico. Mas ela nunca viu movimentos do tipo, nem mesmo masculinistas que defendessem tais pautas:

“O único direito que eles querem é o direito de odiar, oprimir, xingar e stalker mulheres”.



